



SANTA TERESA
DE JESUS

G
+
CASTELO
INTERIOR

Título original
Castillo Interior o Las Moradas

IMPRIMATUR

Dom José Antônio Peruzzo
Arcebispo Metropolitano de Curitiba
Curitiba, 25 de maio de 2016

NIHIL OBSTAT

Padre Nilton César Boni, CMF
Censor

Apresentação: Frei Patrício Sciadini, OCD
Edição: Vítor Fortes
Capa: Márcia de Oliveira Corrêa Côrte-Real
Revisão gramatical: Benedito Costa Neto
Tradução: Antônio Carlos de Souza

Copyright © 2016 Antônio Carlos de Souza
Todos os direitos reservados.

Imagem da capa: *Santa Teresa de Jesus*,
acervo da Biblioteca Nacional da Espanha

Este livro foi escrito por Santa Teresa de Jesus
para glória de Deus que vive e reina eternamente.

Produzido no Brasil

T316c

Teresa de Jesus, Santa, 1515-1582
O Castelo Interior / Santa Teresa de Jesus
Tradução de Antônio Carlos de Souza
Curitiba: VSFortes, 7/2023 – 355 p.
Título original: *Castillo Interior o Las Moradas*

ISBN 978-85-92-85001-2

1. Religião – Catolicismo

CDD 230

CDU 2-1/-9 (36)

SANTA TERESA
DE JESUS



CASTELO
INTERIOR

APRESENTAÇÃO
FREI PATRÍCIO SCIADINI, OCD

3ª EDIÇÃO

CURITIBA, 2023

“

*CADA VEZ
QUE VOCÊS
LEREM
ESTE LIVRO,
LOUVEM
MUITO
A NOSSO
SENHOR
JESUS CRISTO
EM MEU
NOME.*

”

Santa Teresa
de Jesus

Apresentação

Frei Patrício Sciadini, OCD

Santa Teresa d'Ávila não deixa de nos surpreender com suas intuições humanas, psicológicas e... divinas. Fundamentando toda a sua experiência na Palavra de Deus, nos Evangelhos e no Magistério da Igreja, ela mesma é palavra viva do Deus vivo; uma resposta sempre atual aos mais profundos anseios do coração humano. A sua doutrina não passa, embora seja necessário saber lê-la com os olhos de ontem, de hoje e de amanhã. E atualizá-la, para que seja sempre como uma chama que não se apaga. Todos os seus escritos nascem do seu coração, ferido de amor por Deus e pela Igreja. Mas também, ferido pelas divisões internas da Igreja e do próprio Carmelo, que ela tanto ama.

No famoso 24 de agosto de 1562, festa de São Bartolomeu, a cidade de Ávila acorda e descobre

que ganhou um novo mosteiro, das Carmelitas Descalças. Esse início simples, pequeno como o grão de mostarda, causa alvoroço na cidade de belas muralhas, que acredita não poder sustentar mais um mosteiro. Lentamente a confusão se aplaca, e o mosteiro, que Teresa dedica a São José, torna-se uma luz que vai iluminando não só a Espanha, mas o mundo inteiro. Desde então, começa o peregrinar da *andariega de Dios* pelos quatro cantos da Espanha, levando esperança a todos e uma nova forma de viver a vida consagrada. As andanças da Santa continuam até a sua morte, a 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes, cansada e um pouco (ou quem sabe muito) desgostosa de ver que o seu Carmelo está tomando um rumo diferente do que ela queria. Santa Teresa de Jesus não inventa teorias nem levanta hipóteses sobre o seu caminho espiritual. Mas narra, com uma vivacidade única, a experiência de ver a própria alma sendo invadida por Deus. Narra o que vive e como vive esse encontro com o Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O amor, como ela mesma dirá de muitas maneiras, não é algo que possa ser teorizado, mas apenas vivenciado: “Eu só falo do que sei por experiência”. O que fascina

em todos os seus escritos é a sua vida, que suscita em todos nós, não um interesse intelectual, mas sim um grande desejo de imitá-la. Lendo Teresa, percebemos que o nosso pequeno mundo interior é tão pobre de conhecimento de Deus que desejamos colocar em prática o que ela ensina às suas filhas, as Monjas Carmelitas: “Entre nós, mulheres, compreendemo-nos melhor”. Pois, assim também nós, os devotos de Teresa, entendemo-nos melhor uns com os outros.

Deus nos escritos de Teresa

Todos os escritos de Teresa são, sem exceção, como uma esponja encharcada de Deus. Há neles uma só preocupação: Falar de Deus. Deus domina o coração, a vida e as obras de Teresa. Não há um só escrito seu que não fale de Deus. Para ela, não é difícil falar de Deus. Aliás, ela não conseguiria, nem se quisesse, deixar de falar de Deus. Em tudo o que Teresa escreve e até mesmo no que não escreve, transparece uma comunhão e união de vida com Deus tão grande que só podemos intuir, mas não, descrever, porque não a temos.

Sabemos que há uma profunda sintonia entre Madre Teresa e seu *Senequita*¹, João da Cruz. É difícil dizer quem dirige quem. É Madre Teresa que orienta o jovem João da Cruz nos caminhos de Deus, ou é João da Cruz que dirige Teresa nos caminhos do Espírito? Creio que existe aqui uma interdependência que não podemos conhecer, pois as cartas que eles se escreviam foram todas destruídas, pela vontade dos dois, para que não caíssem nas mãos da Inquisição.

Todos concordam que a obra máxima da espiritualidade teresiana é *O Castelo Interior*, escrito para substituir o *Livro da Vida*, que tinha sido confiscado pela Inquisição. Teresa amava este livro e via nele um *vade mecum*² que podia ajudar muito as suas irmãs. Por isso, temia não poder reavê-lo e falava sobre isso tão insistentemente com o seu amigo, Padre

¹ *Senequita*: Pequeno Sêneca. Trata-se de uma referência ao filósofo Sêneca e à baixa estatura de São João da Cruz.

² *Vade mecum*: Expressão latina que, numa tradução livre, pode ser entendida aqui como “guia espiritual”.

Graciano, que ele, por fim, quase perdendo a paciência, lhe diz: “Se não podemos ter de volta o *Livro da Vida*, escreva outro sobre o mesmo assunto”. É dessa difícil e agradável obediência que Teresa nos fala no início do *Castelo...* Os santos são assim: pedem até que obtêm licença para fazer o que desejam. São cabeças duras, mas sempre obedientes ao Espírito Santo e aos superiores.

O Castelo Interior foi escrito a “toque de caixa”, em menos de seis meses, ao mesmo tempo em que Teresa continuava a fazer o que devia fazer no seu dia a dia, com todas as suas outras ocupações e trabalhos. No tempo que “sobrava”, ela escrevia, não com a cabeça, mas principalmente com o coração, relatando a sua experiência, sem tempo para reler, com uma escrita rápida que hoje coloca em dificuldade quem não conhece bem a maneira de escrever do Século de Ouro.³

³ Século de Ouro: Período de 1550 a 1650 em que a produção cultural atingiu o seu apogeu na Espanha.

Para ajudar na leitura, acrescentei um *Pequeno Dicionário do Castelo Interior*, nas últimas páginas do livro.

Em qual morada do castelo interior estamos?

É uma curiosidade inútil procurar saber em qual morada estamos. Recordo que, certa vez, uma santa religiosa perguntou-me: “Frei, o senhor, que entende destas coisas místicas, me diga: Em que morada eu me encontro?”. E eu lhe respondi sorrindo: “Você ainda está fora do castelo interior...”. Porque não depende de nós o acesso às moradas do castelo, é graça de Deus... Cabe a nós permanecer abertos à graça.

Sendo assim, não nos convém procurar saber em que morada estamos. É mistério de Deus, pois é Ele que nos guia e conduz.

A palavra de ordem, em cada uma das sete moradas do castelo, é a seguinte: PROGREDIR NO CAMINHO... Não voltar atrás e vigiar para impedir que, por descuido nosso, a graça de Deus retorne à estaca zero... Pois isso pode acontecer até mesmo a quem está na sétima morada...

Neste mundo fragmentado em que vive a sociedade atual, é muito importante a leitura do *Castelo Interior*. Uma sociedade que sofre de solidão busca preencher o seu vazio com coisas passageiras, com inutilidades, com falsificações da verdadeira amizade. No entanto, Teresa nos ensina que cada um de nós é uma casa habitada por Deus. E que sempre podemos entrar em nós mesmos para encontrar a Fonte da Vida, que é o Senhor, ou seja, as três pessoas divinas da Santíssima Trindade.

Hoje descobre-se Teresa não só como mística e escritora espiritual, mas também como investigadora da alma. Poucos penetraram tão profundamente a alma humana como Teresa e João da Cruz. A radiografia que eles fizeram do homem – com suas dobras e noites, e sombras – é excepcional. Por isso, ainda hoje a obra de Teresa atrai o interesse, não só da comunidade católica, mas de estudiosos das mais variadas áreas, como a literatura, pedagogia, filosofia, letras, psicologia, psicanálise, ciência da religião e até administração de empresas (estes últimos interessam-se principalmente pelo livro das *Fundações*), entre outras.

Lendo *O Castelo*, percebemos nitidamente que ali está o dedo de Deus. É uma leitura riquíssima, que resume a extraordinária jornada espiritual de Santa Teresa em busca do Criador: a caminhada de uma vida inteira. E, como ela diz, feita de erros, desvios, adiamentos... até encontrar definitivamente Aquele que "sabemos que nos ama". Não conseguimos captar na primeira leitura tudo o que Teresa tem para nos dizer, especialmente se ainda não superamos todas as etapas dessa jornada. Por isso, *O Castelo* é um livro para ser lido, relido e meditado ao longo de toda a vida, sob a luz do Espírito Santo.

Que Santa Teresa e a Virgem Maria do Carmelo nos tomem pela mão e nos conduzam até a morada central do castelo onde mora o Rei, Sua Majestade...

Frei Patrício Sciadini, OCD

Prólogo

Este tratado, intitulado *O Castelo Interior*, foi escrito por Teresa de Jesus, monja de Nossa Senhora do Carmo, para suas irmãs e filhas, as Monjas Carmelitas Descalças.

JHS

1. Poucas coisas, das que tenho feito em obediência às ordens de meus superiores, pareceram-me tão difíceis como escrever agora sobre oração. Primeiro porque sinto que o Senhor não me dá inspiração nem vontade. Depois porque há três meses minha cabeça está tomada por um zumbido e fraqueza tão grandes que até para tratar de negócios urgentes escrevo com dificuldade. Mas, considerando que a força da obediência costuma facilitar o que parece impossível, a vontade se determina a fazê-lo de bom grado, embora a natureza se aflija muito.

O Senhor não me deu virtude suficiente para lutar contra as contínuas enfermidades e cumprir as minhas variadas obrigações sem grande resistência interna. Socorra-me ele que tem feito outras coisas mais difíceis para me beneficiar e em cuja misericórdia confio.

2. Não poderei acrescentar quase nada ao que já disse antes quando me mandaram escrever. Receio que direi praticamente as mesmas coisas. Sou como os papagaios que não entendem o que ouvem e só sabem repetir muitas vezes aquilo que lhes ensinaram a falar. Se o Senhor quiser que eu diga algo de novo, Sua Majestade me instruirá. Se não, me recordará o que disse outras vezes, pois até com isso me contentaria.

Tenho a memória tão fraca que me daria por satisfeita se me lembrasse de algumas coisas que, segundo dizem, ficaram bem explicadas em outros escritos, mas que talvez tenham se perdido¹. Se nem isso o Senhor me conceder, e se ninguém tirar nenhum proveito do que eu

¹ Referência à autobiografia *Livro da Vida*, que estava em poder da Inquisição.

disser, terei lucrado em me cansar e aumentar a dor de cabeça por amor à obediência.

3. E assim começo a cumprir esta obediência no dia da Santíssima Trindade, ano de 1577, neste mosteiro de São José do Carmo, em Toledo, onde estou presentemente, sujeitando-me em tudo ao parecer dos grandes letrados² que me mandaram escrever.

Se eu disser alguma coisa em desacordo com o ensino da santa Igreja Católica Romana, será por ignorância e não por malícia. Disso se pode ter certeza. Pela bondade de Deus, sempre estive e estarei sujeita a ela. Seja para sempre bendito e glorificado. Amém!

4. Quem me mandou escrever disse que as monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo necessitam que alguém lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração. Parece-lhe que as mulheres se entendem melhor umas com as outras e, com o amor que elas têm por mim, seria mais apropriado que eu lhes falasse. Assim, escrevendo como quem fala com elas,

² Menção ao Padre Jerónimo Gracián, seu diretor espiritual, e ao Doutor Alonso Velázquez, seu confessor.

espero acertar em dizer algo proveitoso, mesmo porque parece loucura pensar que também possa vir a calhar para outras pessoas. Nosso Senhor me fará imensa graça se isto servir para que alguma delas O louve um pouquinho mais. Sua Majestade bem sabe que não pretendo outra coisa.

Quando eu disser algo de valor, elas certamente perceberão que não vem de mim. Não há razão para pensarem que vem, a menos que o discernimento delas seja tão escasso quanto a minha habilidade para semelhantes coisas, se o Senhor, por sua misericórdia, não me instrui.

Primeiras Moradas

Capítulo 1

Trata da beleza e dignidade das nossas almas. Faz uma comparação para mostrar isso. Diz o quanto importa compreender as graças que recebemos de Deus. Explica que a porta desse castelo é a oração.

1. Estava suplicando a Nosso Senhor que falasse por mim, porque não sabia o que dizer nem como começar a cumprir esta obediência, e foi-me dado o que direi agora para iniciar com algum fundamento.

Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de um cristal claríssimo, onde há muitos aposentos, à semelhança das muitas moradas que há no céu¹.

Pensando bem, irmãs, a alma do justo é um paraíso onde o Senhor se deleita, como ele mesmo disse². Mas como será o aposento onde

¹ João 14, 2.

² Provérbios 8, 31.

se rejubila um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro e tão rico? Nada se compara à beleza da alma e ao seu imenso potencial. Na verdade, o nosso intelecto, por mais agudo que seja, não chega a compreendê-la realmente, do mesmo modo que não pode compreender a Deus. Ele disse que nos criou à sua imagem e semelhança³. Sendo assim, não nos cansemos, tentando descrever a beleza desse castelo. Entre ele e Deus, há tanta diferença como há entre a criatura e o Criador. No entanto, basta Sua Majestade dizer que ela é feita à sua imagem para que possamos avaliar a imensa dignidade e beleza da alma.

2. É lamentável que, por nossa culpa, não conheçamos a nós mesmas nem saibamos quem somos. Não seria muita ignorância, minhas filhas, se perguntassem a uma pessoa quem ela é, e não soubesse responder nem dizer quem foi seu pai e sua mãe ou onde nasceu? Pois, se isso seria grande estupidez, incomparavelmente maior é a nossa quando não procuramos saber quem somos e só nos ocupamos destes corpos.

³ Gênesis 1, 26-27.

Sabemos que temos alma apenas porque ouvimos dizer, porque é isso que a fé nos ensina. Mas poucas vezes pensamos nas riquezas que ela pode encerrar, ou em Quem habita dentro dela, ou no seu imenso valor. E assim não fazemos quase nada para conservar a sua formosura. Toda a nossa atenção está voltada para o grosseiro engaste onde esse diamante precioso está fixado, e não para o próprio diamante. Dizendo de outra maneira, admiramos a beleza da muralha desse castelo (que são os nossos corpos), mas nunca penetramos os seus riquíssimos aposentos.

3. Consideremos agora que esse castelo tem muitas moradas: umas em cima, outras embaixo, outras nos lados. No centro, cercada por todas as demais, está a morada principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma. É imprescindível que vocês entendam bem essa comparação. Talvez seja vontade de Deus que eu possa por meio dela mostrar-lhes algo das graças que ele faz às almas e das diferenças que há entre essas mercês, até onde eu compreendo. São tantas graças que ninguém poderá conhecer todas, menos ainda

quem é tão ruim como eu. Quando o Senhor lhes conceder esses favores, vocês serão tomadas de grande alegria vendo o que ele é capaz de fazer. E quem não os receber louve ainda assim a Sua imensa bondade.

Do mesmo modo que não faz mal pensar na glória do céu e na felicidade dos bem-aventurados, mas antes alegramo-nos e procuramos alcançar a mesma sorte, tampouco nos fará mal ver que é possível, ainda neste desterro, comunicar-se tão grande Deus com uns vermes cheios de mau odor e amá-los com bondade e misericórdia infinitas.

Quem se escandaliza ao saber que Deus pode conceder tais graças neste desterro está por certo muito carente de humildade e de amor ao próximo. Como não sentir alegria ao ver que o Senhor favorece um irmão? Sua Majestade revela suas grandezas a quem quer. E isso não impede que o faça também a nós. Algumas vezes, será só para mostrá-las, como explicou aos apóstolos quando Lhe perguntaram se o cego a quem curou era cego por causa de seus pecados ou pelos de seus pais⁴. Desse modo, acontece de

⁴ João 9, 2-3.

o Senhor conceder graças a uns, não porque sejam mais santos do que outros que não as recebem, mas para que se conheça a Sua grandeza, como vemos em São Paulo e Santa Madalena, e para que o louvemos em suas criaturas.

4. Alguém poderá dizer que tais coisas parecem ser impossíveis e que é melhor não escandalizar os fracos. No entanto, a incredulidade de alguns não é motivo para se deixar de beneficiar àqueles a quem Deus escolheu, pois esses se alegrarão e despertarão para amar mais a Quem distribui tantas misericórdias com imenso poder e majestade.

Sei que falo com quem não corre esse perigo, pois vocês sabem e creem que Deus dá provas de amor muito maiores. Quem não crê nisso não O verá por experiência própria, pois ele não gosta que imponham limites a suas obras. Queira Deus, irmãs, que aquelas que o Senhor não levar por esse caminho não caiam nesse erro.

5. Voltando então ao nosso belo e agradável castelo, vejamos como entrar nele. Sei que parece tolice falar assim, porque, se o castelo é a alma, está claro que ela não precisa entrar nele,

já que os dois são uma só coisa. Seria absurdo pedir a alguém para entrar num aposento onde já está. Mas notem que há vários estados de alma. Muitas almas ficam em volta do castelo onde estão os que o guardam. Não querem entrar, porque não podem imaginar quantos tesouros há nesse lugar magnífico, ou Quem está dentro dele, ou como são belos os seus aposentos. Vocês já devem ter encontrado alguns livros de oração que aconselham a alma a entrar em si mesma. Pois então, é isso que devemos fazer.

6. Um grande letrado dizia-me há pouco que as almas sem oração são como um corpo paralítico: embora tenha pés e mãos, não pode comandá-los. E são mesmo. Há almas tão doentes e habituadas às coisas exteriores que parecem fadadas a nunca entrar em si mesmas. É tão arraigado o hábito de conviver com os vermes e as feras dos arredores do castelo, que se tornaram quase como eles. Embora sejam de natureza tão rica que poderiam manter conversação com o próprio Deus, vivem totalmente afastadas dele. Se não procuram compreender e remediar sua grande miséria,

entrando em si mesmas, transformam-se em estátuas de sal, como a mulher de Ló, que estacou olhando para trás, em vez de seguir em frente⁵.

7. Até onde sei, a porta de entrada desse castelo é a oração e a reflexão. Tanto faz que seja oração mental ou vocal. O que realmente importa para ser oração é que haja reflexão. Se não se atenta com Quem se fala, o que se pede, quem pede e a Quem pede, não chamo a isso oração, ainda que os lábios se movam muito. Se for, eventualmente, será porque se teve esses cuidados antes. E se alguém tem o costume de se dirigir à Majestade de Deus como a um criado, sem ao menos reparar no que diz, mas se repete maquinalmente o que decorou depois de recitá-lo muitas vezes, saiba que também não o considero oração. Queira Deus que nenhum cristão reze assim. Espero em Sua Majestade que isso não aconteça entre nós, irmãs. O zelo com que vocês tratam as coisas interiores é muito bom para prevenir semelhante grosseria.

⁵ Gênesis 19, 26.

8. Não me dirijo a essas almas entrevadas, como o homem enfermo que passou trinta anos junto à piscina de Betesda⁶. Se o Senhor não manda que se levantem, são muito desventuradas, pois correm grande perigo.

Falo às que enfim entram no castelo. Essas têm boa vontade, apesar de estarem ainda muito ligadas ao mundo. Às vezes, encomendam-se a Nosso Senhor e meditam sobre quem são, mesmo que brevemente. Rezam uma vez por mês, com o pensamento perdido em mil negócios. Estando muito apegadas a eles, o seu coração volta-se para onde está o seu tesouro, como se diz⁷. De tempos em tempos, propõem-se desapegar-se do mundo. E já é grande progresso essa disposição de olhar para si mesmas e reconhecer que não estão bem encaminhadas para encontrar a porta do castelo. Por fim, entram nas primeiras salas de baixo. Mas trazem consigo muitos vermes que não lhes deixam sossegar nem ver a beleza do lugar. De qualquer maneira, fazem muito em entrar.

⁶ João 5, 2-8.

⁷ Mateus 6, 21.

9. Pode parecer, filhas, que eu esteja divagando, já que, por bondade do Senhor, vocês não são dessas. Tenham paciência, porque de outro modo não saberia explicar o que aprendi sobre algumas coisas interiores de oração. Queira Deus que eu acerte em dizer algo, pois é assunto extremamente difícil de entender quando não se tem experiência. Os que a têm sabem que o máximo que se consegue fazer é tocar superficialmente os mistérios do Senhor, se ele não nos toca por sua misericórdia.

Capítulo 2

Mostra como é feia a alma em pecado mortal e como Deus quis revelar algo disso a certa pessoa. Trata da necessidade de a alma se conhecer a si mesma. Explica como estas moradas devem ser entendidas.

1. Antes de passar adiante, quero lhes mostrar que é feito desse castelo tão resplandecente e formoso, dessa pérola oriental, dessa árvore da vida plantada nas águas vivas da vida que é Deus, quando cai em pecado mortal. Não há trevas mais medonhas, nada tão escuro e negro. Basta ver que até o Sol, que lhe dava tanto brilho

e formosura, obscurece-se como se já não estivesse no centro da alma, muito embora ela seja ainda perfeitamente capaz de gozar de Sua Majestade, tanto como o cristal é capaz de refletir o sol. Contudo, nenhum auxílio divino alcança a alma em pecado mortal. Todas as boas obras que faz nesse estado não produzem nenhum fruto para alcançar glória, porque não procedem de Deus, isto é, daquele princípio que faz a nossa virtude ser virtude. E, separados d’Ele, nada do que fazemos pode ser agradável a seus olhos, mesmo porque a intenção de quem pratica um pecado mortal não é contentar a Deus, mas dar prazer ao demônio, que é trevas. E assim, servindo-o, a pobre alma também se faz trevas.

2. Sei de uma pessoa⁸ a quem Nosso Senhor quis mostrar como fica a alma em pecado mortal. Diz ela que, se todos pudessem ver o que ela viu, não seria possível que alguém pecasse,

⁸ Santa Teresa refere-se veladamente a si mesma, como voltará a fazer outras vezes ao longo do livro, em atenção ao pedido do Padre Gracián de “não dar nome à pessoa que viveu as experiências místicas relatadas”.

mesmo que tivesse de suportar os maiores sofrimentos para fugir das ocasiões de pecado. Desde então, essa pessoa sente grande desejo de que todos compreendam isso. Que Deus lhes dê também, filhas, vontade de rogar pelos que estão nesse estado, todos mergulhados em escuridão, assim como suas obras.

De outro lado, a alma que está em graça é límpida como os regatos que brotam de fonte puríssima. Suas obras são agradáveis aos olhos de Deus e dos homens, porque procedem desse manancial de vida onde a alma está plantada como uma árvore à beira de um rio. Por isso não seca e dá bom fruto. Não teria viço nem daria fruto se não estivesse ali. Mas se a alma, por sua culpa, afasta-se dessa fonte e se transplanta para outro lugar de água negra e fétida, só produz desventura e imundície.

3. É preciso esclarecer que a fonte, ou melhor, o Sol que resplandece no centro da alma nunca perde o brilho e o encanto. Ele está sempre ali, e nada pode lhe tirar a beleza. Mas, se se põe um pano negro sobre um cristal, certamente a luz não produzirá o mesmo efeito, embora continue incidindo nele.

4. Oh, almas resgatadas pelo Sangue de Jesus Cristo, reconheçam a própria miséria e tenham dó de si mesmas! Como é possível que não procurem limpar a mancha desse cristal, uma vez que compreendem a sua situação? Vejam que, se a vida termina assim, jamais tornarão a gozar dessa luz. Oh, Jesus, que triste ver a alma separada dela! Como ficam desolados os aposentos do castelo! Como se perturbam os sentidos (que são a gente que aí vive)! E as faculdades da alma (que são os guardas, mordomos e mestres de cerimônias do castelo), que cegueira, que mau governo. Se a árvore está plantada junto à fonte do demônio, que fruto pode dar?

5. Certa vez, um homem espiritual me disse que não se espantava do que faz quem está em pecado mortal, mas sim daquilo que não faz. Deus nos livre, por sua misericórdia, de tão grande mal. Não há nada nesta vida que mereça ser chamado de mal, senão o pecado mortal, porque acarreta males eternos, sem fim. É isso, filhas, que devemos temer. Peça-mos livramento a Deus em nossas orações. Se ele não guarda a

cidade, em vão trabalharemos⁹, pois somos a própria vaidade.

Aquela pessoa a quem Deus mostrou o estado da alma em pecado mortal dizia que essa graça produziu nela dois efeitos: o primeiro, um imenso temor de ofendê-Lo. Ciente de tão terríveis malefícios, sempre Lhe suplicava que não a deixasse cair. O segundo, ver nisso um espelho para a humildade, compreendendo que todo bem que fazemos não procede de nós mesmas, mas desta fonte onde está plantada a árvore das nossas almas, deste Sol que dá calor às nossas obras. Essa verdade se revelou tão claramente a ela que, fazendo ou vendo alguém fazer uma boa ação, reconhecia que, sem o auxílio divino, nada podemos. E louvava a Deus, sem atribuir a si mesma o mérito do que fizesse.

6. Não será tempo perdido, irmãs, o que gastamos (eu escrevendo e vocês lendo isto), se ao menos nos ficarem esses dois ensinamentos que os letrados e estudiosos conhecem muito bem. Talvez o Senhor queira nos mostrar tais coisas para remediar a nossa extrema ignorância

⁹ Salmo 126, 1.

de mulheres. Por sua bondade, ele se alegra em nos conceder essa graça.

7. A vida interior da alma é tão obscura e difícil de entender que, sabendo tão pouco, direi forçosamente muitas coisas supérfluas e até desatinadas antes de acertar em dizer algo de bom. Tenham paciência quando lerem isto, pois eu também tenho para escrever o que não sei.

Às vezes tomo o papel feito boba, sem saber o que dizer nem por onde começar. Mas eu bem sei o quanto importa explicar-lhes, o melhor que puder, certas coisas da vida interior.

Sempre ouvimos falar do bem que a oração nos faz. Tanto que a nossa Constituição nos obriga a rezar várias horas por dia¹⁰. Contudo, só nos dizem o que nós mesmas podemos fazer em oração. Pouco se fala das maravilhas que Deus opera na alma por via sobrenatural¹¹. Tentarei explicá-las de muitas maneiras. Meditar sobre esse artifício celestial interior tão pouco

¹⁰ Alusão à Constituição das Carmelitas, escrita por Santa Teresa, que prescreve “meditar dia e noite na palavra de Deus”.

¹¹ No vocabulário da Santa, “sobrenatural” equivale a “infuso ou místico”.

compreendido pelos mortais, embora muitos o experimentem, será motivo de grande alegria. Em outros escritos¹², o Senhor já tinha me dado alguma luz sobre esses assuntos, mas não como fez de lá para cá, em especial, os mais difíceis. A questão é que, para explicá-los, será preciso repetir coisas que vocês já conhecem, porque o meu rude talento não encontra outro jeito.

8. Voltemos então ao nosso castelo de muitas moradas. Não pensem que essas moradas estejam enfileiradas uma após outra. Fixem os olhos no centro. É aí que está a sala do Rei. Imaginem que o castelo seja como um palmito onde muitas camadas cercam a parte mais saborosa. Aqui também é assim, pois em volta e em cima da sala real há muitas outras.

As coisas da alma devem ser consideradas sempre com plenitude, largueza e grandeza, sem medo de exagerar. A alma tem mais recursos do que nós suspeitamos, e o Sol no palácio a ilumina por inteiro. É de grande interesse para a alma dada à oração, pouca ou muita, que não se lhe impeça nem dificulte a passagem. Deixem-na

¹² Referência ao *Livro da Vida e Caminho de Perfeição*.

andar por essas moradas, em cima, em baixo e nos lados. Deus lhe deu enorme dignidade. Não a obriguem a permanecer muito tempo no mesmo aposento.

Oh, e como é absolutamente necessário o conhecimento de si mesmo! Vejam se me entendem. Por mais que a alma tenha se elevado (refiro-me inclusive àquela que o Senhor já acolheu na morada onde ele está), não lhe cumpre fazer outra coisa senão buscar conhecer-se a si mesma. Nem poderia deixar de fazê-lo, se quisesse, porque a humildade sempre fabrica o seu mel, como a abelha na colmeia. Sem isso, está tudo perdido. Tal é a abelha, que não deixa de sair para colher o néctar das flores, qual é a alma, no que se refere ao conhecimento de si mesma. Creiam-me que ela deve voar algumas vezes para refletir sobre a glória e majestade de Deus. Desse modo, reconhecerá a sua pequenez mais facilmente do que se ficasse o tempo todo olhando para si mesma. E estará mais livre dos vermes que entram nestas primeiras moradas, onde ela dá início à tarefa de se conhecer a si mesma. É grande misericórdia de Deus que a alma comece a se exercitar nisso, pois tanto se

peca por falta como por excesso, como se diz. E creiam-me que, com a virtude de Deus, poderemos adquirir virtudes¹³ maiores do que se ficarmos muito presas a esta terra.

9. Não sei se expliquei bem. O conhecimento de si mesmo é tão importante que não queria que vocês se descuidassem dele, por mais adiantadas que estejam no caminho dos céus. Enquanto permanecemos neste mundo, nada importa mais que a humildade. E assim volto a dizer que é melhor entrar primeiro no aposento onde se trata disso que voar aos demais. Esse é o caminho. Se podemos ir por estrada segura e plana, para que havemos de querer asas? Procurem empenhar-se ao máximo no conhecimento de si mesmas. A meu ver, jamais nos conheceremos realmente sem antes conhecer a Deus: contemplando a Sua grandeza, enxergamos a nossa baixeza; mirando a Sua pureza, reconhecemos a nossa sujeira; e

¹³ Salmos 59, 14 e 107, 14.

refletindo sobre a Sua humildade, entendemos como estamos longe de ser humildes¹⁴.

10. Há duas vantagens nisso. A primeira é que certamente o branco parece muito mais branco ao lado do preto e vice-versa. A segunda é que nosso intelecto e vontade tornam-se mais nobres e mais dispostos para o bem quando mergulhamos em nós mesmas, conservando, porém, os olhos fixos em Deus.

Seria muito prejudicial se nunca saíssemos do atoleiro de nossas misérias. Assim como dizíamos que são negros e de mau cheiro os cursos d'água das pessoas que estão em pecado mortal, assim é aqui (embora não sejam como aqueles, Deus nos livre, já que isso é só comparação). Se ficarmos sempre presas às nossas misérias humanas, esse regato se precipitará num lamaçal de temores, fraqueza e covardia, paralisado por mil dúvidas: se vou receber ou não a atenção dos outros; se há muitos perigos nesse caminho; se ousarei começar aquela obra; se será vaidade querer

¹⁴ Essa frase resume o assim chamado “socratismo teresiano”: conhecer-se a si mesmo, mas à luz do amor de Deus.

começá-la; se é bom que uma pessoa tão miserável trate de coisa tão elevada como a oração; se me julgarão presunçosa por não seguir o caminho da maioria, pois não são bons os extremos, mesmo tratando-se de virtude; posto que sou tão pecadora, será maior o risco de cair de mais alto; talvez não consiga progredir na fé; meu mau exemplo fará mal aos bons; uma pessoa simples como eu não precisa de extravagâncias.

11. Valha-me, Deus! Quantas almas devem ter sido desencaminhadas assim pelo demônio. À primeira vista, todas essas, e muitas outras considerações semelhantes, parecem ser movidas pela humildade. Mas, de fato, revelam falta de conhecimento de si mesmo. Se nunca saímos de nós mesmas, negligenciando o conhecimento próprio, não me surpreende que sejamos dominadas por esses e tantos outros medos. Por isso, filhas, fixemos os olhos em Cristo, nosso bem, e em seus santos. Com eles aprenderemos a verdadeira humildade. O intelecto progredirá, e, conhecendo a nós mesmas, não permaneceremos vis e covardes.

Embora esta seja a primeira morada, é muito rica e de grande valor. Quem consegue escapar dos vermes que a infestam, não deixa de passar adiante. Mas, como são terríveis os ardis e as manhas maquinadas pelo demônio para impedir que as almas se conheçam, compreendam-se e entendam o caminho que devem seguir.

12. Destas primeiras moradas posso dar informações muito seguras tiradas da minha experiência. Não pensem que tenham poucos aposentos, mas milhares. As almas entram aqui de muitas maneiras, todas com boa intenção. E o demônio, sempre mal-intencionado, deve colocar em cada aposento muitas legiões de demônios para impedir que passem de uns para outros. Como a pobre alma não se dá conta disso, ele a engana de mil maneiras. Entretanto, não pode fazer tanto mal às que já chegaram mais perto de onde está o Rei. Aqui, porém, nas primeiras moradas, as pessoas ainda estão iludidas pelo mundo, mergulhadas nos prazeres que ele oferece, envaidecidas pelas vitórias que alcançaram e cheias de ambição. Por isso, os servos da alma – que são os sentidos e as

faculdades – perderam a força natural que Deus lhes deu. Assim essas almas são vencidas facilmente, embora desejem não ofender a Deus e façam boas obras. Aquelas que se encontram nesse estado precisam recorrer frequentemente, como puderem, a Sua Majestade. Tomem por intercessora Sua bendita Mãe e peçam a Seus santos que lutem por si, pois os seus criados têm pouca força. Na verdade, em todos os estágios dessa caminhada espiritual, é necessário que a força nos venha de Deus. Que Sua Majestade nos ampare por sua misericórdia, amém.

13. Como é miserável esta vida que vivemos! Em outro lugar¹⁵ já falei bastante, filhas, do mal que nos faz não compreendermos bem o valor da humildade e do conhecimento de nós mesmas. Não vou dizer mais nada aqui, embora seja o que mais importa. Queira Deus que eu tenha dito algo proveitoso.

14. Vocês vão notar que nestas primeiras moradas ainda não chega quase nada da luz que sai do aposento onde o Rei está. Embora a alma não se encontre aqui debaixo daquela escuridão tenebrosa que a envolvia quando estava em

¹⁵ *Vida e Caminho.*

pecado, é como se ela estivesse, de alguma maneira, anuviada. Não sei explicar. Não se pode ver Quem está ali. Não por culpa do aposento, e sim porque entraram com a alma muitas criaturas nocivas, tais como cobras, víboras e outros seres peçonhentos, que não a deixam reparar na luz. É como se alguém entrasse numa sala onde há muito sol, mas tivesse terra nos olhos e quase não pudesse abri-los. O lugar está iluminado, mas a pessoa não o vê, impedida por essas feras que lhe fazem desviar os olhos e não enxergar senão a elas. Assim deve ser a alma que, embora não se encontre em mau estado, está mergulhada nas coisas do mundo, em suas ocupações, honras e negócios. Embora queira sinceramente contemplar a beleza desse aposento, não consegue vencer tantos obstáculos.

Para entrar nas segundas moradas, convém abrir mão das coisas e negócios desnecessários, cada um conforme o seu estado de vida. Isso é tão importante que, se a pessoa não começa a fazê-lo desde já, torna-se impossível chegar à morada principal e até mesmo permanecer sem grande perigo nestes primeiros aposentos do

castelo, onde as criaturas peçonhentas não deixarão de mordê-la uma vez ou outra.

15. Que seria, filhas, das almas que, como nós, já venceram esses tropeços iniciais e adentraram muitas outras moradas secretas do castelo, se tornassem a sair para essa confusão por conta de seus pecados? Deve haver muitas pessoas a quem Deus concede imensas graças e que depois lançam-se novamente nessa miséria, por culpa delas mesmas.

Aqui no Carmelo estamos livres dos perigos do mundo lá fora. Mas o Senhor quer igualmente nos proteger dos perigos que há dentro de nossas almas. Evitem, minhas filhas, cuidar da vida alheia. Em poucas moradas desse castelo os demônios deixam de combater. É verdade que em algumas os guardas, isto é, as faculdades da alma ¹⁶, têm força para resistir. Mas será necessário prestar muita atenção aos ardis do demônio para que ele não nos engane, transfigurando-se em anjo de luz¹⁷. Ele pode nos prejudicar de inúmeras maneiras, pouco a

¹⁶ Memória, intelecto e vontade.

¹⁷ 2 Coríntios 11, 14.

pouco. E, até que seja tarde demais, não nos damos conta.

16. Já lhes disse¹⁸ que ele é como uma lima surda¹⁹ e que precisamos aprender a reconhecer as suas artimanhas assim que começa a agir. Vou dar alguns exemplos para me fazer entender.

Por sugestão do demônio, uma irmã tem frequentes ímpetos de fazer penitência. E não sossega senão quando está se atormentando. Isso é bom, a menos que a priora tenha proibido fazê-la sem licença. Mas, se ele a convence de que coisa tão boa pode fazer escondida, e ela vem a perder a saúde, e já não consegue cumprir a Regra de nossos mosteiros, vê-se logo aonde leva o que parecia ser um bem. A outra, o demônio dá uma ânsia de perfeição

¹⁸ Em *Caminho*, 38 e 39.

¹⁹ O sentido dessa comparação é dado em *5as Moradas*, cap. 4, § 8: “O demônio, com muita sutileza e sob a aparência do bem, começa por separá-la [a alma] da vontade divina em coisinhas de nada e envolvê-la em outras que faz parecer inofensivas. E, pouco a pouco, vai lhe obscurecendo o entendimento, enfraquecendo a vontade e avivando nela o amor próprio. Assim lentamente afasta-a da vontade de Deus e a aproxima da sua”.

incomum. Isso é ótimo, a menos que a menor falta das irmãs lhe pareça uma grande indisciplina, passe a vigiá-las e apelar à priora. Muitas vezes, porém, ela poderá nem notar as próprias faltas que comete sem querer, por conta do zelo com que vigia as irmãs. E essas, se não compreenderem suas boas intenções, poderão julgá-la mal.

17. Desse jeito o demônio pretende esfriar a caridade e o amor de umas para com as outras. Seria imenso lucro para ele e grande perda para nós. Precisamos entender, minhas filhas, que a perfeição verdadeira é amar a Deus e ao próximo. Quanto mais nos empenharmos em guardar esses dois mandamentos, mais perfeitas seremos. Toda a nossa Regra e Constituição não servem para outra coisa senão ajudar-nos a cumprir plenamente esses mandamentos. Deixemos de lado as indiscrições que podem nos fazer muito mal. Que cada uma olhe apenas para si mesma. Em outra parte²⁰, já lhes falei bastante sobre isso e não vou me alongar mais aqui.

18. Gostaria que vocês nunca se esquecessem de como é importante o amor de umas pelas outras.

²⁰ *Vida*, 13.

E não prestem atenção se notarem em alguma irmã umas ninharias que às vezes nem são imperfeições. Como sabemos pouco, arriscamos a julgá-la injustamente. Por isso, quem julga pode perder a paz e ainda inquietar as outras. Vejam como a perfeição custaria caro se tomássemos esse caminho.

Seria perigo maior ainda se o demônio tentasse uma irmã contra a priora. Nesse caso, convém ter muita discrição. Se a priora cometer uma falta contra a Regra ou a Constituição, avisem primeiro a ela mesma, pois nem sempre é fácil interpretá-las. Se ela não se emendar, notifique-se ao prelado²¹. É gesto de caridade. O mesmo vale para as demais irmãs.

Sendo algo realmente grave, não caiam na tentação de deixar passar, com receio de estarem enganadas. Mas pensem bem antes de agir. E só tratem desses assuntos com quem pode ser ajudado. Evitem mexericos, pois o demônio é capaz de tirar grande proveito, introduzindo o hábito da murmuração. Aqui no Carmelo, glória a Deus, não há tanta ocasião para isso, já que

²¹ Prelado é o provincial ou o bispo; priora é a superiora da comunidade em cada Carmelo.

guardamos contínuo silêncio. Mas é bom ficarmos de sobreaviso.

Segundas Moradas

Capítulo Único

Trata de como é imprescindível ter perseverança para alcançar as últimas moradas; da grande guerra que o demônio faz; e de como convém não perder o rumo no início. Ensina um modo de achar o caminho que a experiência revelou ser muito eficaz.

1. Vamos falar agora das almas que entram nas segundas moradas e do que fazem aí. Serei breve, porque já disse o bastante em outra parte¹. Como não me lembro de nada, será impossível não me repetir. Mas, se pudesse ordenar de maneira diferente, certamente vocês não se entediariam, assim como nunca nos cansamos dos livros que tratam desses assuntos, embora sejam muitos.

2. Nas segundas moradas estão as pessoas que começaram a ter oração e entenderam que não

¹ *Vida*, 11-13 e *Caminho*, 20-29.

devem se demorar nos primeiros aposentos do castelo. No entanto, ainda não se determinaram a renunciar às ocasiões de pecado. Por isso, voltam muitas vezes às primeiras moradas e correm grande perigo. De qualquer modo, já é imensa misericórdia terem compreendido que precisam abandonar as cobras e as outras criaturas peçonhentas. E, de vez em quando, se esforçam para fugir delas.

Essas pessoas, de certo modo, sofrem aqui mais do que nas primeiras moradas. Mas não correm tanto perigo como lá. Parece que já entendem a própria situação. E há grande esperança de que sigam mais adentro do castelo.

Disse que *sofrem mais* porque as que estão nas primeiras moradas são como surdos-mudos e por isso suportam melhor a privação da fala. Muito pior é a condição dos que ouvem e não podem responder. Não que tenham melhor sorte os que não ouvem, pois afinal é muito proveitoso entender o que nos dizem. Realmente, à medida que percebem mais claramente os chamamentos do Senhor, as pessoas destas segundas moradas vão se aproximando cada vez mais de onde está Sua Majestade. Ele é muito bom vizinho, cheio

de misericórdia e bondade, mesmo quando estamos ocupados em nossos passatempos, negócios e contentamentos, imersos na confusão do mundo e até quando caímos em pecado e nos levantamos. Por outro lado, esses vermes são tão venenosos, perigosos e astutos que dificilmente escaparemos de tropeçar neles e cair. Apesar de tudo, Nosso Senhor quer muito que O amemos e procuremos a sua companhia e não deixa de nos chamar para junto de Si. Sua voz é tão doce que a pobre alma sente-se despedaçar se não consegue fazer logo o que lhe manda. Por isso eu disse que sofre muito mais quem pode ouvi-Lo.

3. Essas vozes são diferentes daquelas de que falarei mais adiante ². São as palavras que ouvimos de gente de bem, os sermões, os bons livros e muitas outras coisas por meio das quais Deus nos chama. São ainda as enfermidades, as tribulações e também certas verdades que Ele nos ensina quando estamos em oração. Deus se agrada imensamente de que ouçamos a sua voz, por mais distraídas que sejamos no começo.

² Em *6^{as} Moradas*, cap. 3.

Irmãs, não façam pouco caso dessa primeira graça nem desanimem se não puderem responder logo ao chamado do Senhor. Sua Majestade sabe esperar muitos dias e até muitos anos, em especial quando vê perseverança e boas intenções.

A perseverança é o que mais importa aqui³. Com ela jamais se deixa de ganhar muito. Terrível é a guerra que os demônios fazem, atormentando de mil maneiras a alma, mais do que nas primeiras moradas. Lá ela estava muda e surda ou então ouvia pouquíssimo. Por isso, resistia menos, como quem, de certo modo, perdeu a esperança de vencer. Aqui o intelecto está mais vivo e as faculdades da alma, mais hábeis. Os golpes e a artilharia do inimigo são tão intensos que a alma não pode deixar de ouvi-los. Os demônios nos tentam com essas cobras que são os prazeres do mundo, fazendo-nos acreditar que são quase eternos. Recordam-nos

³ As três primeiras moradas representam a fase ascética da jornada espiritual onde a alma deverá, com firme determinação, desembaraçar-se dos vermes peçonhentos que rondam o castelo, entrar pela porta da oração e seguir em frente sem recuar no caminho.

os amigos, os parentes e a afeição deles por nós, o risco de perder a saúde, fazendo penitência (pois a alma que entra nesta morada sempre deseja fazer alguma) e tantos outros impedimentos.

4. Oh, Jesus, que confusão os demônios fazem aqui! Aflita, a pobre alma não sabe se passa adiante ou se volta às primeiras moradas. Por outro lado, a razão lhe mostra que tudo que o mundo oferece não vale nada em comparação ao que pretende encontrar em seu castelo. A fé ensina-lhe o que deve ser feito. A memória mostra-lhe onde terminam as ilusões do mundo. Lembra-se da morte, às vezes repentina, de pessoas conhecidas que gozaram intensamente os prazeres desta vida. E como foram rapidamente esquecidas por todos. Algumas que viu em grande prosperidade estão agora debaixo da terra pisada pelos homens. Quantas vezes, passando pela sepultura de uma dessas pessoas, pensa que o seu corpo está ali fervilhando de vermes. E muitas outras considerações semelhantes lhe vêm à mente.

A vontade inclina-se para amar Aquele de quem recebe tantos benefícios. Queria retribuir

tamanhas provas de amor, ainda mais ao constatar que esse verdadeiro Amor nunca se afasta dela, mas a acompanha continuamente, dando-lhe a vida e o ser. Logo compreende que não poderá encontrar melhor amigo, mesmo se viver muitos anos; que o mundo está cheio de falsidade; que os prazeres que o demônio lhe oferece estão repletos de tribulações, preocupações e contradições; que certamente não encontrará segurança nem paz fora desse castelo; que não vale a pena andar por casas alheias, pois a sua está cheia de riquezas que ela pode usufruir; que ninguém acha tudo o que precisa senão na própria casa, em especial tendo tal Hóspede que a fará senhora de todos os bens; e que está em suas mãos a decisão de não mais andar sem rumo como o filho pródigo, comendo ração de porcos⁴.

5. São razões de sobra para resistir aos demônios. Mas, oh, Senhor e Deus meu, a vaidade do mundo seduz a todos, estraga tudo! A fé está tão morta que preferimos as coisas visíveis àquilo que ela nos promete, muito embora sejamos testemunhas da excessiva má

⁴ Lucas 15, 16.

sorte dos que buscam os prazeres deste mundo. Mas tudo isso são obras desses bichos peçonhentos de que falei. Basta o menor descuido e acabamos como quem é mordido por uma cobra venenosa e fica todo inchado. É claro que precisaremos de um longo tratamento para alcançar a cura. Deus nos concede enorme graça se não morremos nesse estado. Por certo, a alma enfrenta aqui imensas dificuldades, em especial, se o demônio percebe, examinando sua índole e conduta, que ela é capaz de avançar muito adiante. Convocará todo o inferno para forçá-la a sair do castelo.

6. Ah, Senhor meu, aqui será imprescindível a vossa ajuda. Sem ela não se pode fazer nada. Por vossa misericórdia, não consentais que essa alma seja enganada e abandone o caminho. Dai-lhe luz para ver que todo o seu bem está em afastar-se das más companhias e não voltar atrás. Será grandíssima ajuda conversar com pessoas que travam a mesma batalha. E chegar-se não só às que estão nestas segundas moradas, mas também àquelas que já entraram nas moradas seguintes.

Estejam sempre atentas para não se deixarem vencer pelo inimigo. O demônio logo desistirá ao ver uma firme determinação de não voltar ao primeiro aposento, abrindo mão da vida, do descanso e de tudo mais que ele oferece. Sejam homens! Sejam decididas como guerreiros em combate! Não sejam indolentes como aqueles soldados que se deitavam de bruços à beira d'água para beber (não me lembro com quem⁵). Tenham coragem e pelejem contra todos os demônios. Não há armas melhores do que as da cruz.

7. Embora já tenha dito antes ⁶, é tão importante que vou repetir: não pensem que encontrarão recompensas logo no início. Seria maneira muito mesquinha de começar a construção desse edifício tão precioso e imponente. Quem edifica sobre a areia passará por tentações e desgostos e sofrerá enorme perda. Não são estas as moradas onde chove o maná. Elas estão mais adiante, onde tudo

⁵ Refere-se a Gedeão, em Juízes 7, 5-6.

⁶ Em *Vida*, 11.

coopera para satisfazer os desejos da alma, porque lá ela só quer o que Deus quer.

Acho engraçado que muitos não se envergonhem de querer gozos na oração enquanto ainda são tolhidos por mil embaraços e imperfeições. Suas virtudes nem aprenderam a andar, pois mal nasceram (e agrada a Deus que tenham nascido), e, no entanto, queixam-se de aridez. Que isso nunca lhes aconteça, irmãs. Abracem a cruz que seu Deus tomou sobre si e compreendam que essa deve ser a sua tarefa. Quem mais puder padecer por amor, faça-o por Ele e será a que melhor se liberta. Considerem tudo mais como secundário. E deem muitas graças, se o Senhor lhes fizer tais favores.

8. Vocês poderão dizer que estão dispostas a suportar tribulações exteriores, desde que Deus as recompense no interior. Mas vejam que Sua Majestade sabe o que nos convém. Não cabe a nós aconselhá-lo sobre o que deve nos dar. Com razão ele pode dizer que não sabemos o que pedimos.

Que toda a ambição de quem começa a ter oração seja trabalhar e determinar-se firmemente a submeter sua vontade à de Deus.

Não se esqueçam disso, pois é muito importante. Estejam certas de que essa é a maior perfeição que se pode alcançar no caminho espiritual, como direi depois⁷. Quem mais perfeitamente fizer isso, mais graças receberá do Senhor e mais adiantada estará nesse caminho. Nisso consiste todo o nosso bem. E não pensem que haja aqui segredos ou coisas ocultas e difíceis de compreender.

Se começamos mal, querendo que o Senhor faça logo a nossa vontade e nos leve pelo caminho que imaginamos ser o melhor, que solidez terá esse edifício? É preciso ficar alerta contra esses vermes peçonhentos. Muitas vezes o Senhor quer que haja securas espirituais e que maus pensamentos nos persigam e nos aflijam sem que possamos afastá-los de nós. E, de vez em quando, permite que essas criaturas nos mordam para que aprendamos a nos guardar melhor delas e para ver se nos dói muito ofendê-Lo.

9. Portanto não desanimem se caírem nem deixem de seguir em frente. Dessa mesma queda Deus tirará algum bem, como faz o vendedor de

⁷ Em *5^{as} Moradas*, cap. 3, § 3.

triaga⁸ que, para demonstrar sua eficácia, bebe primeiro veneno e só depois, o remédio.

Se não houvesse outro meio de enxergar a nossa miséria, só a batalha interior para nos reconciliarmos com a nossa consciência depois de pecar bastaria para nos fazer reconhecer o imenso prejuízo que as dissipações do mundo trazem. Haverá mal maior do que não acharmos abrigo em nossa casa? Que esperança podemos ter de encontrar sossego no mundo se não temos paz no próprio lar? As faculdades da alma são

⁸ Triaga: fórmula usada para provocar vômito, indicada contra envenenamento. Sentido da comparação: Deus permite que o fiel caia em pecado (beba o veneno), mas em seguida lhe dá o remédio (a triaga), isto é, tira dessa mesma queda algum bem, de modo que ele cresça na virtude e na fé. Nas *3^{as} Moradas*, cap. 2, § 2, a Santa voltará a esse tema, como também nas *6^{as} Moradas*, cap. 4, § 11: “Pelo amor de Deus, irmãs, aproveitemos nossas faltas para reconhecer o quanto somos miseráveis. Assim poderemos usá-las para remediar a nossa pouca visão, como fez o Senhor, curando o cego com lodo. Reconhecendo nossas imperfeições, crescerá em nós o desejo de suplicar-Lhe que tire bens das nossas misérias para em tudo contentarmos Sua Majestade”.

nossos parentes mais próximos e nossos amigos mais verdadeiros com os quais sempre teremos de conviver, mesmo contra a nossa vontade. O remorso que se segue ao pecado é a vingança desses parentes e amigos, ressentidos da guerra que lhes fizeram nossos vícios.

Paz, paz, minhas irmãs, foi o que o Senhor recomendou tantas vezes aos seus apóstolos⁹. Creiam-me que, se não procuramos nem achamos paz em nossa casa, não a encontraremos em nenhum outro lugar. Pelo sangue que o Senhor derramou por nós, peço às que ainda não começaram a entrar em si mesmas: acabem já com essa guerra. Às que já começaram, peço que não voltem atrás. Vejam que a recaída é pior que a queda. Quanto tempo se perde assim. Confie na misericórdia de Deus, e nem um pouco em si mesmas. E verão como Sua Majestade leva a alma de umas moradas a outras e a conduz à terra da promessa onde essas feras não podem alcançá-la nem a molestar. Aí ela as dominará e zombará

⁹ João 20, 19-21.

de suas tentações. E gozará, ainda nesta vida, de mais graças do que poderia desejar.

10. Já escrevi antes¹⁰ sobre como vocês devem reagir a essas perturbações do demônio. Também expliquei como recolher-se interiormente, não à força, mas com suavidade, para que esse estado seja contínuo e duradouro. Só acrescentarei aqui que ajuda muito o conselho de pessoas experientes, pois há certas coisas que, embora necessárias, podem parecer perda de tempo. Mas se não há quem nos ensine, o Senhor providenciará para que tudo resulte em nosso proveito, contanto que não deixemos a oração, pois seria um mal sem outro remédio senão recomeçar. Do contrário, a alma irá definhando pouco a pouco. Praza a Deus que vocês entendam isso.

11. Alguém poderá pensar que, se é tão grande mal voltar atrás, será melhor nem começar e ficar do lado de fora do castelo. Eu, porém, já lhes disse desde o começo, e o Senhor mesmo confirma: “Quem ama o perigo nele perecerá”¹¹.

¹⁰ Em *Vida e Caminho*.

¹¹ No original: “Quien anda en el peligro en el perece”. Citação de Eclesiástico 3, 27.

Também lhes disse que a porta para entrar nesse castelo é a oração. É loucura pensar que entraremos no céu sem antes entrar em nós mesmas, isto é, sem reconhecer nossa miséria e o que devemos a Deus e sem lhe pedir misericórdia muitas vezes.

O Senhor disse que “ninguém subirá a meu Pai senão por mim” (não sei se usou essas palavras; creio que sim). Também disse “quem me vê a mim, vê a meu Pai”¹². Então, se nunca voltamos os olhos para ele, nem levamos em conta o que lhe devemos, nem a morte que sofreu por nós, não sei como poderemos conhecê-lo e nos colocar a seu serviço. Que valor tem a fé sem obras? E que valor têm nossas obras se não estiverem unidas aos merecimentos de Jesus Cristo, nosso bem? Sem a oração, quem nos despertará para amar este Senhor? Sua Majestade quer nos mostrar como lhe custamos caro; que o servo não é maior que o Senhor¹³; que é necessário produzir obras para gozar da

¹² João 14, 9.

¹³ Mateus 10, 24.

sua glória¹⁴; e que precisamos orar sempre para não cair em tentação¹⁵.

¹⁴ Tiago 2, 14-17.

¹⁵ Mateus 26, 41.

Terceiras Moradas

Capítulo 1

Trata da pouca segurança que há enquanto vivemos neste desterro, mesmo para as almas que alcançaram um estado elevado. E de como convém andar com temor. Apresenta alguns pontos muito bons.

1. Que diremos aos que, pela misericórdia de Deus e com perseverança, venceram esses combates e entraram nas terceiras moradas, senão “bem-aventurado o homem que teme o Senhor”?¹

Eu, que sou tão rude, estava aqui em grande apuro quando Sua Majestade fez a graça de me revelar o sentido desse versículo: com razão o chamaremos bem-aventurado, pois, se não volta atrás, segue o caminho seguro da salvação.

Vejam, irmãs, o quanto importa vencer as batalhas precedentes: por certo, o Senhor nunca

¹ Salmo 111, 1.

deixa de conceder segurança de consciência, que é imenso benefício. Disse *segurança*, e fiz mal, pois não há segurança definitiva nesta vida. Entendam bem o que digo. Haverá segurança, desde que vocês não voltem atrás, deixando o que começaram.

2. Grande miséria é viver em contínuo sobressalto, como quem tem inimigos sempre à porta, sem sossego para comer nem dormir, com receio de que, a qualquer momento, eles possam achar uma brecha e arrombar essa fortaleza. Oh, meu Senhor e meu bem, como quereis que se deseje viver uma vida tão miserável? Seria impossível não pedir que nos tirásseis dela se não tivéssemos esperança de perdê-la por vós ou gastá-la em vosso serviço e, sobretudo, se não compreendêssemos que essa é a vossa vontade. Se é isso o que quereis, meu Deus, então morramos convosco, como disse São Tomé², pois viver sem vós e ainda correr o risco de perder-vos para sempre é como morrer mil vezes.

Por isso, filhas, o maior benefício que podemos pedir a Deus é estar já aqui em

² João 11, 16.

segurança como os bem-aventurados. Em meio a tantos perigos, que maior satisfação pode ter aquele que só deseja contentar a Deus? Vejam que alguns santos que caíram em graves pecados tinham essa disposição em grau elevadíssimo. Quanto a nós, porém, não podemos ter certeza de que Deus nos dará o auxílio especial que lhes deu para se reerguerem, fazendo as penitências que fizeram.

3. Escrevo com tal temor, que não sei de onde tiro forças. Deus sabe o que sinto cada vez que me lembro dessas verdades. Peçam, minhas filhas, a Sua Majestade que viva sempre em mim. De outro modo, que segurança terá quem gastou tão mal a vida como eu? E não fiquem tristes quando lhes digo isso. Vocês gostariam que eu tivesse sido muito santa. E têm razão em querer. Eu também gostaria. Mas que fazer se, somente por minha culpa, não fui? Não posso me queixar de Deus, que me ofereceu toda ajuda necessária para que se cumprissem os seus desejos. Digo isso com lágrimas e grande embaraço vendo que escrevo para aquelas que podem me ensinar. Dura obediência tem sido a que me impôs escrever este livro.

Praza ao Senhor (pois o que escrevo vem dele) que vocês aproveitem alguma coisa do que digo e, em retribuição, peçam-lhe perdão por esta miserável atrevida. Sua Majestade bem sabe que só conto com sua misericórdia. Já que não posso deixar de ser quem tenho sido, não me resta outro remédio senão esperar pela misericórdia de Deus e confiar nos méritos de seu Filho e da Virgem, sua Mãe, cujo hábito indignamente visto. E vocês, minhas filhas, que também o vestem, louvem a Deus por serem verdadeiramente filhas desta Senhora. Pois, tendo tão boa Mãe, não precisam se preocupar se eu sou ruim. Imitem-na. E avaliem qual deve ser a sua grandeza e a vantagem de tê-la como padroeira, pois nem os meus pecados, nem a minha pessoa puderam tirar o brilho desta sagrada Ordem.

4. Mas que fiquem todas avisadas: vocês não estão seguras nem mesmo pertencendo a esta Ordem sagrada e tendo tão boa Mãe. Davi era muito santo, e vejam o que foi Salomão³. Tampouco confiem na vida enclausurada e penitente que levam aqui. Nem se julguem

³ 1 Reis 11, 1-10 e 2 Reis 23, 13.

seguras porque falam sempre com Deus, exercitando-se continuamente na oração, longe das coisas do mundo que lhes causam tédio. Tudo isso é bom, mas não basta para afastar o temor das ciladas do inimigo. Lembrem-se sempre deste versículo e meditem sobre ele: *Beatus vir, qui timet Dominum* (“Bem-aventurado o homem que teme o Senhor”)⁴.

5. Já não sei o que dizia, pois me desviei muito do assunto. Quando me lembro de mim, não consigo dizer nada de bom. Voltando então às almas que entraram nas terceiras moradas, o Senhor lhes fez imensa graça por terem vencido as primeiras dificuldades. Creio que há muitas dessas almas no mundo, pela bondade do Senhor. Esforçam-se muito para não ofender a Sua Majestade. Evitam até mesmo os pecados veniais. Fazem penitência, têm suas horas de recolhimento, gastam bem o tempo, exercitando-se em obras de caridade para o próximo. E são corretíssimas no falar, no vestir e no cuidado da casa. É estado desejável, por certo. Aparentemente, nada lhes impedirá a

⁴ Nova citação do Salmo 111, 1. Parênteses do tradutor.

entrada na última morada. Nem lhes negará o Senhor, se elas quiserem. Que bela disposição para que Deus lhes conceda todas as graças.

6. Oh, Jesus, e quem não quer tão grande benefício, em especial, se já passou pela parte mais difícil? Todas dizemos que queremos. Mas, para que o Senhor possua a alma por inteiro, é preciso mais que palavras. Não basta dizer sim, como não bastou ao jovem rico a quem o Senhor perguntou se queria ser perfeito⁵.

Esse Evangelho não me sai da cabeça desde que comecei a falar destas moradas. Somos exatamente como o jovem rico. Em geral esse é o motivo das grandes securas na oração, conquanto também haja outros. Não me refiro às tribulações interiores verdadeiramente intoleráveis por que passam muitas almas boas, sem culpa sua, das quais o Senhor sempre as tira com enorme proveito. Tampouco trato aqui das almas que sofrem de melancolia ⁶ e outras enfermidades. Afinal, em todas as coisas, devemos nos submeter à vontade de Deus.

⁵ Mateus 19, 16-22.

⁶ Melancolia: tristeza profunda, que pode causar abatimento físico e mental.

Tenho para mim que a causa mais comum de secura espiritual é a que disse no início.

Como essas almas não cairiam em pecado por nada deste mundo (muitas nem mesmo em pecado venial deliberado) e como aplicam bem suas vidas e seus dons, não têm paciência de esperar até que a porta se abra e possam entrar onde está o nosso Rei, de quem se consideram servas (e são mesmo). Acontece-lhes algo parecido com o que vemos aqui neste mundo: embora um soberano tenha muitos vassallos, nem todos entram na câmara real. Entrem, entrem primeiro em si mesmas, minhas filhas, e reconheçam como somos indignas de entrar na presença de Sua Majestade.

Esqueçam-se de suas pequeninas obras. Sendo cristãs, vocês sabem que devem tudo o que realizaram e muito mais a Ele. Contentem-se em ser súditas de Deus. Quem muito quer acaba sem nada. Mirem-se no exemplo dos santos que entraram na sala deste Rei. Vejam a distância entre eles e nós. Não peçam aquilo que não merecem. Nem sequer devia passar-nos pela cabeça a ideia de pedir. Por maiores que sejam

os nossos serviços, pouco merecemos, nós que temos ofendido a Deus.

7. Oh, humildade, humildade! Não sei que tentação me sugere que falta um pouco de humildade a quem se incomoda tanto com as securas espirituais. Não estou me referindo às enormes tribulações interiores de que falei há pouco, pois elas não têm nada a ver com falta de devoção, embora muitas vezes não queiramos entender isso. Provemo-nos a nós mesmas, minhas irmãs, ou prove-nos o Senhor que sabe como fazê-lo.

Contemplem o exemplo das grandes almas devotas. Basta ver o que fazem por Deus e logo compreendemos que não temos razão para queixa. Pois, se voltamos as costas ao Senhor e seguimos nosso caminho tristes como o jovem rico do Evangelho, depois de ouvir d'Ele o que devemos fazer para sermos perfeitas, que mais poderíamos esperar? Sua Majestade nos dá o prêmio em proporção ao amor que lhe votamos. Compreendam, filhas, que esse amor não será fabricado em nossa imaginação, mas provado com obras. E não pensem que Deus necessite de

nossas obras. O que ele quer é ver a determinação da nossa vontade.

8. Pode parecer que já está tudo feito só porque vestimos o hábito de carmelitas de livre vontade e, por amor d'Ele, deixamos todas as coisas do mundo e tudo o que tínhamos, ainda que fosse tão pouco como eram as redes de São Pedro⁷, pois quem dá tudo o que tem sempre pensa que dá muito.

A determinação da vontade que o Senhor espera é a disposição para perseverar e não voltar, nem mesmo em pensamento, a andar entre os vermes dos primeiros aposentos. Sem dúvida, a alma alcançará o que pretende se persistir em renunciar a tudo. Mas com a condição – prestem atenção a este aviso – que se considere um servo inútil, como disse São Paulo ou Cristo⁸. Mas não pensem que por conta disso Nosso Senhor estará obrigado a conceder-lhes tais favores. Ao contrário, quem mais recebe fica mais endividado⁹. Que podemos oferecer a um Deus tão generoso que, além de nos criar,

⁷ Mateus 19, 27.

⁸ Lucas 17, 10.

⁹ Lucas 12, 48.

morrer por nós e sustentar a nossa vida, nos dá tudo o que temos? Não nos julguemos afortunadas imaginando que a nossa dívida para com o Senhor vá diminuindo por conta de tudo o que ele tem feito para nos servir, concedendo-nos a graça de fazermos boas obras. Disse essa palavra de má vontade, mas é isso mesmo, pois ele não fez outra coisa enquanto viveu neste mundo além de nos servir.

9. Vejam só, filhas, como falo de maneira atrapalhada. Não sei me expressar melhor. Meditem muito sobre tudo isso. O Senhor lhes mostrará como tirar humildade das securas espirituais, e não inquietação, como pretende o demônio. Estejam certas de que, se Ele não der consolações, dará imensa paz e aceitação aos que são verdadeiramente humildes. E com isso terão mais alegrias do que se recebessem muitas consolações.

Temos visto em alguns livros que frequentemente a Divina Majestade dá consolações aos mais fracos. Infelizmente parece que eles não as trocariam pela fortaleza espiritual dos que suportam as securas da alma. Somos mais afeitos a consolações do que a

cruzes. Prova-nos, Senhor, tu que sabes a verdade, para que nos conheçamos¹⁰.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto e trata das securas na oração. Mostra o que pode ocorrer. Diz como é necessário provarmo-nos e como o Senhor prova os que estão nestas moradas.

1. Tenho conhecido algumas almas, creio até que sejam muitas, que chegaram a esse estado. Aparentemente vivem muitos anos em notável retidão e correção de corpo e alma. Mas, depois, quando parecem ter vencido o mundo, ou, pelo menos, estar bem desapegadas dele, Sua Majestade prova-as em coisas não muito grandes. E ficam tão inquietas e com o coração tão oprimido que me deixam desorientada e receosa. Aconselhá-las não é remédio. Como cultivam suas virtudes há tanto tempo, acreditam que podem ensinar aos outros e que têm razões de sobra para se sentirem assim.

2. Não sei o que fazer para consolá-las, a não ser mostrar grande compaixão por sua dor. Na

¹⁰ Salmos 25, 2 e 138, 23.

verdade, porém, o que realmente causa dó é vê-las sujeitas a tamanha miséria.

Não devemos contestar suas razões, pois acreditam que sofrem por amor a Deus. Não percebem que é por causa da própria imperfeição, outro engano lastimável em gente tão adiantada. Não estou dizendo que deveriam se mostrar imperturbáveis diante das provações. Mas era de se esperar que tais sentimentos passassem rapidamente.

Muitas vezes, Deus quer que seus escolhidos tomem consciência da própria miséria e por isso diminui um pouco as Suas graças. Não é preciso mais nada, ousaria dizer, para que nos conheçamos bem depressa. Logo se entende porque o Senhor os prova dessa maneira: para que compreendam claramente a sua falta.

Às vezes elas sofrem mais ao ver que ainda não superaram nem mesmo as coisas mais grosseiras do mundo e que estão sujeitas às mesmas aflições pelas quais todos passam. Tenho para mim que esse tipo de provação é grande misericórdia de Deus. Revelando nossa falta de fé, ele nos oferece ocasião muito favorável para crescermos na humildade.

3. Entretanto, essas pessoas não tiram proveito dessa graça, porque elas canonizam em seus pensamentos o seu modo de proceder. E gostariam que os outros o canonizassem também.

Vou dar alguns exemplos que nos ajudam a reconhecer nossos erros, de modo que possamos nos provar a nós mesmas antes que o Senhor nos prove. Compreender isso de antemão será muito útil para nos convenceremos da necessidade de estar vigilantes.

4. Suponham que uma pessoa rica e sem herdeiros perca a sua fortuna. Mas não que lhe falte o necessário para viver, porque ainda tem de sobra. Se ela fica tão perturbada e inquieta como se não tivesse um pedaço de pão para comer, como poderá Nosso Senhor lhe pedir que deixe tudo por ele? A desculpa costumeira é dizer que se sente assim porque deseja fazer caridade aos pobres. Mas tenho para mim que Deus prefere que eu aceite a sua vontade para a minha vida e, apesar disso, tente manter a serenidade. Se alguém não é capaz de fazer isso, porque o Senhor não o elevou a tanto, tudo bem.

Mas reconheça que lhe falta liberdade de espírito e peça-a ao Senhor. Se pedir, ele dará.

Imaginem ainda que outra pessoa tenha o que comer e até lhe sobre. Se surgir oportunidade de enriquecer, recebendo uma herança, que seja. Mas se ela vai atrás de riqueza e, depois de a achar, continua procurando mais e mais, nunca chegará às moradas mais próximas do Rei, mesmo que tenha boas intenções. E deve ter, porque é pessoa virtuosa e dada à oração.

5. Acontece o mesmo se essas pessoas sofrem alguma ofensa ou pequena diminuição da honra. Muitas vezes Deus lhes concede a graça de suportarem bem a provação, porque Lhe agrada promover a virtude em público para que não sofra nenhum arranhão. O Senhor faz isso porque são pessoas virtuosas, ou talvez em reconhecimento de serviços prestados. Mas, lá no íntimo, elas sentem tal inquietação que não conseguem dominar nem esquecer tão cedo.

Valha-me Deus! Não são essas mesmas pessoas que meditam há tanto tempo sobre como padeceu Nosso Senhor? Não consideram muito vantajoso padecer e até dizem querer

participar dos sofrimentos dele? E ainda pretendem ser imitadas como exemplo de vida cristã. Queira Deus que não culpem os outros por seu sofrimento e ainda o julguem meritório.

6. Pode parecer, irmãs, que falo a esmo e não com vocês, porque nada disso se passa em nossos mosteiros. Não temos riquezas nem as queremos, nem as procuramos. Tampouco há quem nos ofenda aqui. As comparações que faço não dizem respeito ao que vemos entre nós. Mas podemos tirar delas muitas outras coisas que talvez aconteçam por aqui, embora não convenha entrar em detalhes. Esses exemplos vão ajudá-las a ver se estão bem desapegadas daquilo que deixaram lá fora. Sempre surgem certas coisinhas (e talvez não seja tão fácil reconhecer que também são ocasiões de pecado) pelas quais vocês poderão se provar e saber se dominam suas paixões.

Creiam-me que não se trata apenas de vestir ou não o hábito de monja, mas sim procurar exercitar as virtudes e render totalmente a própria vontade à de Deus. E que esta vida seja o que Sua Majestade ordenar. Não queiramos que se faça a nossa vontade, mas a d'Ele. Se

ainda não chegamos a ser assim tão fiéis, o remédio é ter humildade, que é o unguento para as nossas feridas. Se a temos realmente, pode até demorar, mas, na hora certa, o médico (que é Deus) virá para nos curar.

7. As penitências que essas almas fazem são tão comedidas como a sua vida. Querem muito viver para dedicar-se ao serviço de Nosso Senhor. E isso não é mau. Quando fazem penitência, são muito cuidadosas para não prejudicar a saúde. Não há perigo de que se matem, porque sua razão ainda está muito viva, e o amor não cresceu ao ponto de sobrepujá-la.

De nossa parte, gostaria que perdêssemos a razão para não nos contentarmos com essa maneira tão contida de servir a Deus, sempre passo a passo, sem nunca chegar ao fim. Seria muito bom se não nos enganássemos, acreditando que estamos progredindo quando, na verdade, nos perdermos no meio do caminho e nos fatigamos andando sem rumo.

Creiam que essa é uma travessia difícil. Então, filhas, se pudéssemos fazer uma viagem em oito dias, será que escolheríamos suportar, por um ano inteiro, ventos, neves, chuvas e

estradas acidentadas? Não seria melhor tomar o caminho mais curto? Quanto mais se há perigo de sermos atacadas por serpentes. Oh, quanto eu poderia falar disso! Queira Deus que eu mesma tenha ultrapassado este ponto. Muitas vezes me parece que não.

8. Somos tão cuidadosas que tudo tememos e tudo nos assusta. E assim não ousamos passar adiante, como se esperássemos que alguém prosseguisse a jornada por nós. Já que isso não é possível, esforcemo-nos, minhas irmãs, pelo amor de Deus. Confiemos ao Senhor nossas precauções e temores. Esqueçamos nossas fraquezas humanas que tanto podem nos atrapalhar. Da saúde de nossos corpos cuidem os confessores e diretores espirituais. Ocupemo-nos apenas de caminhar depressa para ver ao Senhor. O cuidado da saúde poderia nos desviar de nossa meta, mesmo porque o alívio que vocês poderiam obter seria muito pequeno ou nulo. Estejam certas de que não terão mais saúde por isso.

Além do mais, não se trata de castigar o corpo. Isso é o de menos. O caminhar a que refiro é progredir em humildade. Se me

entenderam bem, saberão que aqui está o erro das que não avançam. É preciso acreditar que andamos poucos passos e que nossas irmãs caminham muito rápido. E não só desejar isso, mas cuidar para que nos considerem as piores de todas.

9. Com humildade, chegaremos a um estado excelentíssimo. Sem isso, passaremos a vida estagnadas, em meio a mil aflições e misérias. Se não nos desapegamos de nós mesmas, nosso caminhar torna-se muito pesado e sofrido, porque vamos oprimidas pelo fardo de nossa miséria humana.

O mesmo não acontece aos que sobem aos aposentos que faltam. Lá o Senhor, justo e misericordioso, não deixa de nos recompensar, pois dá contentamentos sempre muito maiores do que merecemos. E alegrias incomparavelmente superiores aos prazeres e distrações desta vida. Mas não creio que dê muitos gostos, a não ser uma vez ou outra, mostrando-nos o que se passa nas demais moradas para nos encorajar a entrar nelas.

10. Pode parecer que contentamentos e gostos são tudo a mesma coisa. Mas acho que há grande

diferença entre eles, se bem que posso me enganar. Direi o que penso nas quartas moradas. Como será preciso falar dos gostos que o Senhor dá ali, ficará melhor. Não pensem que não haverá proveito em saber diferenciar uns dos outros: isso lhes permitirá escolher o que é mais vantajoso. De todo modo, contentamentos e gostos são grande consolo para as almas que Deus eleva a esse nível. E assombro para quem supõe que já tem tudo. Se for humilde, dará graças a Deus; se não, sentirá amargura sem motivo, pois a perfeição não consiste em gozos. O prêmio caberá a quem mais amar e agir com justiça e verdade.

11. Sendo assim, talvez vocês queiram me perguntar para que serve falar dessas consolações interiores. Eu não sei. Perguntem a quem me mandou escrever. Não cabe a mim discutir com meus superiores, nem ficaria bem. Apenas obedeço. Mas há uma coisa que posso dizer com certeza: quando eu não recebia consolações nem sabia por experiência própria, nem imaginava, com razão, que saberia um dia, já teria sido grande alegria saber ou por raciocínios compreender que eu agradava a

Deus de algum modo. Quando lia algo sobre as graças e consolos que o Senhor dá às almas que o servem, experimentava grandíssima satisfação. E minha alma louvava muito a Deus. Então, se eu, que sou tão ruim, fazia isso, as que são boas e humildes o glorificarão muito mais.

Ainda que uma só alma o bendiga uma só vez, já terá valido a pena falar dos contentamentos e deleites que deixamos de receber por nossa culpa, especialmente porque, se são de Deus, vêm carregados de amor e fortaleza com os quais se pode caminhar com menos esforço e crescer em obras e virtudes. Mas, se não os recebemos, não pensem que ele se importe pouco conosco. Se não é por nossa falta, justo é o Senhor¹¹, Sua Majestade nos dará por outros caminhos aquilo que nos nega por esse. O motivo só ele sabe, pois são muito bem guardados os seus segredos¹². Mas podem ter certeza de que ele nos dá o que mais nos convém, sem dúvida nenhuma.

¹¹ Salmo 118, 137.

¹² Romanos 11, 33.

12. As almas que, pela bondade do Senhor, chegaram aqui receberam grande misericórdia e estão muito perto de subir mais. Será muito proveitoso exercitarem-se na prontidão da obediência. E, mesmo se não são pessoas de vida consagrada, seria imensa ajuda ter um diretor espiritual a quem recorrer para não fazer nunca a própria vontade. Em geral, é daí que vêm nossos males. Não procurem alguém de temperamento igual ao de vocês mesmas, ou que seja excessivamente cauteloso em tudo, mas sim quem esteja bastante desiludido das coisas do mundo. Tratar com quem já conhece o mundo é excelente maneira de nos conhecermos a nós mesmas. Além do mais, é encorajador ver que algumas coisas aparentemente impossíveis são feitas com tanta serenidade pelos outros. Assistindo ao seu voo, atrevemo-nos a voar, como fazem os filhotes das aves que, embora não deem grandes saltos de início, pouco a pouco, imitam seus pais. É muito proveitoso.

Recomendo vivamente a essas pessoas que não se metam em ocasiões de pecado, mesmo que estejam muito determinadas a não ofender ao Senhor. Posto que ainda se encontram perto

das primeiras moradas, poderão voltar a elas facilmente. Sua fortaleza não está fundada em terra firme, como a dos que estão exercitados em padecer. Esses já conhecem as tempestades do mundo e sabem quão pouco devem temê-las se não buscam seus prazeres. Sem isso, as almas inexperientes poderiam recuar no caminho, forçadas por uma grande perseguição do demônio que sabe urdi-las tão bem para lhes fazer mal. Até mesmo ao praticar boas ações, como tentar impedir pecados alheios, correriam o risco de ceder às tentações que lhes sobreviessem.

13. Olhemos as nossas faltas e deixemos as alheias. Pessoas muito devotas costumam se escandalizar de tudo. Mas talvez tenhamos muito a aprender com quem nos inquieta. Decerto levamos vantagem nos modos e na compostura exterior. Mas isso não é o mais importante, embora seja bom. Não há razão para acreditar que todos devam seguir desde já pelo nosso caminho. Não devemos tentar ensinar os caminhos do espírito aos outros. Talvez nem saibamos realmente quais sejam. Esse desejo que Deus nos dá, irmãs, de fazer bem às almas,

se mal conduzido, pode nos levar a cometer muitos erros. O melhor que temos a fazer é seguir a nossa Regra: “procurar viver sempre em silêncio e esperança”. O Senhor cuidará dessas almas. De nossa parte, faremos muito em rogar sempre à Sua Majestade por elas. Seja para sempre bendito.

Quartas Moradas

Capítulo 1

Explica a diferença entre contentamentos e gostos na oração e conta a alegria que sentiu ao compreender a diferença entre a imaginação e o intelecto. É de grande proveito para quem se dedica à oração.

1. Antes de começar a falar das quartas moradas, é indispensável o que acabo de fazer. Encomendei-me ao Espírito Santo e supliquei-lhe que, de agora em diante, fale por mim, para que eu possa lhes dizer algo sobre as moradas seguintes de maneira que vocês me entendam. A partir daqui, Deus começa a dar graças sobrenaturais ¹ difícilimas de explicar sem o socorro de Sua Majestade, como já fez antes quando escrevi em outra parte ² até onde eu

¹ Para a Santa, “sobrenatural” significa “infuso ou místico”.

² Em *Vida*.

havia entendido. Parece-me que tenho agora um pouco mais de luz sobre essas graças que o Senhor dá a algumas almas. No entanto, outra coisa é saber dizer. Faça-o Sua Majestade, se disso vier algum proveito. Se não, não.

2. Estas moradas já estão mais perto de onde está o Rei. Têm grande beleza, e há nelas coisas tão refinadas para ver e compreender que o nosso intelecto não consegue sequer transmitir uma pálida ideia do que sejam. Por isso, parecerão obscuras a quem não tem experiência. Mas quem tem poderá reconhecê-las facilmente. Em especial, se estiver muito familiarizado com elas. Acredito que para chegar aqui será necessário permanecer muito tempo nas moradas precedentes. Geralmente passa-se antes pelo aposento que acabamos de visitar. Mas isso não é regra. Como vocês já ouviram dizer muitas vezes, o Senhor dá seus bens quando quer, como quer e a quem quer. E com isso não faz afronta a ninguém.

3. As criaturas peçonhentas quase não entram nestas moradas. E quando conseguem, deixam mais ganho que dano. De fato, creio que as tentações trazem imenso proveito neste grau de

oração. Sem elas o demônio poderia semear muitos enganos em meio às consolações de Deus. E assim causaria prejuízo muito maior do que com as tentações. Seria grande erro, por exemplo, se a alma se deixasse ficar num estado de embevecimento permanente. Desse modo, mesmo que não pudesse ganhá-la para si, o inimigo conseguiria ao menos levá-la a negligenciar as obras que a fariam merecer maior graça de Deus. Certamente um estado prolongado de embevecimento não é seguro, pois não me parece possível que o Espírito do Senhor repouse continuamente sobre nós neste desterro.

4. Tratemos então do que prometi dizer sobre a diferença entre contentamentos e gostos na oração. Contentamentos são tudo aquilo que adquirimos por meio da meditação e pedidos a Nosso Senhor. Procedem da nossa natureza humana, ainda que, enfim, Deus nos ajude nisso (deve-se entender, em tudo o que eu lhes digo, que nada podemos sem ele³). Nascem de nossas obras virtuosas e, de certo modo, são fruto do

³ João 15, 5.

esforço que fazemos para progredir na vida espiritual.

Temos boas razões para sentir contentamento quando nos empenhamos nessas coisas. Mas, pensando bem, experimentamos os mesmos contentamentos por muitas outras razões. Por exemplo, quando recebemos uma grande herança inesperada, revemos de surpresa uma pessoa muito amada, alcançamos sucesso em um negócio importante ou vemos regressar vivo o marido, o irmão ou o filho que se presumia morto. Já vi pessoas derramando lágrimas diante de um grande contentamento, e até a mim isso já aconteceu algumas vezes. Acredito que assim como esses contentamentos são naturais, assim também são os que provêm do serviço de Deus, embora estes sejam de linhagem mais nobre e aqueles não sejam de todo maus.

Enfim os contentamentos começam em nossa natureza humana e acabam em Deus. Pelo contrário, os gostos começam em Deus e só depois são percebidos pela nossa natureza que goza tanto deles como dos contentamentos, embora com muito mais intensidade. Oh, Jesus,

quisera saber explicar isso! Vejo muito claramente a diferença entre eles, mas não consigo me fazer entender. Que o Senhor o faça por mim.

5. Acabo de me lembrar do versículo que está no fim do último salmo que rezamos pela manhã e termina dizendo *Cum dilatasti cor meum*⁴. Quem tem muita experiência não precisa de mais nada para entender a diferença entre contentamentos e gostos. Quem não tem, pedirá mais explicação⁵.

Os contentamentos não dilatam o coração. Na verdade, parece que geralmente o apertam um pouco, embora sinta-se grande alegria por estar a serviço de Deus. E vêm com umas lágrimas sentidas, como que movidas pela paixão. Sei pouco acerca das paixões da alma.

⁴ Fragmento do versículo 32 do Salmo 118. O versículo inteiro: “Correrei pelo caminho dos vossos mandamentos quando dilatardes o meu coração”.

⁵ Contentamentos são todo tipo de experiências prazerosas adquiridas na oração, semelhantes às satisfações que o mundo oferece. Por outro lado, gostos são experiências infusas que o fiel não pode adquirir por conta própria, já que são dadas por Deus.

Gostaria de poder explicar melhor, mas, como sou muito rude, não consigo distinguir o que vem da sensualidade⁶ e o que procede da nossa natureza. Espero ter conseguido me fazer entender, já que compreendo por experiência. Saber as letras⁷ é muito proveitoso para tudo.

6. O que sei desse estado (falo das graças e contentamentos na meditação) é que, se começava a chorar por causa da paixão de Cristo, não podia parar até ficar com a cabeça atordoada. Se chorava por meus pecados, acontecia o mesmo. Com isso, Nosso Senhor me concedia imensa graça.

Não vou examinar agora qual é melhor, se contentamentos ou gostos. Apenas tentarei mostrar a diferença entre eles.

Algumas pessoas são naturalmente inclinadas para esses desejos e lágrimas, outras não. Seja como for, terminam em Deus, embora tenham origem humana. E são de grande valia, se tivermos humildade, para entendermos que não somos melhores por isso, já que não

⁶ Sensualidade: parte sensitiva e desordenada da natureza humana.

⁷ Saber as letras: ter cultura filosófica e teológica.

podemos saber se são todos efeitos do amor. Mas, se são, vêm de Deus.

Essas devoções são muito frequentes nas almas das moradas anteriores, pois elas se esforçam quase continuamente para compreender, examinando com o intelecto e meditando. E fazem bem porque ainda não lhes foi dado mais. Acertariam, porém, se passassem algum tempo em atos de devoção, louvando a Deus, alegrando-se por sua bondade, por ele ser quem é e desejando sua honra e glória. Façam isso o quanto puderem, porque desperta a vontade de progredir na vida espiritual. E estejam avisadas para não deixarem a meditação quando o Senhor lhes der graças maiores.

7. Não direi mais nada aqui, porque já me alarguei muito tratando disso em outros escritos⁸. Só quero que vocês entendam que, para progredir neste caminho e subir às moradas seguintes, não se deve pensar muito, mas amar muito. Portanto, o que vocês devem fazer é seguir pelo caminho que mais lhes despertar o amor.

⁸ *Vida e Caminho.*

Talvez não saibamos o que seja amar. E isso não me surpreende. Amar não consiste em sentir os maiores gostos na oração, mas sim em tomar a firme decisão de agradar a Deus em tudo; de não o ofender, na medida do possível; e de rogar-lhe que aumente sempre a honra e glória de seu Filho e favoreça o crescimento da Igreja Católica. Esses são os sinais do amor.

E não fiquem imaginando que a coisa toda esteja em não pensar em mais nada ou que, se vocês se distraírem um pouco na oração, estará tudo perdido.

8. Às vezes eu ficava muito preocupada com as distrações do meu pensamento durante a oração. Até que, há pouco mais de quatro anos, compreendi, por experiência própria, que o pensamento (ou a imaginação, para que me entendam melhor) não é a mesma coisa que o intelecto. Perguntei a um letrado, e ele confirmou. Para mim foi motivo de grande alegria. Como o intelecto é uma das faculdades da alma, era-me difícil vê-lo tão desorientado às vezes. Mas isso acontece porque normalmente o pensamento voa tão rápido que só Deus pode detê-lo quando nos une a si na oração, como se

desconectasse a alma do corpo. Acontecia comigo que, enquanto as faculdades da alma se entregavam a Deus e se recolhiam nele, o pensamento se alvoroçava. Eu ficava desnorçada⁹.

9. Oh, Senhor, levai em conta tudo o que padecemos no caminho da oração por falta de conhecimento! Quanto mal fazemos a nós mesmas, acreditando que não é preciso nada mais do que pensar em vós. Não sabemos pedir conselho às pessoas instruídas. Nem sequer nos damos conta de que temos necessidade de nos aconselhar. Enfrentamos terríveis dificuldades porque não conhecemos a nós mesmas. E aquilo que não é mal, mas bem, supomos que seja castigo por uma grande falta. Daqui procedem as aflições de muita gente dada à oração e também as queixas de tribulações interiores (principalmente de quem tem pouca instrução), como também as melancolias e a perda de saúde. Chegam até a abandonar a oração. Tudo porque

⁹ Para Santa Teresa, essa instabilidade e rebeldia da imaginação é consequência da desordem produzida pelo pecado original.

não se dão conta de que existe todo um mundo interior em nós.

Assim como não podemos interromper o movimento do céu que anda apressado, a toda velocidade, tampouco podemos deter o nosso pensamento. Confundimos todas as faculdades da alma com o pensamento. E por isso parecemos que estamos perdidas e gastando mal o tempo que passamos em oração diante de Deus. Na verdade, porém, a alma está unida a ele nas moradas mais próximas do centro do castelo. Enquanto isso, a imaginação vaga nos arredores do castelo sob o ataque de mil bestas ferozes e peçonhentas, merecendo esse sofrimento. Não devemos nos perturbar nem suspender a oração, pois é exatamente isso que o demônio quer. Em boa parte, as inquietações e tribulações interiores se devem ao fato de não entendermos isso.

10. Enquanto escrevo, vou sondando o que se passa na minha cabeça. Um grande ruído quase me impede de prosseguir. É como o estrondo de muitos rios caudalosos que se precipitam de grande altura. Há também muitas revoadas de passarinhos e silvos de ventos. Não vêm dos

ouvidos, mas da parte de cima da cabeça onde, segundo dizem, está a porção superior da alma¹⁰. Acreditei nisso por muito tempo, imaginando que o espírito se movia para cima com grande velocidade. Queira Deus que eu me lembre de explicá-lo nas moradas seguintes, pois aqui não ficaria bem. Talvez o Senhor tenha me dado este mal de cabeça para me fazer entender, de uma vez por todas, que não devemos permitir que essas tribulações interiores nos paralisem. De fato, toda esta confusão não me atrapalha nem a oração, nem o que lhes escrevo. Pelo contrário, a alma está toda entregue a Deus, em quietude, cheia de amor e desejos, gozando de claro discernimento.

11. Mas, se a porção superior da alma está na parte de cima da cabeça, por que não se perturba? Isso eu não sei. Só sei que digo a verdade. Havendo êxtase ¹¹, não se sente nenhum tipo de mal-estar. No entanto, sofre-se quando se trata de oração sem êxtase. Seja como for, seria grande erro se, por conta dessa

¹⁰ Teoria corrente na medicina e filosofia da época.

¹¹ Cessação das atividades dos sentidos e das faculdades da alma.

dificuldade, deixássemos de orar. Nunca devemos permitir que maus pensamentos nos perturbem. O melhor a fazer é não lhes dar atenção. Se vêm do demônio, bastará isso para desaparecerem. E se são, como de fato são, na maior parte das vezes, fruto da miséria em que nos lançou o pecado de Adão, entre tantas outras, tenhamos paciência e suportemos esse mal por amor de Deus. Assim como somos constrangidas a comer e dormir, sem podermos nos desobrigar dessas necessidades corporais, também estamos sujeitas às fraquezas humanas. E isso é grande provação.

12. Reconheçamos a nossa miséria e desejemos ir para onde ninguém nos censure¹². De vez em quando, lembro-me dessas palavras da esposa dos Cantares. Vejam como elas caem bem aqui! Realmente todas as humilhações e sofrimentos desta vida não se comparam a essas batalhas interiores. Podemos suportar qualquer desassossego e enfrentar qualquer guerra, desde que encontremos paz em nossa casa. Mas a coisa toda fica muito penosa e quase insuportável quando o Senhor nos prepara o descanso pelo

¹² Cantares 8, 1-2.

qual tanto ansiamos depois de mil trabalhos neste mundo, e, porém, em nós mesmas, algo nos impede de gozá-lo. Por isso, levai-nos, Senhor, para onde não nos menosprezem essas misérias que parecem às vezes zombar da alma. O Senhor livra a alma disso ainda nesta vida, quando ela chega à última morada, como diremos mais adiante se Deus quiser.

13. Nem todas sofrerão tanto essas misérias, nem por tanto tempo, como me aconteceu durante muitos anos, por ser tão ruim. Até parece que eu queria me vingar de mim mesma. Visto que foi muito penoso para mim, creio que também será para vocês. Estou insistindo neste ponto para mostrar que é inevitável. Não fiquem inquietas e aflitas quando lhes acontecer. Apenas deixemos rodar a taramela desse moinho¹³ e moamos a nossa farinha com a vontade e o intelecto.

¹³ Taramela é uma pequena peça de madeira que, trepidando ruidosamente sobre a mó, faz com que a canoura libere os grãos pouco a pouco. A taramela do moinho simboliza a imaginação, que, em outro lugar, Santa Teresa chamou de “a louca da casa”. Significado da comparação: embora barulhenta e incômoda, a taramela é imprescindível para o

14. As distrações na oração podem incomodar mais ou menos, conforme o estado de saúde e a fase da vida. Padeça a pobre alma mesmo que não tenha culpa aqui, pois outras terá. Por isso, tenhamos paciência.

Tudo o que lemos e nos aconselham é pouco para nos convencer da necessidade de não prestar atenção aos maus pensamentos. Como não sabemos muito, não me parece tempo perdido o que gasto falando tudo isso para tranquilizá-las. Mas, até que o Senhor nos dê luz, essas advertências quase não trazem proveito. Precisamos buscar os meios de conhecermos a nós mesmas. Sua Majestade quer isso. Não culpemos a alma pelo mal que a fraca imaginação, a natureza e o demônio nos fazem.

funcionamento do moinho, pois é ela que despeja os grãos sobre a pedra onde serão moídos. Do mesmo modo, a imaginação desenfreada – embora perturbe a oração, afligindo o fiel com distrações e maus pensamentos – contribui para seu crescimento espiritual, na medida em que desnuda sua miséria humana e o leva a reconhecer que sua salvação está nas mãos de Deus.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. Faz uma comparação para explicar o que são gostos e diz como alcançá-los sem procurar.

1. Valha-me, Deus, neste atoleiro onde me meti! Tinha me esquecido do que dizia, porque os muitos afazeres e a má saúde me interrompem frequentemente na melhor parte. Como tenho a memória fraca e não há tempo para reler cada vez que retomo o trabalho, ficará tudo fora de ordem. Talvez seja despropósito tudo o que disse até aqui. Ao menos é o que sinto.

Voltando então aos contentamentos espirituais, parece-me ter dito¹⁴ que às vezes somos assaltadas por nossas emoções ao ponto de sofrer ataques de soluços. Ouvi dizer que algumas pessoas sentem o peito apertar e têm movimentos involuntários tão violentos que chegam a sangrar pelo nariz, além de sofrer outros acidentes assim penosos. Disso não sei dizer nada, porque não tenho experiência. Mas deve ser motivo de alegria, já que, como

¹⁴ No cap. 1, §§ 4-6.

mencionei¹⁵, tudo termina em querer agradar a Deus e deleitar-se com Sua Majestade.

2. Os gostos de Deus, que em outra parte¹⁶ chamei oração de quietude, são muito diferentes, como saberão as irmãs que, pela misericórdia de Deus, já os experimentaram.

Para entender melhor a diferença entre os contentamentos espirituais e os gostos de Deus, imaginemos duas fontes que encham de água dois tanques.

(Não encontro nada mais apropriado que a água para representar certos aspectos da vida espiritual. Como sei pouco e o talento não me ajuda e como aprecio muito esse elemento, tenho prestado mais atenção a ele do que a outras coisas. Em tudo o que tão grande e sábio Deus criou deve haver muitos segredos de que podemos nos beneficiar. São esses segredos ocultos na natureza que os estudiosos procuram desvendar, embora eu pense que em cada coisinha que Deus criou há mais mistérios do

¹⁵ No cap. 1, § 5.

¹⁶ *Vida e Caminho.*

que somos capazes de compreender, mesmo que seja só uma formiguinha.)

3. Esses dois tanques enchem-se de água de diferentes maneiras. Um a recebe de longe, trazida por aquedutos e máquinas barulhentas que nós mesmos construímos. Outro está erguido sobre a própria nascente e por isso enche em silêncio. Se o manancial é caudaloso como esse de que falamos, logo transborda e faz surgir um grande rio. Não é necessário construir maquinaria nem aquedutos, e mesmo assim sempre corre água dali.

A diferença entre gostos e contentamentos, a meu ver, é que nos contentamentos a água vem por aquedutos, isto é, pela meditação, como já disse ¹⁷. Nós os trazemos, meditando e esforçando-nos para compreender as coisas do espírito. Por isso, cansam o intelecto e, quando chegam afinal, fazem barulho, enchendo a alma de benefícios, como disse no capítulo anterior¹⁸.

4. No outro tanque, ou seja, na oração dos gostos de Deus, porém, a água vem da própria

¹⁷ Em *3^{as} Moradas*, cap. 2, § 9; e em *4^{as} Moradas*, cap. 1, § 4.

¹⁸ Nos §§ 5, 6 e 10.

nascente que é Deus. Quando Sua Majestade quer dar alguma graça sobrenatural, ele faz brotar essa água no mais profundo de nosso ser, com grandíssima paz, quietude e suavidade. Não sei de onde procede a alegria e deleite dos gostos de Deus. Não são como os deste mundo que começam no coração e só depois enchem tudo. Essa água vai se derramando primeiro por todas as moradas e faculdades da alma e só depois chega ao corpo. Por isso, disse que começa em Deus e acaba em nós. Todo o nosso ser deleita-se nesse gosto e suavidade, como verá quem o experimentar.

5. Acabei de me lembrar do versículo *Dilatasti cor meum* (“[Quando] dilatardes o meu coração”), que citei há pouco¹⁹ para mostrar que o coração se dilata. Na verdade, porém, não creio que os gostos de Deus nascem no coração, e sim noutra parte ainda mais interior e mais profunda. Acredito que eles procedem do centro da alma. Vou explicar ao final²⁰ como descobri isso.

¹⁹ No cap. 1, § 5. Parênteses do tradutor.

²⁰ Em *7^{as} Moradas*, cap. 1 e cap. 2, §§ 3-9.

Vejo em nós mesmos segredos que muitas vezes me espantam. E quantos mais deve haver! Oh, meu Senhor e meu Deus, como são insondáveis as vossas grandezas! Andamos como uns pastorinhos tontos, pensando que enxergamos alguma coisa de vós. No entanto, o que conseguimos ver deve ser quase nada, já que não somos capazes de entender sequer os grandes segredos que há em nós mesmos. Disse *quase nada* pensando no muitíssimo que há em vós, pois até o pouco que podemos alcançar de vossas obras é sobremaneira grandioso.

6. Voltando então ao versículo, o que pode ser útil para eu me fazer entender aqui é a ideia de dilatação. Assim que começa a se produzir aquela água celestial na fonte que mencionei, isto é, no mais profundo de nosso ser, todo o interior vai se alargando e produzindo bens indizíveis. Nem a própria alma entende o que se passa. Apenas sente uma fragrância vinda daquela profundidade interior, como se houvesse ali um braseiro onde se lançassem finíssimas essências. Não se vê o clarão nem se sabe exatamente onde está o fogo. No entanto, o calor e os vapores perfumados penetram toda a

alma. Muitas vezes até o corpo percebe, como já disse.

Entendam bem o que estou dizendo. Não se sente calor nem se aspira perfume nenhum. Falo de algo mais refinado que essas sensações corporais. Disse *braseiro* e *perfumes* apenas para me fazer entender. Quem nunca teve essa experiência, fique sabendo que é assim mesmo. Entende-se tudo o que se passa, e a alma compreende mais claramente do que eu consigo explicar. E não é nada que possamos fazer com nossas próprias forças. Por mais que tentemos, não conseguimos. Por aí já se vê que essa experiência não pode ser forjada do metal de que somos feitos, mas sim daquele puríssimo ouro da sabedoria divina²¹. Aqui as faculdades da alma não estão unidas, a meu ver, mas olhando espantadas e perguntando-se que será aquilo.

7. Pode ser que eu contradiga algo daquilo que já disse antes acerca desses fenômenos interiores. Não é de admirar. Passados quase quinze anos desde a última vez que escrevi sobre

²¹ Santa Teresa reafirma o que disse no início destas *4^{as} Moradas*: Deus começa a se mostrar à alma por meio de fenômenos místicos.

este assunto²², acredito que o Senhor me deu uma visão mais clara. Agora como antes posso errar muito, mas não tenho intenção de mentir. Pela misericórdia de Deus, antes preferia morrer mil vezes. Digo apenas o que me foi dado entender.

8. Acredito que essas graças são concedidas apenas a quem tem a vontade unida, de algum modo, à de Deus. Mas, para discernir se elas vêm realmente dele, nada melhor que observar os seus frutos. Esse é o melhor cadinho para prová-las. Reconhecer que as recebe já é grande mercê de Nosso Senhor. Não voltar atrás depois disso é outra maior ainda.

Prontamente vocês vão querer essa oração, minhas filhas. É bom que queiram. Como disse²³, logo que toma conhecimento dos favores que o Senhor concede ali e do amor com que vai trazendo-a para mais perto de si, a alma deseja saber como alcançar essa graça. Eu lhes direi o que entendo disso.

²² Refere-se ao *Livro da Vida*.

²³ No § 5 deste capítulo.

9. Sua Majestade deseja intensamente nos conceder esses favores. Mas no momento oportuno. Ele sabe quando. Não devemos tentar apressá-lo. Façamos aqui o que fizemos nas moradas passadas: humildade! humildade! O Senhor se deixa vencer pela humildade e nos dá tudo o que lhe pedimos²⁴. O primeiro teste que vocês devem fazer para saber se são humildes é perguntarem-se se merecem essas graças e gostos do Senhor e se esperam recebê-los nesta vida.

Vocês podem dizer então: se é assim, como alcançá-los sem procurar? E eu lhes respondo que não existe outra maneira melhor do que essa, pelas seguintes razões:

Primeira, porque, acima de tudo, é necessário amar a Deus sem interesse. Segunda, porque não deixa de ser falta de humildade pensar que, por nossos serviços miseráveis, haveremos de alcançar tão grande benefício. Terceira, porque a verdadeira preparação para receber essas graças é o desejo de padecer e de imitar ao Senhor, e não querer os gostos de

²⁴ Em *Caminho*, cap. 16, §§ 1-3, a Santa diz que “a humildade dá xeque-mate ao Rei da Glória”.

Deus, já que, afinal, nós o ofendemos com nossos pecados.

Quarta, porque Sua Majestade não está obrigado a dar-nos gostos, como está a dar-nos a glória eterna, se guardarmos os seus mandamentos, pois sem gostos poderemos nos salvar. Ele sabe melhor do que nós o que nos convém e quem o ama de verdade. Se seguirmos por aqui, é certo que alcançaremos essas graças. Conheço pessoas que vão pelo caminho do amor como se deve ir. Só querem servir ao Cristo crucificado. Não desejam nem pedem gostos. E até suplicam que não lhes dê nesta vida. Podem acreditar.

Quinta, porque trabalharemos em vão esperando gostos se Sua Majestade não quiser dá-los. Esta água não vem por aquedutos, ou seja, não é fruto de nenhum engenho humano. Se a fonte que está dentro do tanque não quer produzi-la, de nada adianta nos cansarmos, vertendo muitas lágrimas. Ela só é dada a quem Deus quer e, muitas vezes, quando a alma menos espera.

10. Somos d'Ele, irmãs. Que ele faça de nós o que quiser e leve-nos por onde quiser. Se formos

verdadeiramente humildes e desapegadas, certamente o Senhor não deixará de conceder essa graça, além de muitas outras que nem saberíamos pedir. Eu disse que devemos ser verdadeiramente humildes porque não basta apenas pensar que somos. É muito fácil nos enganarmos a respeito de nós mesmas. Precisamos nos desapegar por inteiro. Bendito seja Ele para sempre. Amém.

Capítulo 3

Trata da oração de recolhimento que o Senhor costuma dar antes da oração dos gostos de Deus. Descreve os efeitos de uma e de outra.

1. Vou lhes mostrar alguns dos muitos efeitos produzidos pela oração dos gostos de Deus. Mas primeiro quero falar de outro tipo de oração que começa quase sempre antes dessa, e, como já tratei dela em outros escritos, direi pouco aqui.

É um tipo de recolhimento que também me parece sobrenatural. Não consiste em estar no escuro, fechar os olhos ou em qualquer outra prática exterior. Sem querer, cerram-se os olhos e deseja-se solidão. E, sem esforço, parece que vai sendo construído o edifício da oração dos

gostos de Deus. Assim o apego às coisas do mundo diminui à medida que a alma recupera a força primordial que tinha perdido.

2. Dizem que às vezes “a alma entra em si” e outras vezes “se põe sobre si”²⁵. Mas desse jeito não saberei explicar nada. Isto tenho de mau: já que sei dizer uma coisa, penso que certamente vocês entenderão. Mas talvez seja claro só para mim.

Voltando então à comparação que uso para me explicar, façamos de conta que os sentidos e as faculdades da alma sejam pessoas que abandonaram o castelo e passam dias ou até anos em companhia de gente estranha que não quer o bem desse lugar. Vendo-se, porém, no caminho da perdição, reaproximam-se dele, embora não cheguem a entrar, porque andar com os inimigos do castelo endurece o coração. Contudo, já não são traidoras e andam ao redor. Considerando suas boas intenções, o grande Rei que está no castelo, por imensa misericórdia, quer trazê-las de novo a si. Como bom pastor, assobia de maneira tão suave que os ouvidos

²⁵ Alusão ao *Terceiro Abecedário Espiritual* do frei Francisco de Osuna.

quase não percebem. Ainda assim, faz que reconheçam a sua voz para que não andem tão perdidas e voltem à sua morada. Por fim, quando esse assobio penetra nos seus corações, adquire tal força que elas abandonam as coisas exteriores com que se ocupavam e entram no castelo.

3. Acho que nunca expliquei isso tão bem como agora. Essa graça é ajuda valiosa para buscar a Deus no interior da alma onde o encontramos mais facilmente e com mais proveito do que nas criaturas, como disse Santo Agostinho, que aí o achou depois de procurar em muitos lugares²⁶. Mas não creiam que pode ser adquirida por meio do intelecto, pensando-se que se tem a Deus dentro de si. Nem pela imaginação, representando-O dentro de si. Tudo isso é bom e excelente forma de meditação, porque se funda sobre esta verdade: Deus está dentro de nós. Mas não é disso que estou falando, pois qualquer um pode fazê-lo (com a graça do Senhor, que fique claro). O que vou lhes mostrar agora é diferente.

²⁶ *Confissões* 10, 27.

Às vezes, antes mesmo de pensar em Deus, essa gente já está dentro do castelo. Sentiu o assobio do seu pastor, não sei por onde nem como. Não foi pelos ouvidos, porque não se ouve nada. Sente-se claramente um suave recolhimento para o interior, como verá quem passar por isso, pois eu não consigo explicar melhor. Se não me engano, li em algum lugar que é como um ouriço ou tartaruga quando se recolhem em si mesmos. Quem escreveu devia entender bem isso²⁷. Mas esses animais entram em si quando querem. Aqui, porém, esse entrar em nós mesmos não depende da nossa vontade, mas da de Nosso Senhor. Tenho para mim que Sua Majestade concede essa graça a pessoas que já estão dando adeus às coisas do mundo.

Não me parece que seja recompensa por boas obras, pois nem todos que desejam conseguem realizá-las. É uma maneira pela qual o Senhor chama a cada um em particular para que fique atento às coisas interiores. Creio que, se queremos dar lugar a Sua Majestade, ele não

²⁷ Nova menção ao *Terceiro Abecedário*.

concederá só isso a quem já começa a chamar para mais.

4. Louve-O muito quem reconhecer em si semelhante mercê. É muitíssimo justo saber valorizá-la. As ações de graças dadas por ela farão com que a alma se disponha para receber outras maiores. Também preparam para se ouvir a Deus, como nos ensinam alguns livros que aconselham procurar não pensar, mas estar atento para ver o que o Senhor opera na alma²⁸.

Entretanto creio que o nosso pensamento só pode ser detido por intervenção de Sua Majestade. Sem isso, qualquer tentativa resultará em mais dano que proveito. Embora essa questão tenha ensejado enorme controvérsia entre algumas pessoas espirituais, de minha parte, confesso a minha pouca humildade: nunca me deram razões suficientes para que eu aceitasse o que dizem. Uma dessas pessoas citou certo livro do santo Frei Pedro de

²⁸ Refere-se ao livro de Bernardino de Laredo, *Subida da Alma a Deus*, parte 3, capítulo 27: “Grande coisa é não pensar nada em perfeita contemplação”.

Alcântara²⁹, que penso ser alguém diante de cuja autoridade eu me curvaria. Li o livro e diz o mesmo que eu, de outra maneira. Mas se entende em suas palavras que o amor já estará desperto. Pode ser que eu me engane, mas vou ficar com as seguintes razões:

5. A primeira é que, nesses exercícios espirituais, quem menos pensa e menos quer fazer é quem faz mais. Cabe a nós apenas pedir, como pobres necessitados diante de um grande e rico imperador, e logo baixar os olhos e esperar com humildade. Quando o Senhor, por seus secretos caminhos, faz-nos saber que nos ouve, então é melhor calar. Ele nos deixou estar junto de si, e não devemos procurar entender o que se passa, se pudermos.

Mas se este Rei não nos dá a entender que nos ouviu e vê, não devemos ficar ali feito bobas insistindo sempre, porque a alma se cansa e sofre muito mais secura. Além disso, o esforço para não pensar em nada pode, na verdade, avivar ainda mais a imaginação. Não é isso que o Senhor quer. Só devemos pedir e crer que

²⁹ *Tratado de Oração e Meditação*, nota 8, que, na verdade, foi escrito pelo Frei Luís de Granada.

estamos em sua presença. Ele sabe o que nos convém. Não consigo acreditar que habilidades humanas possam realizar coisas que Sua Majestade parece ter colocado fora de nosso alcance e quis reservar para si. Há tantas outras às quais ele não nos impôs nenhum limite e que podemos fazer com sua ajuda, tais como penitência, obras de caridade e oração, até onde nossa miséria permite.

6. A segunda razão é que essas obras interiores são todas suaves e pacíficas. Recorrer a práticas penosas traz mais prejuízo que lucro. Considero penoso qualquer esforço que se queira fazer, como conter o fôlego. Não é isso o que convém, mas sim deixar que a alma se abandone nas mãos de Deus. Que ele faça dela o que quiser, e que ela se esqueça dos próprios interesses e se renda à vontade de Deus tanto quanto puder.

A terceira é que a vontade de não pensar em nada talvez desperte a imaginação para fazer-nos pensar muito.

A quarta é que o mais importante e mais agradável a Deus é nos lembrarmos de sua honra e glória e nos esquecermos de nós mesmas e daquilo que poderemos ganhar em benefícios,

satisfações e gostos. Mas como poderá esquecer-se de si a pessoa que, de tão concentrada, não ousa sequer mexer-se nem permite que seu intelecto e sua vontade se movam a desejar a maior glória de Deus ou se alegrar com a sua glória?

Quando quer suspender a ação do intelecto, Sua Majestade ocupa-o de outra maneira, dando ao conhecimento uma luz tão superior à que podemos alcançar ordinariamente que o deixa arrebatado. Então, sem saber como, aprendemos muito mais do que aprenderíamos com todos os nossos esforços, que aqui poriam tudo a perder.

Se o Senhor nos deu as faculdades da alma e se tudo tem o seu valor, então não há porque hipnotizá-las. O melhor é deixá-las fazer o seu papel até que Deus lhes dê outro maior.

7. O que mais convém à alma que o Senhor quis introduzir nesta morada é fazer o que já disse³⁰ e, sem o menor esforço e agitação, tentar reduzir as atividades do intelecto e do pensamento, sem pretender suspendê-las de

³⁰ Nos §§ 4-6 e cap. 2, § 9.

todo. Contudo será bom lembrar-se de que está diante de Deus e procurar se conscientizar de quem é este Deus. Se aquilo que sente lhe agrada, tanto melhor. Mas não queira entender, porque é dom gratuito. Permita-se fruir a oração sem nenhum artifício, apenas com algumas palavras amorosas. Porque, se não nos inquietamos na tentativa de suspender o pensamento, voltaremos a esse estado muitas vezes, ainda que por brevíssimo tempo.

8. Entretanto, não se deve deixar de meditar e exercitar o intelecto na oração de recolhimento. Vejo agora que devia tê-la explicado antes da dos gostos de Deus, pois, apesar de ser muito inferior a esta, é o ponto de partida para se chegar a ela.

Como já havia dito em outro escrito³¹, o motivo por que a oração dos gostos de Deus faz cessar o curso do entendimento é que ela é o manancial cujas águas não vêm por aquedutos. Aqui o poder do intelecto encontra o seu limite e se detém, ou melhor, é detido. Não sabe o que quer e anda de um lado para outro atordoado e

³¹ *Caminho 31.*

sem sossego, tentando retomar o seu ofício. Por sua vez, a vontade está tão firmada em seu Deus que sente imenso pesar pela agitação do intelecto. Será melhor não lhe dar atenção, pois a faria perder muito do que goza, e abandonar-se nos braços do Amor. Nessa altura Sua Majestade lhe ensinará como proceder. Quase tudo que terá de fazer é sentir-se indigna de tantos benefícios e ocupar-se em ação de graças.

9. Como estava tratando da oração de recolhimento, deixei de falar dos efeitos ou sinais que a oração de quietude (ou gostos de Deus) produz na alma que recebe essa graça de Nosso Senhor.

Nos gostos de Deus, percebe-se claramente uma dilatação ou alargamento da alma, tal como a água que jorra duma fonte e não tem para onde correr. Mas é como se o seu reservatório fosse construído de um material que se dilata à medida que a água brota. Assim parece acontecer nessa oração. E sobrevêm muitas outras maravilhas que Deus faz na alma, pois ele a capacita e tudo dispõe para que ela receba todas as suas graças.

Transformada por essa suave dilatação interior, ela não fica tão presa como antes às coisas que estorvavam o serviço de Deus e pode cumpri-lo com muito mais generosidade. Já não se deixa paralisar pelo medo do inferno. Embora aumente o receio de ofender a Deus, o temor servil desaparece, pois adquire grande confiança que entrará na presença do Senhor. E não se preocupa como antes em perder a saúde fazendo penitência. Parece-lhe que tudo poderá em Deus e tem mais vontade de fazer penitência do que tinha até então.

O temor que sentia das tribulações diminui, porque a fé está mais viva e entende que, se as entrega a Deus, Sua Majestade lhe dará graça para sofrê-las com paciência. Por vezes chega mesmo a desejá-las, porque sente uma enorme vontade de fazer algo por Deus. À medida que vai conhecendo Suas grandezas, considera-se mais miserável. Até porque, depois de provar dos gostos de Deus, vê que os do mundo são lixo. Afasta-se deles pouco a pouco e é mais senhora de si para fazê-lo.

Enfim, a alma progride em todas as virtudes e por certo continuará crescendo nelas se não

voltar atrás, ofendendo a Deus. Nesse caso tudo se perde, por mais que tenha subido. E não pensem que ela colherá imediatamente todos esses benefícios logo na primeira ou segunda vez que Deus lhe conceder essa graça. Deverá perseverar para fazer-se digna de recebê-los, pois todo o nosso bem está na perseverança.

10. Quero fazer um alerta crucial a quem chegar a esse grau de oração: empenhe-se ao máximo em fugir das ocasiões de ofender a Deus. Aqui a alma ainda não está criada; é como recém-nascido que começa a mamar. Se se afasta do peito de sua mãe, que se pode esperar para ele senão a morte? Temo imensamente que aconteça o mesmo a quem se apartar da oração depois de ter recebido essa graça de Deus. A menos que por gravíssimo motivo, se não a retomar o quanto antes, irá de mal a pior. Há muito que temer nesse caso. Conheço algumas pessoas que me causaram grande lástima pelo que lhes aconteceu quando se afastaram de Quem, com tanto amor, queria se dar a elas por amigo e mostrar por obras sua amizade.

Insisto em avisar que não se metam em ocasiões de pecado, porque o demônio faz maior

estrago por uma só dessas almas do que por inúmeras outras a quem o Senhor não concede tais graças. Podem causar imenso dano, levando muitas consigo e deixando de fazer grandes obras na Igreja de Deus. E, mesmo se não houver outro motivo, basta ver que elas recebem particular amor de Sua Majestade para que o diabo se ponha em combate com todas as suas forças para desencaminhá-las. Por isso são muito atacadas pelo inimigo e caem num abismo muito mais fundo quando se perdem.

Vocês estão livres desses perigos, irmãs, tanto quanto podemos entender. Deus as livre da soberba e da vanglória. Se o demônio quiser falsificar essas graças, logo será desmascarado, porque não produzirá os efeitos que disse, mas sim tudo ao contrário³².

11. Embora já tenha dito em outra parte, quero avisá-las de uma armadilha em que vi caírem pessoas de oração, em especial mulheres. Como somos mais fracas, o que vou dizer aplica-se especialmente a nós. É que algumas têm compleição tão delicada que, recebendo uma

³² Lucas 6, 44: “Cada árvore se conhece pelo seu fruto”.

satisfação espiritual, deixam-se dominar facilmente. Em geral, acontece às que são dadas a muita penitência, oração e vigílias. Mas também pode afetar outras que não fazem nada disso. O contentamento interior combinado com a fragilidade exterior produz um tipo de letargia que chamam de sono espiritual, pouco mais intenso que aquela paz e suavidade experimentada na oração de quietude. Na verdade, elas confundem a própria debilidade com os gostos de Deus e deixam-se embevecer. Quanto mais tempo permanecem assim, mais se embevecem, porque se cansam mais, e imaginam que seja arrebatamento. Chamo isso de abobamento, pois não é outra coisa senão estar ali perdendo tempo e gastando a saúde. Certa pessoa ficava assim oito horas seguidas sem perder os sentidos nem sentir coisa alguma que viesse realmente de Deus. Proibiram-na de fazer vigílias, jejuns e penitência, pois compreenderam o que se passava: ela enganava ao seu confessor, a outras pessoas e a si mesma, embora não quisesse enganar a ninguém. Estou convencida de que o demônio estava operando para tirar algum proveito. E não era pouco o que começava a ganhar.

12. Quando a coisa é verdadeiramente de Deus, mesmo que haja decaimento interior e exterior, não há decaimento da alma, pois ela sente grandes emoções vendo-se tão perto do Senhor. Também não dura tanto assim, mas pouquíssimo tempo, se bem que ela pode voltar a se embevecer. Se não é fraqueza, como disse, a oração não chega a causar esgotamento físico nem a produzir sensações exteriores.

13. Portanto fiquem atentas. Caso sintam isso, contem à prelada e desviem-se dessa prática mais que puderem. Que a prelada cuide para que não passem tantas horas em oração, mas pouquíssimo tempo. E faça que durmam bem e comam até lhes voltar a força natural, se a perderam por isso. Se alguma tem compleição tão fraca que isso não baste, creiam-me que Deus não a quer para outra coisa senão a vida ativa que deve haver nos mosteiros. Ocupem-na com tarefas e não deixem que fique muito tempo sozinha, porque virá a perder totalmente a saúde e isso será grande mortificação para ela. Se tal coisa acontece, é porque o Senhor põe a prova o seu amor por ele, para ver como suporta essa ausência. Depois de algum tempo, ele lhe

devolverá as forças. Se não, ela ganhará fazendo oração vocal e exercitando-se na obediência. E talvez venha a merecer mais por esse caminho do que mereceria por outros.

14. Também pode haver algumas de cabeça e imaginação tão fracas (como conheço) que supõem ver tudo que pensam. Isso é muito perigoso. Como talvez volte a tratar desse assunto adiante, não direi mais nada aqui, pois já me alonguei muito. Creio que esta é a morada onde entram mais almas. E, como o natural entra junto com o sobrenatural³³, o demônio pode causar mais danos. Mas, nas moradas seguintes, o Senhor não lhe dá tanto espaço. Seja Ele para sempre louvado, amém.

³³ O “natural” são os contentamentos adquiridos mediante o empenho do fiel para progredir no caminho da oração. O “sobrenatural” são os gostos infusos, que Deus começa a dar nestas quartas moradas.

Quintas Moradas

Capítulo 1

Começa a tratar de como a alma se une a Deus na oração. Ensina a reconhecer a verdadeira união.

1. Oh, irmãs, como eu poderia descrever a riqueza, os tesouros e os deleites que há nas quintas moradas? Creio que seria melhor não dizer nada a respeito desta nem das que faltam, já que não é possível descrevê-las. Nem o intelecto pode compreendê-las, nem as comparações conseguem retratá-las, porque as coisas deste mundo são muito baixas para esse fim.

Meu Senhor, enviai luz do céu para que eu possa dar alguma luz a estas vossas servas. Não permitais que elas sejam enganadas pelo demônio transfigurado em anjo de luz. Algumas experimentam muito habitualmente esses gozos e só desejam contentar-vos. Disse *algumas*, mas há bem poucas que não entram nestas moradas de que tratarei agora.

2. Afirmei que a maioria chega a estas quintas moradas porque aqui há variados graus de oração. Mas creio que poucas entram em certos aposentos destas moradas. De todo modo, o simples fato de alcançar a porta já é imensa misericórdia de Deus, porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos¹.

3. Embora todas nós que vestimos este hábito sagrado do Carmelo sejamos chamadas à oração e à contemplação (porque esta é a nossa origem, vimos desta linhagem: de nossos santos Padres do Monte Carmelo que em tão grande solidão e com tanto desprezo pelo mundo buscavam este tesouro, esta pérola preciosa de que falamos), poucas nos dispomos realmente para que o Senhor nos faça encontrá-la.

Quanto ao exterior, vamos bem para alcançar a meta. Contudo, necessitamos de muitíssimas virtudes para chegar aqui e de não nos descuidarmos nem um pouco, já que, de certo modo, podemos gozar o céu na terra. Por isso, minhas irmãs, agora é pedir ao Senhor que nos dê o seu favor, não nos abandone por nossa culpa, mostre-nos o caminho e dê forças à alma

¹ Mateus 22, 14.

para cavar até achar este tesouro escondido. Na verdade, ele está em nós mesmas, e é isso que eu gostaria de lhes mostrar, se o Senhor me capacitar.

4. Disse ser necessário pedir ao Senhor que dê forças à alma para vocês saberem que as do corpo não fazem falta a quem Deus não dá. Ninguém está incapacitado para adquirir Suas riquezas. Contanto que cada um dê o que tem, ele já se contenta. Bendito seja tão grande Deus.

Mas vejam, filhas, que nestas moradas Ele não permite que vocês retenham nada: pouco ou muito, quer tudo para si. E, conforme o que vocês tiverem dado (julguem por si mesmas), receberão maiores ou menores graças. Não há melhor prova para saber se nossa oração chega ou não a nos unir a ele.

Não pensem que esta oração seja semelhante a um sonho suave, como na morada passada. Disse *sonho* porque nos gostos de Deus parece que a alma está levemente adormecida (não totalmente, mas também não está desperta).

Aqui, porém, estamos inteiramente adormecidas, e bem adormecidas, para as coisas

do mundo e para nós mesmas. Na verdade, fica-se sem sentidos durante o pouco tempo que dura e não se pode pensar, mesmo que se queira. Não é necessário nenhum artifício para suspender o pensamento. Até o amar, se ama, não entende como, nem o que é que ama, nem o que quer. Enfim, é como quem está totalmente morto para o mundo, para viver mais em Deus. É uma morte saborosa que arranca a alma de todas as suas funções, deleitosa porque parece que a alma se separa realmente do corpo para melhor estar em Deus, a tal ponto que não sei se lhe sobra vida para respirar (estava pensando nisso agora e parece-me que não, ao menos ela não percebe se respira).

Todo o intelecto se desdobra para entender algo do que a alma sente. Mas, como suas forças não bastam, fica transtornado e, embora não chegue a ficar inteiramente paralisado, também não dá nenhum sinal de vida, como se diz de uma pessoa que está tão desmaiada que parece morta.

Oh, segredos de Deus! Não me cansaria de tentar explicar, se acreditasse que seria capaz de encontrar um jeito. E assim direi mil desacertos.

Se acertar alguma vez, louvemos muito ao Senhor.

5. Disse que essa oração não se assemelha a sonho porque, aqui nestas quintas moradas, as lagartixas não entram, por mais delgadas que sejam, pois nem há imaginação, nem memória, nem entendimento que possa impedir essa graça.

Nas quartas moradas, porém, até que se acumule muita experiência, a alma fica em dúvida sobre o que lhe aconteceu: se foi ilusão ou se estaria sonhando; se veio de Deus ou se o demônio se transfigurou em anjo de luz. Fica com mil suspeitas. E isso é bom, porque, como já disse², até a própria natureza pode nos enganar ali de vez em quando. Embora já não haja tanto lugar por onde as criaturas peçonhentas consigam entrar, umas lagartixas podem se esgueirar sim, pois são delgadas e se metem por toda parte. Mesmo que não façam mal (sobretudo se não lhes damos atenção, como recomendei), importunam muito, porque são

² Em *4^{as} Moradas*, cap. 3.

pensamentos que procedem da imaginação e de outros lugares, como disse³.

Mas aqui, nas quintas moradas, ousarei afirmar que, havendo verdadeira união com Deus, o demônio não poderá entrar nem fazer nenhum dano. Sua Majestade está tão perto e unido à essência da alma que ele não ousa aproximar-se, mesmo porque creio que não deve ser capaz de entender esse segredo. Se dizem que ele não compreende o nosso pensamento, é claro que perceberia menos ainda coisa tão secreta que Deus não confia nem mesmo ao nosso intelecto. Oh, que grande graça é chegar aonde esse maldito não nos faz mal! A alma recebe enormes benefícios quando Deus opera nela sem que ninguém O estorve, nem nós mesmas! Que não lhe dará Quem é tão generoso e pode dar tudo o que quiser?

6. Parece bobagem dizer que vocês devem se certificar de que é união com Deus, como se fosse possível haver outros tipos de união espiritual. Mas existem sim, com certeza. Ainda que seja em coisas vãs, como quando um casal se

³ Em *4^{as} Moradas*, cap. 1.

ama muito. O demônio também os transportará, não da maneira que Deus faz nem com o mesmo deleite, satisfação, paz e gozo.

Este aqui é um gozo superior a todos os prazeres mundanos, maior que todos os deleites e maior que todos os contentamentos. Considerando onde são gerados, esses gozos não têm nada a ver com os deste mundo, já que são sentidos de maneira muito diferente, como vocês devem saber. Certa vez, disse que é como se os do mundo alcançassem apenas a superfície do corpo, enquanto que os de Deus penetrassem até a medula. E disse bem, pois não sei explicar melhor.

7. Apesar disso, sinto que vocês não ficarão satisfeitas com essa explicação. Dirão que receiam errar, porque não é nada fácil sondar o interior.

Para quem tem experiência, basta o que já disse, porque a diferença é grande. Mesmo assim, quero lhes indicar um sinal claro de que Sua Majestade me fez lembrar hoje. Vocês não poderão se enganar nem duvidar se foi de Deus. Na minha opinião, é o sinal mais confiável. Em questões difíceis, por mais que esteja certa de

compreender e dizer a verdade, sempre digo que *me parece*. Se me enganar, estou preparada para acreditar no que os letrados⁴ disserem. Mesmo se não têm experiência própria, eles dão mostra de grande discernimento espiritual, pois foram escolhidos por Deus como luz da sua Igreja. Quando é uma verdade, Ele lhes dá luz para que a reconheçam. Não sendo insensatos, mas servos de Deus, nunca se espantam de suas grandezas e entendem que Ele pode muito mais. E quando se deparam com experiências místicas desconhecidas, confrontam-nas com outras já relatadas e assim veem que aquelas também podem ocorrer.

8. Tenho grandíssima experiência disso, e também de lidar com uns semiletrados espantadiços que me custaram muito caro. Deus sempre quis e ainda quer às vezes conceder essas e muitas outras graças às suas criaturas. Quem não acredita nisso está com a porta bem fechada e não pode recebê-las. Que tal coisa nunca lhes aconteça, irmãs. Creiam em Deus sempre mais e mais. Não prestem atenção se são bons ou ruins aqueles a quem Ele concede graças. Sua

⁴ Doutores em filosofia e teologia.

Majestade sabe o que faz, como já lhes disse⁵. Não há por que nos metermos nisso. Com simplicidade de coração e humildade, devemos servir a Sua Majestade e louvá-lo por suas obras e maravilhas.

9. Voltando ao sinal que dizia ser confiável, vejam aquela alma de que falávamos. Deus a fez completamente boba para melhor imprimir nela a verdadeira sabedoria. Enquanto está unida ao Senhor, não vê, não ouve nem entende nada. Esse estado é breve, mas lhe parece muito mais longo do que realmente é. Deus se fixa no interior da alma de tal maneira que, quando ela volta a si, não pode duvidar, de modo algum, que esteve em Deus e Deus nela. Essa verdade fica gravada na sua memória com tanta força que, mesmo depois de anos sem voltar a receber aquela graça de Deus, não se esquece nem duvida que aconteceu de fato. Nada direi aqui acerca dos efeitos que produz, porque vou falar deles mais adiante⁶. Esse é um sinal muito confiável.

⁵ Em *4^{as} Moradas*, cap. 1, § 2 e cap. 2, § 9.

⁶ No cap. 2.

10. Vocês podem dizer então: como viu e entendeu isso, se não se vê nem se entende nada? Não digo que viu naquele momento, mas depois, claramente. Na verdade, não é uma visão, e sim uma certeza que fica na alma, e só Deus pode dar.

Certa pessoa não sabia que Deus estava em todas as coisas por presença, potência e essência. Depois de receber de Deus uma graça desse gênero, compreendeu isso. Perguntou então a um daqueles semiletrados que mencionei como é que Deus está em nós. Ele entendia tão pouco quanto ela, antes de ser instruída por Deus, e respondeu-lhe que está somente pela graça. Ela tinha tanta certeza da verdade que não lhe deu ouvidos e recorreu a outros que confirmaram o que já sabia. E isso a consolou muito.

11. Não se enganem pensando que essa certeza se assente sobre algo palpável, da mesma maneira que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está no Santíssimo Sacramento, ainda que não o vejamos. Aqui não é assim, pois só existe a convicção da presença espiritual da Divindade. Mas, então, se não o vemos, de onde vem essa

certeza? Isso eu não sei. São obras Suas. Só sei que digo a verdade. A quem não tem essa certeza, eu diria que sua alma não esteve unida inteiramente a Deus, mas apenas em parte, ou, na verdade, recebeu não esta, e sim alguma outra das muitas graças que Deus faz à alma.

Em todas essas coisas não havemos de buscar razões para ver como foram acontecer. Se o nosso intelecto não é capaz de entender, para que nos cansarmos tentando? Basta saber que é o todo-poderoso quem as faz e que não tomamos parte nisso. Não temos meios de compreender, por mais que nos esforcemos. O máximo que conseguimos é saber que é Deus quem opera. Não queiramos entender.

12. Lembrei-me agora de onde tirei a ideia de que não tomamos parte. É o que diz a esposa no livro dos Cantares: levou-me o Rei à adega do vinho ou “introduziu-me” (acho que é isso). Notem que ela não fala que entrou na adega. Diz também que buscava o seu Amado por toda parte⁷.

⁷ Cantares 2, 4 e 3, 2.

Creio que essa adega é o lugar para onde o Senhor nos leva, quando quer e como quer. Por mais que tentemos, não podemos entrar por nós mesmas. Sua Majestade é quem nos introduz e entra junto no centro da nossa alma. Para melhor nos mostrar suas maravilhas, ele não permite que tenhamos parte nisso, a não ser rendendo-lhe inteiramente a nossa vontade. Nem deseja que as faculdades da alma e os sentidos lhe abram a porta, pois estão todos adormecidos. Ele quer entrar no centro da alma sem atravessar nenhuma porta, como entrou onde estavam Seus discípulos quando disse *Pax vobis* (“A paz esteja convosco”) ⁸ e também quando saiu do sepulcro sem mover a pedra. Mais adiante vocês verão o quanto Sua Majestade quer que a alma o goze no centro de si mesma. E, ainda muito mais do que aqui, na última morada.

13. Oh, filhas, veremos muito se nos desapegarmos de nossa baixeza e miséria e se entendermos que não somos dignas de servir um Senhor tão grande que opera maravilhas muito

⁸ João 20, 19. Parênteses do tradutor.

além da nossa compreensão! Seja para sempre louvado, amém.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo tema. Explica a oração de união por meio de uma refinada comparação. Descreve os efeitos que produz na alma. É muito interessante.

1. Pode parecer que já mostrei tudo o que há para ver nesta morada. Mas, na verdade, falta muito, porque, como já mencionei, há variados graus de oração aqui. Não creio que saberei acrescentar mais nada acerca da união com Deus. Contudo há muitas outras coisas para contar sobre o que o Senhor opera na alma que se dispõe a receber essas graças. Vou descrever algumas e os efeitos que produzem.

Para me fazer entender melhor, quero usar uma comparação muito boa. Servirá também para vermos que, embora não possamos colaborar nessa obra do Senhor, faremos muito se nos dispusermos a receber essa graça.

2. Vocês já devem ter ouvido falar da maravilha de Deus que é a criação da seda. Só mesmo ele poderia inventar tal coisa. Eu mesma

nunca vi, só ouvi falar. Então, se algo for distorcido, não é culpa minha.

Dizem que o bicho da seda nasce de uma semente parecida com pequenos grãos de pimenta, que fica como se estivesse morta até a época do ano em que o calor faz surgir as primeiras folhas das amoreiras. Alimenta-se e se cria dessas folhas. Depois de crescido, aloja-se nuns raminhos e com a boquinha tira de si mesmo a seda com a qual faz um casulo muito apertado onde se encerra. E assim se acaba essa lagarta que é grande e feia. Mas desse mesmo casulo sai uma borboletinha branca muito graciosa.

Se ninguém nos contasse, quem poderia imaginar? Que raciocínios poderiam nos levar a deduzir que uma coisa tão sem razão de ser, como uma lagarta, ou até mesmo uma abelha, seja tão dedicada e trabalhe com tanta habilidade para nosso proveito, ao ponto de a pobre lagarta perder a vida nessa labuta? Para um pouco de meditação basta isso, irmãs. Não preciso dizer mais nada. É suficiente para vocês se darem conta das maravilhas e sabedoria do nosso Deus. Que seria então se conhecêssemos a

propriedade de todas as coisas? Será muito proveitoso meditar sobre essas grandezas e alegrarmo-nos por sermos esposas de um Rei tão sábio e poderoso.

3. Voltemos ao que dizia. Essa lagarta, ou melhor dizendo, essa alma começa a ter vida quando, com o calor do Espírito Santo, passa a valer-se do auxílio geral que Deus nos dá a todos, fazendo uso dos remédios que deixou na sua Igreja, como a confissão frequente, as boas leituras e os sermões. A alma que estava morta em seu descuido e pecados, mergulhada em ocasiões de pecado, começa a viver e vai se alimentando de tudo isso e de boas meditações até estar crescida, que é o que me interessa agora, pois o resto pouco importa.

4. Crescida pois essa lagarta (como disse, usando outra comparação desde as primeiras até as quartas moradas), começa a fabricar a seda e a construir a casa onde morrerá. Essa casa, queria dizer aqui, é Cristo. Acho que li ou ouvi dizer em algum lugar que nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus (é tudo uma só

coisa), ou que nossa vida é Cristo⁹. Mas isso não faz diferença para o meu propósito.

5. Pois vejam só, filhas, o que podemos fazer, com o favor de Deus, nesta oração de união: nós mesmas edificamos a nossa morada, que é Sua Majestade! Mas, se Deus é a morada e se nós podemos construí-la, significa então que podemos tirar algo de Deus e por algo nele? Sim, podemos! Mas entendam bem, não se trata de tirar nada de Deus nem acrescentar nada nele, e sim tirar de nós e acrescentar em nós mesmas, como faz o bicho da seda.

E, antes que possamos terminar esse trabalhinho que não é nada, Deus lhe acrescentará, com sua grandeza, tal valor que o próprio Senhor será o prêmio dessa obra. Se bem que tenha feito quase tudo sozinho, Sua Majestade quer juntar nossas pequeninas dores ao enorme martírio que padeceu para que seja tudo uma só coisa.

6. Eia, pois, minhas filhas! Apressemos-nos em trabalhar, tecendo esse casulo, despojando-nos de nosso amor próprio e de nossa vontade,

⁹ Colossenses 3, 3-4.

desapegando-nos de qualquer coisa do mundo, fazendo penitência, oração, mortificação, exercitando a obediência e tudo mais que vocês sabem. Quem dera colocássemos em prática tudo o que nos ensinaram a fazer. Morra, morra esse verme assim que terminar de fazer aquilo para que foi criado. Vocês verão que contemplamos a Deus envolvidas em sua glória, como aquela lagarta, em seu casulo. Reparem que, quando digo *contemplamos a Deus*, estou me referindo ao modo como ele se faz sentir nesta oração de união.

7. Tudo o que disse até aqui foi uma preparação para vermos agora o que acontece a essa lagarta. Quando chega a este grau de oração, ela já está bem morta para o mundo. E do seu casulo surge uma borboletinha branca. Oh, grandeza de Deus! Como sai transformada a alma depois de mergulhar na glória de Deus, unindo-se intimamente a ele, embora por tão breve tempo!

Na verdade, a própria alma não se reconhece. Vê em si uma transformação comparável à de uma lagarta feia para uma borboletinha branca. Não sabe como pôde

merecer nem de onde lhe veio tanto bem. Melhor dizendo, certamente sabe que não merece. Sente tal desejo de louvar ao Senhor que queria aniquilar-se e morrer por ele mil mortes. Começa a desejar padecer grandes tribulações e logo não consegue fazer outra coisa. Sente grandíssimos desejos de penitência, de solidão, de que todos conheçam a Deus. E uma imensa dor ao ver que ele é ofendido.

Na morada seguinte, trataremos desses efeitos mais detidamente. Embora o que há nesta morada e na próxima seja quase tudo igual, a intensidade dos efeitos é muito diferente. A alma que Deus fez chegar aqui verá grandes coisas, se se esforçar para seguir adiante.

8. Oh, ver a aflição dessa borboletinha é coisa para louvar a Deus! Já não sabe onde há de pousar. Depois de provar desse vinho, tudo no mundo a descontenta, em especial se Deus o dá muitas vezes. Apesar dessa agitação exterior, no íntimo ela nunca esteve mais quieta e sossegada em toda a sua vida, pois quase sempre recebe mais.

Reputa como nada as obras que fazia quando era lagarta, tecendo pouco a pouco o casulo. Nasceram-lhe asas. Como se contentará em prosseguir passo a passo se pode voar? Tudo o que faz por Deus lhe parece pouco diante de quanto almeja fazer. Não considera grande sacrifício tudo o que os santos passaram e entende por experiência própria como o Senhor ajuda e transforma a alma, ao ponto de ela não se reconhecer mais.

A fraqueza que sentia ao fazer penitência converteu-se em força. Se antes as tentativas de diminuir o apego excessivo aos parentes, amigos e bens materiais só faziam aumentá-lo, agora pesam-lhe certas obrigações sociais que é preciso cumprir para não faltar à caridade. Tudo a cansa, porque descobriu que as criaturas não podem lhe dar o verdadeiro descanso.

9. Acho que estou me alongando. Mas, na verdade, poderia dizer muito mais. Quem tiver recebido essa graça de Deus verá que não disse tudo.

Não é de admirar que essa borboletinha procure outro lugar de pouso desde que se achou renovada e estranha às coisas do mundo. Mas

aonde irá a pobrezinha? Já não pode voltar para o lugar de onde saiu. Isso não está em nossas mãos, por mais que façamos. Só Deus pode nos dar essa graça.

Oh, Senhor, que novas tribulações começam para essa alma! Quem poderia esperar por isso depois de graça tão elevada? Enfim, de uma maneira ou de outra, haverá cruz enquanto vivermos. E se alguém disser que, depois de chegar aqui, encontrou descanso e contentamento permanente, eu diria que nunca chegou. Não foi senão algum gosto experimentado na morada anterior, se é que chegou ali, ajudado pela fraqueza humana. Ou talvez seja astúcia do demônio que lhe dá um tempo de paz para fazer depois guerra muito maior.

10. Não estou dizendo que não haja paz para quem alcança esta morada. Há sim e muito grande. As tribulações que a alma sofre aqui são de origem tão nobre e meritória que, apesar de muito intensas, produzem paz e contentamento. A tristeza provocada pelas coisas do mundo desperta nela o desejo penoso de deixar esta vida. E, se tem algum alívio, é pensar que faz a

vontade de Deus, vivendo neste desterro. Mas nem isso basta para remediar a sua dor, porque, apesar de todos os benefícios recebidos, a alma ainda não está tão rendida à vontade do Senhor como ficará nas próximas moradas. Embora não deixe de se resignar, é com imenso pesar e muitas lágrimas, porque ainda não lhe foi dada virtude bastante para renunciar completamente à própria vontade. E sofre por isso cada vez que faz suas orações.

Também sofre muito, vendo que Deus é ofendido e pouco estimado neste mundo e por saber que muitas almas se perdem, tanto de hereges como de mouros. Mas as almas que mais a afligem são as dos cristãos em pecado mortal. Teme que muitos se condenem, embora saiba que Deus, por sua infinita misericórdia, pode lhes conceder a graça do arrependimento e salvação.

11. Oh, grandeza de Deus! Poucos anos atrás, ou, quem sabe, há apenas alguns dias, essa alma vivia despreocupada, sem cuidar senão de si. Quem a designou para tão penosas incumbências? Ainda que refletíssemos por muitos anos, não conseguiríamos avaliar a sua

dor. Mas, valha-nos Deus, vocês dirão, se há tanto tempo meditamos no imenso mal que é ofender a Deus; se pensamos que esses que se condenam são filhos seus e nossos irmãos; se reconhecemos os perigos em que vivemos e o grande bem que é deixar esta vida miserável, tudo isso não basta para fazermos ideia do que sente essa alma? Não, filhas, porque a sua dor não é como as deste mundo. Estas podemos suportar, com a graça do Senhor, pois não alcançam o íntimo das entranhas. Mas aquelas outras parecem despedaçar a alma e moê-la, sem que ela busque isso e às vezes contra a sua vontade. Mas que é isso? De onde vem? Eu lhes direi.

12. Lembram-se da esposa dos Cantares que mencionei há pouco com outro propósito? E de como Deus a introduziu na adega do vinho e imprimiu nela a caridade? Pois é isso. A alma se entrega em Suas mãos. O seu imenso amor a faz completamente dócil, e ela se rende à vontade de Deus para que ele faça dela o que quiser. Deus concederá essa graça, penso eu, somente à alma que já toma por muito sua. Sem que ela entenda como, o Senhor a faz sair dali marcada com o Seu

selo. Realmente a alma não faz mais do que a cera quando lhe imprimem o selo. A cera não o imprime em si mesma. Apenas está predisposta, quer dizer, está macia. E essa predisposição tampouco vem dela. Não é ela que se abranda, apenas fica quieta e consente. Oh, bondade de Deus, que tudo é feito à vossa custa! Só quereis o nosso sim e que não haja impedimento na cera.

13. Pois vejam, irmãs, o que o nosso Deus faz para que essa alma já se reconheça como sua. Dá-lhe do que tem, que é o mesmo que seu Filho teve nesta vida. Não poderia nos conceder maior graça. Quem, mais do que ele, devia querer sair deste mundo? Sua Majestade disse na Última Ceia: “Tenho desejado ardentemente”¹⁰. Mas como, Senhor, não recuastes diante da morte cruel que havíeis de sofrer, tão dolorosa e medonha? Não recuei, responde-nos o Senhor, porque o imenso amor que tenho pelas almas e o desejo de que elas se salvem supera sem comparação essas penas. Além disso, os grandíssimos sofrimentos espirituais que padeци e ainda padeço desde que vim a este mundo são

¹⁰ Lucas 22, 15.

suficientes para considerar como nada as dores físicas da minha paixão.

14. Tenho meditado muito sobre isso. E sempre me recordo de certa pessoa, minha conhecida, que tem sido atormentada pela visão de Nosso Senhor sendo ofendido. Segundo ela, é tão insuportável que preferia a morte a ter de rever tal cena.

Mas, se uma pessoa com pouquíssima caridade, se comparada à de Cristo (pode-se mesmo dizer quase sem nenhuma), sofre essa dor atroz, qual não terá sido o padecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo? Que vida ele devia levar? Todas as coisas lhe eram presentes e estava sempre vendo as grandes ofensas que faziam a seu Pai. Sem dúvida nenhuma, acredito que esse padecimento de Nosso Senhor foi muitíssimo maior que os da sua sacratíssima paixão, porque sua morte significava o fim do martírio que era ver seu Pai sendo ofendido. A isso somou-se a alegria de nos proporcionar a salvação e de mostrar o amor que tinha por seu Pai, padecendo na cruz por ele. Tudo isso diminuiu as dores da paixão, assim como também acontece aos que neste mundo fazem

grandes penitências quase sem senti-las devido à força do amor, e até queriam fazer mais e mais, porque tudo lhes parece pouco.

Pois qual não seria a alegria de Sua Majestade vendo-se em tão excelente ocasião de mostrar ao seu Pai quão zelosamente cumpria o dever de obediência e o mandamento de amar ao próximo? Oh, grande deleite é padecer, fazendo a vontade de Deus! Mas creio que era tão penoso ver continuamente tantas ofensas a Sua Majestade e tantas almas irem para o inferno que, se não fosse mais que homem, um só dia daquele desgosto bastava para acabar com muitas vidas, quanto mais com uma.

Capítulo 3

Continua o mesmo assunto. Trata de outro tipo de união que a alma pode alcançar com o favor de Deus e de como isso é útil para aumentar o amor ao próximo. É muito proveitoso.

1. Voltemos à nossa borboletinha e vejamos algo das graças que Deus lhe dá nesta morada. Mas lembrem-se de que ela as receberá com a condição de que procure seguir adiante no serviço de Nosso Senhor e no conhecimento de

si mesma. Se ela não faz mais nada depois de receber essa graça e, supondo-se já segura, se descuida da sua vida e se desvia do caminho do céu, que são os mandamentos, terá o mesmo destino da borboleta que sai do casulo e espalha as sementes que vão trazer outras à vida enquanto ela mesma morre para sempre.

Disse que *espalha as sementes* porque tenho para mim que Deus não permite o desperdício de tão excelente graça. Se a alma não quer se beneficiar dela, então que beneficie outras. Como fica cheia de bons desejos e virtudes enquanto persevera no bem, sempre ajuda outras almas. E do seu calor lhes comunica calor. Mesmo quando perde essa graça, ainda deseja que outras se beneficiem dela e gosta de falar dos favores que Deus faz a quem o ama e serve.

2. Conheci uma pessoa a quem acontecia isso. Estando muito perdida no caminho do céu, gostava que outras aproveitassem as graças que Deus lhe tinha feito, mostrando o caminho de oração às que não o conheciam. Fez-lhes muitíssimo bem. Depois o Senhor voltou a lhe

dar luz. É verdade que ainda não tinha experimentado os efeitos que descrevi.

Quantos Judas deve haver entre os que o Senhor chama ao apostolado. Comunica-se com eles e os escolhe para fazê-los reis como Saul, e depois, por culpa deles mesmos, desencaminham-se! Disso concluimos, irmãs, que, para merecermos cada vez mais graças e não nos perdermos como esses, a única segurança que podemos ter é a obediência e a fidelidade à lei de Deus. Digo isso não só àquelas que já receberam tais graças, mas também às outras.

3. Esta morada está me parecendo um tanto obscura, apesar de tudo que já disse. É tão vantajoso entrar nela que não devem perder as esperanças aquelas a quem o Senhor ainda não deu graças tão elevadas. A verdadeira união poderá ser perfeitamente alcançada com a ajuda de Nosso Senhor, se nos esforçamos em procurá-la, não tendo a vontade ligada a outra coisa senão a vontade de Deus. Oh, quantos de nós dizem que não querem nada mais e morreriam por essa verdade! Pois eu lhes digo e repetirei

muitas vezes que se realmente o fizerem vocês terão alcançado essa graça do Senhor.

E não pensem que o maior benefício da oração de união com Deus, da qual lhes falei pouco antes, esteja nos imensos gozos que ela proporciona. O que há de mais valioso nela é o fato de proceder dessa autêntica união da nossa vontade à de Deus. Ninguém poderá chegar a ela sem isso.

Oh, que união desejável é essa! Venturosa a alma que a tiver alcançado, pois viverá nesta vida com descanso e na outra também. Nada neste mundo a afligirá, a não ser que se encontre em perigo de perder a Deus ou que o veja ser ofendido. Nem enfermidade, nem pobreza, nem mortes, exceto a de quem fará falta na Igreja de Deus. Essa alma vê claramente que ele sabe o que lhe convém melhor do que ela mesma.

4. Notem que há diversos tipos de aflições, alguns dos quais surgem repentinamente, produzidos pela natureza humana. O mesmo se dá com os contentamentos e também com os afetos, como os que são movidos pela caridade de quem se apieda do próximo, a exemplo do que

sobreveio a Nosso Senhor quando ressuscitou Lázaro.

Essas aflições repentinas não impedem a união com a vontade de Deus nem perturbam a alma com uma exaltação emocional apreensiva, agitada e prolongada, porque passam depressa. Parece que não chegam ao fundo da alma, mas se detêm na superfície dos sentidos e faculdades da alma, como também acontece aos gozos na oração de que já falei. Andam pelas moradas anteriores, mas não entram na morada da qual falarei por último, porque o acesso às sétimas moradas requer a suspensão das faculdades. O Senhor tem poder para enriquecer as almas por muitos caminhos e trazê-las a estas moradas sem passar pelo atalho que mencionei.

5. Mas fiquem avisadas, filhas: é necessário que a lagarta morra e mais à nossa custa. O bicho da seda se encoraja a morrer quando pressente a vida nova que está por vir. Mas, se queremos alcançar vida nova, é indispensável que, vivendo nesta vida, nós mesmas a matemos.

Eu lhes confesso que será com muito mais tribulação. Mas tudo tem seu preço. Assim a recompensa será maior se vocês saírem

vitoriosas. Quanto a ser possível, não duvidem, desde que haja genuína união com a vontade de Deus. Essa é a união que tenho desejado toda a minha vida. É a que peço sempre a Nosso Senhor, a mais clara e segura.

6. Ai de nós! Poucas devemos chegar a ela. Quem entrou para a Igreja e se guarda de ofender ao Senhor pensa que já está tudo feito. Oh, mas ainda ficam umas lagartas que não se mostram até que cheguem a nos roer as virtudes, como fez a que roeu a hera do profeta Jonas¹¹, alimentando o amor próprio, a autoestima, o julgar o próximo e a falta de caridade, por menor que seja, e não querendo bem ao próximo como a nós mesmos. Com grande dificuldade conseguimos cumprir o dever de não pecar. Mas ficamos muito longe daquilo que deveria ser feito para nos unirmos inteiramente à vontade de Deus.

7. Que pensam, filhas, que é a Sua vontade? Que sejamos perfeitas para sermos um com Ele e com o Pai, como Sua Majestade pediu. Vejam quanto nos falta para chegarmos a isso! Confesso que estou escrevendo com muita

¹¹ Jonas 4, 6-7.

aflição por me ver tão longe. E tudo por minha culpa. Não é preciso que o Senhor nos faça maiores favores para chegarmos aqui. Basta o que já nos deu: o seu Filho que nos ensina o caminho.

Mas não pensem que eu devo me conformar à vontade de Deus ao ponto de não sentir a dor da morte de meu pai ou meu irmão. Nem que, se me vierem dificuldades e enfermidades, terei de sofrê-las com alegria. Tudo isso é bom. Mas às vezes pode ser apenas uma questão de bom senso, porque, se não há remédio, o melhor é fazer da necessidade uma virtude. Quantas coisas semelhantes faziam os filósofos antigos, ou senão outras igualmente meritórias, por serem muito sábios!

Aqui, porém, o Senhor só nos pede estas duas coisas: amor à Sua Majestade e ao próximo. É nisso que temos de trabalhar. Praticando-as com perfeição, fazemos a Sua vontade. Assim estaremos unidas a Ele. Mas como ainda estamos longe de cumprir esses mandamentos! Queira Sua Majestade dar-nos tal graça para que mereçamos chegar a esse estado, pois depende de nós, se quisermos.

8. A meu ver, o sinal mais seguro para saber se guardamos esses dois preceitos é o amor ao próximo. Porque não se pode saber com certeza se amamos a Deus, mesmo que haja fortes indícios. Mas o amor ao próximo, sim. Podem ter certeza de que, quanto mais vocês progredirem no amor ao próximo, mais haverão de progredir no amor a Deus. O amor de Sua Majestade por nós é tão grande que, em paga do amor que dedicamos ao próximo, fará crescer de mil maneiras o que temos por Ele. Disso não posso duvidar.

9. É imprescindível nos conduzirmos com muita cautela nesse assunto. Se não cometemos nenhum deslize, está tudo feito. Creio que, devido à inclinação para o mal da nossa natureza humana, só chegaremos a amar perfeitamente o próximo se esse amor nascer da raiz do amor de Deus. Como isso é importante, irmãs! Procuremos nos conscientizar de como vamos nesse ponto, mesmo nas menores coisas.

Não prestemos atenção a ideias muito ambiciosas que nos ocorrem na oração, parecendo-nos que havemos de fazer e acontecer por amor ao próximo, ou mesmo por uma só

alma que se salve. Se depois as obras não correspondem, não há razão para levá-las a sério. Digo o mesmo da humildade e de todas as outras virtudes.

O demônio é um grande trapaceiro. Dará mil voltas ao inferno para nos convencer de que temos alguma virtude que não temos. E ele sabe o que faz, porque assim causará muito mal. Essas virtudes fingidas nunca vêm sem alguma vanglória, já que nascem dessa raiz daninha, ao passo que as que Deus dá são livres de vaidade e soberba.

10. Às vezes fico observando certas almas que rezam cheias de fervor como se quisessem ser abatidas e publicamente afrontadas por Deus. Mas depois, se cometem a menor falta, não deixam de encobri-la, se puderem. E que Deus nos acuda se são denunciadas injustamente!

Quem não é capaz de suportar essas ninharias, não leve a sério o que no seu íntimo se determinou a padecer. Não foi genuína determinação da vontade. Se fosse, não se comportaria assim. Foi apenas algum efeito da imaginação por meio da qual o demônio faz seus assaltos e semeia enganos. Poderá iludir

muitíssimo a mulheres e pessoas sem letras¹², porque não sabemos diferenciar o que é faculdade da alma e o que é imaginação, bem como muitos outros aspectos da vida interior. Oh, irmãs, como se vê claramente o amor ao próximo em algumas de nós! Noutras, porém, nem tanto. Se vocês entendessem o quanto importa adquirir essa virtude, não teriam outro anseio na vida.

11. Quando vejo certas pessoas muito interessadas em saber que grau de oração atingiram e tão concentradas na oração que não ousam mover o corpo nem o pensamento para não perder nem um pouquinho do gosto e devoção que experimentam, dou-me conta do quão pouco compreendem o caminho da verdadeira união com Deus. Pensam que nisso está todo o negócio.

Não, irmãs, não. O Senhor quer obras. Se vocês podem dar algum alívio a uma pessoa enferma, não hesitem em privar-se dos gozos na oração e se compadeçam dela. Se ela tem alguma dor, doa em vocês também. Se for preciso, jejuem para que ela coma. Não tanto por ela (não

¹² Sem conhecimentos de teologia e filosofia.

procurem saber se ela merece o seu sacrifício), mas porque o seu Senhor quer que vocês façam isso. Essa é a verdadeira união com a Sua vontade. E se alguém é elogiado, alegrem-se muito mais do que se elogiassem a vocês. Na verdade, isso é fácil para quem é humilde, pois até se sente mal quando é enaltecido. Mas a capacidade de se alegrar vendo reconhecidas as virtudes das irmãs é grande virtude. E devemos sentir as faltas delas como se fossem nossas e encobri-las.

12. Tenho falado muito sobre esse assunto em outros escritos, porque vejo que, se falharmos aqui, irmãs, estamos perdidas. O Senhor quer que isso nunca aconteça. Então, que assim seja. Não desistam de receber de Sua Majestade a união perfeita. Sem ela, ainda que tenham devoção e satisfação espiritual e lhes pareça que já chegaram lá por conta de alguma suspensãozinha na oração de quietude (algumas logo vão acreditar que está tudo feito), creiam-me que não alcançaram essa união. Peçam a Nosso Senhor que lhes dê o perfeito amor ao próximo e deixem Sua Majestade agir. Ele lhes dará mais do que podem imaginar, desde que

vocês se esforcem, procurando pôr em prática a caridade, sempre que tiverem ocasião.

Esforcem-se para fazer em tudo a vontade das irmãs, ainda que vocês percam o seu direito. Abram mão dos próprios interesses em favor delas, por mais que isso contrarie o seu instinto natural. Procurem tomar sobre si o trabalho para aliviar o próximo sempre que puderem. E não pensem que isso não lhes custará nada, ou que acharão tudo feito. Vejam quanto custou a Nosso Senhor o amor que nos teve: para nos livrar da morte, padeceu tão penosa morte na cruz.

Capítulo 4

Prossegue no mesmo assunto, explicando mais detidamente essa oração. Mostra o quanto importa ficar de sobreaviso, pois o demônio se desdobra para fazer a alma voltar atrás no caminho iniciado.

1. Imagino que vocês queiram saber que é feito de nossa pombinha e onde vai pousar, pois está claro que não é em gostos espirituais nem em contentamentos do mundo. O seu voo é mais alto. Contudo não posso lhes dizer nada até

chegarmos à última morada. Queira Deus que eu me lembre e tenha ocasião de tratar disso lá.

Já se passaram quase cinco meses desde que comecei a escrever. E, como não tenho cabeça para reler, deve estar saindo tudo embaralhado. Talvez repita algumas coisas, mas, como é para minhas irmãs, não tem importância.

2. Por hora, quero explicar-lhes melhor o que me parece ser a oração de união. Para isso, vou fazer uma comparação, como permite o meu pobre talento. Depois direi algo mais dessa borboletinha que não para porque não acha seu verdadeiro repouso. Mas, sempre fecunda, faz bem a si e a outras almas.

3. Vocês já ouviram falar muitas vezes que Deus desposa espiritualmente as almas. Bendita seja sua misericórdia que tanto quer se humilhar! Não sei de nada melhor que o sacramento do matrimônio para representar essa verdade. Ainda assim, não deixa de ser comparação grosseira, pois nada que não seja espiritual jamais participa da união da alma com Deus. Aqui tudo é amor com amor. Suas operações são puríssimas, tão refinadas e suaves que não há palavras para descrevê-las,

conquanto o Senhor saiba muito bem como fazê-las sentir. Nada que seja corpóreo tem parte nisso, e os contentamentos espirituais que o Senhor dá ficam mil léguas à frente dos prazeres que devem ter os que se casam.

4. No entanto, parece-me que a oração de união ainda não chega a ser um noivado espiritual. É como um casal de namorados que trata de conhecer melhor um ao outro antes de firmar compromisso, para ver se combinam entre si e se realmente querem noivar. O mesmo acontece na união espiritual. Desse modo, quando chega a assinar o contrato pré-nupcial, a alma já está muito bem informada sobre quem é o Noivo e determinada a fazer em tudo a sua vontade para agradá-lo de todas as maneiras.

Se vê que a alma está mesmo determinada, Sua Majestade fica contente e faz a misericórdia de se aproximar dela para que se vejam e ela o conheça melhor. Podemos dizer que não chega a ser um noivado porque tudo isso se passa em brevíssimo tempo. Já não se trata de dar e receber, mas sim de a alma ver secretamente quem é este que há de tomar por esposo. De outro modo, isto é, pelos sentidos e faculdades,

ela não poderia compreender, de jeito nenhum, nem em mil anos, o que vê aqui rapidamente. E tal é o Amado que basta aquela rápida visão para tornar a alma mais digna de que venham a se dar as mãos, como se diz. Realmente ela fica tão enamorada que faz de tudo para não ver fracassarem os planos desse divino noivado. Mas perderá tudo se se descuidar e colocar sua afeição em outro que não ele. Nesse caso, a perda será tão desmedida como são as graças que o Senhor lhe faz, muito maior do que se pode dizer.

5. Por isso peço àquelas almas cristãs a quem o Senhor fez chegar a este ponto que, pelo amor d'Ele, não se descuidem. Fugam das ocasiões de pecar, porque nesse estado a alma ainda não está tão forte que consiga passar por elas sem cair, como ficará depois do noivado, na próxima morada.

Até aqui o contato da alma com Deus não foi mais do que uma rápida troca de olhares, como se costuma dizer. E o demônio trata de combater com grande empenho para impedir que se casem. Depois, como a vê toda entregue ao Esposo, não ousa tanto, pois tem medo dela. A

experiência lhe ensinou que, se tenta fazê-lo, ele sofre enorme perda e ela obtém maior lucro.

6. Posso lhes garantir, filhas, que tenho conhecido pessoas muito adiantadas que chegaram a esse estado, mas o demônio tornou a ganhá-las para si com grande sutileza e ardil. Ele deve convocar todo o inferno para conseguir isso, pois, como sempre digo, não é uma só alma que se perde, mas uma multidão. O inimigo tem larga experiência nessas artimanhas.

Por outro lado, Deus traz inúmeras almas a si por meio de uma só alma. Devemos louvá-lo muito pelos milhares de pessoas que os mártires convertiam. Foi o que fez uma virgem como Santa Úrsula. E quantas almas o demônio terá perdido para São Domingos, São Francisco e outros fundadores de ordens? Quantas perde ainda hoje para o Padre Inácio de Loyola, fundador a Companhia de Jesus? Pelo que sabemos da vida desses santos, é certo que todos recebiam de Deus graças semelhantes. E que fizeram além de se empenhar para não perder, por sua culpa, tão divino casamento?

Oh, minhas filhas, como este Senhor está disposto a distribuir graças da maneira que fazia

naqueles tempos. Em parte, está até mais necessitado de que queiramos recebê-las, porque hoje em dia há poucos que velam por Sua honra como se fazia antigamente. Queiramos muito recebê-las. Mas vejam que será preciso muitíssima prudência para não perder nada dos nossos direitos. Oh, que grande erro seria! O Senhor nos dê luz, por sua misericórdia, para não cairmos em semelhantes trevas.

7. Vocês devem estar querendo me perguntar duas coisas. A primeira, se a alma está assim tão unida à vontade de Deus e se ela não quer fazer a própria vontade, como pode se enganar? A segunda, por onde o demônio consegue entrar para colocá-la em perigo de se perder, estando ela tão isolada do mundo neste mosteiro, tão próxima dos sacramentos e em companhia de irmãs que, podemos dizer, mais parecem anjos, pois, pela bondade do Senhor, não têm outro desejo senão servir e agradar a Deus em tudo? Não é de admirar que se percam os que estão lá fora mergulhados nas ocasiões de pecado que o mundo oferece, mas, tratando-se de almas tão devotas, causa espanto.

Eu lhes digo que nisso vocês têm razão, pois Deus nos fez grande misericórdia, trazendo-nos para este mosteiro. Mas quando vejo, como já disse, que Judas estava em companhia dos apóstolos, convivia diariamente com o próprio Deus e ouvia suas palavras, compreendo que não há segurança neste mundo.

8. Respondendo a primeira questão, se essa alma sempre permanecesse unida à vontade de Deus, certamente não se perderia. Mas o demônio, com muita sutileza e sob a aparência do bem, começa por separá-la da vontade divina em coisinhas de nada e envolvê-la em outras que faz parecer inofensivas. E, pouco a pouco, vai lhe obscurecendo o entendimento, enfraquecendo a vontade e avivando nela o amor próprio. Assim lentamente afasta-a da vontade de Deus e a aproxima da sua.

Isso também responde à segunda pergunta, porque não há lugar tão seguro onde ele não possa entrar nem deserto tão afastado aonde deixe de ir. E digo mais: talvez o Senhor o permita para ver como se comporta aquela alma a quem escolheu como guia de outras. Se há de

cair, é melhor que seja no começo, porque depois poderá desencaminhar a muitas.

9. A precaução que me parece mais acertada é pedir sempre a Deus em oração que nos tenha em sua mão; pensar continuamente que, se ele nos deixa, logo caímos no abismo, como de fato acontece; e nunca depositar nossa confiança em nós mesmas, pois seria loucura.

Além disso, devemos nos conduzir com particular cuidado e vigilância, observando como vão nossas virtudes (se aumentam ou diminuem, em especial, o amor de umas pelas outras); o desejo de sermos consideradas como a menor de todas; e nossa reação às pequenas provações do dia a dia. Prestando atenção nisso e pedindo ao Senhor que nos ilumine, logo veremos o lucro ou a perda.

Não pensem que Deus deixe escapar facilmente de sua mão a alma que levou tão longe. O demônio terá muito trabalho para tomá-la. Sua Majestade sente tanto a sua perda que lhe dá mil avisos interiores, de muitas maneiras. Assim o mal que a ronda não poderá se esconder.

10. Enfim, a conclusão é a seguinte: procuremos sempre seguir adiante. Se não progredimos nas virtudes, é bom ficar alerta, porque, sem dúvida nenhuma, o demônio prepara-nos um assalto. Não é possível que, depois de avançar tanto, a alma fique estagnada, pois o amor jamais está ocioso. Será muito mau sinal. A alma que já se comprometeu com Sua Majestade e pretende ser esposa do próprio Deus não se põe a dormir.

Para que vocês vejam, filhas, o que ele faz por aquelas que desde já considera como suas esposas, começemos a tratar das sextas moradas. Lá vocês verão que todos os nossos serviços, padecimentos e obras são pouco diante das graças que nos esperam. Pode ser que Nosso Senhor tenha ordenado que me mandassem escrever para que, vendo o prêmio e como é imensa a sua misericórdia (pois quer revelar-se e dar-se a uns vermes como nós), esqueçamos os pequeninos contentamentos deste mundo e, mirando sua grandeza, corramos inflamadas em seu amor.

11. Queira Deus que eu consiga esclarecer algo desse assunto tão difícil. Se Sua Majestade e o Espírito Santo não moverem a minha pena, bem

sei que será impossível. E se não for útil para vocês, suplico-Lhe que eu não acerte em dizer nada. Sua Majestade sabe que meu único desejo (tanto quanto posso entender de mim mesma) é que seu nome seja louvado e que nos esforcemos para servir a um Senhor que nos recompensa abundantemente ainda neste desterro. Por aqui podemos avaliar o que nos dará no céu, onde não há as demoras, tribulações e perigos do mar de tempestades que é esta vida. Se não houvesse o perigo de o ofender e perder, seria descanso viver até o fim do mundo, trabalhando por tão grande Deus, Senhor e Esposo. Praza a Sua Majestade que mereçamos prestar-lhe algum serviço sem tantas faltas, como sempre temos até mesmo nas boas obras, amém.

Sextas Moradas

Capítulo 1

Mostra que, começando o Senhor a fazer maiores graças, há maiores provações. Descreve algumas por que passam os que estão nestas moradas. É bom para quem enfrenta tribulações interiores.

1. Começemos, então, a ajuda do Espírito Santo, a falar das sextas moradas. A alma já está ferida do amor de com Deus e se consome em desejos de voltar a gozar aquela visão do Senhor que traz poderosamente gravada em si. Sempre que surge ocasião, procura desobrigar-se, como lhe permite seu estado de vida, de tudo que os impeça de estarem a sós.

Como disse, nesta oração não se vê nada, nem com os sentidos, nem com a imaginação (estou esclarecendo isso porque comparei essa graça a uma troca de olhares entre Deus e a alma).

A alma já está bem determinada a não procurar outro amor. Mas o Senhor não atende logo ao seu grande anseio de que se faça o noivado, pois quer que O deseje ainda mais e que lhe custe algo esse que é o maior de todos os bens.

Embora tudo seja pouco para tão imensa graça, digo-lhes, filhas: aquela visão que já teve d'Ele é realmente necessária para convencer a alma a seguir adiante. Oh, valha-me Deus, quantas tribulações interiores e exteriores ela padece antes de entrar nas sétimas moradas!

2. Às vezes fico pensando que, se soubesse de antemão, dificilmente a fraqueza humana se determinaria a passar por tudo o que falta sofrer, por maiores que fossem os benefícios esperados. A menos que já tivesse chegado à última morada, pois nela a alma não teme mais nada que se oponha ao seu desejo de sofrer tudo por amor a Deus. Lá ela está quase continuamente em profunda união com Sua Majestade, e dele lhe vem a sua força.

Quero lhes contar algumas das tribulações que certamente se passa. Talvez nem todas sejam levadas por esse caminho, embora duvide

muito que vivam livres de sofrimentos cá na terra, de uma maneira ou de outra, as almas que gozam tão genuinamente as consolações do céu.

3. Não pretendia tratar disso, mas talvez seja grande alívio, para quem esteja passando por essas aflições, saber o que sofrem outras almas que recebem graças semelhantes, pois, diante de tamanhas dificuldades, realmente parece que está tudo perdido. Não direi pela ordem que acontecem, mas sim como me vêm à memória.

Vou começar pela menor tribulação que é uma gritaria das pessoas mais próximas e mesmo de outras com as quais essa alma não tem intimidade e que até então nunca haviam se interessado por ela que “se faz de santa”, que “faz de tudo para enganar o mundo e levar os outros a se sentirem maus”, “porque cristãos melhores que ela dispensam esses formalismos” (note-se que não há formalismo nenhum, apenas zelo para guardar bem o seu estado). Aqueles que considerava seus amigos afastam-se dela e fazem as críticas mais duras, dizendo que “está perdida e muito enganada”, que “são coisas do demônio”, que “vai acabar como aquela outra que se desencaminhou, pois isso é sinal de perda

da virtude” e que “engana os confessores”. Procuram os confessores e lhes contam histórias de pessoas que se perderam assim, com mil zombarias e frases como essas.

4. Sei de uma pessoa que teve muito medo de não haver padre que a confessasse, tamanha era a perseguição que sofria. Eram tantas críticas que nem vou me deter nelas. O pior é que essa hostilidade não passa logo, mas dura a vida inteira, bem como a distância que quase todos mantêm dessas pessoas.

Vocês vão dizer que também há os que falam bem. Oh, filhas, mas como são poucos os que acreditam nessa graça comparados aos que a abominam! Além do mais, essa é outra aflição pior ainda. Porque a alma vê claramente que, se tem algum mérito, é dom de Deus, não seu, de modo nenhum, pois pouco antes era muito desafortunada e se envolvia em grandes pecados. Por isso, ouvir falar bem de si é um tormento intolerável, pelo menos no princípio. Depois nem tanto, pelas seguintes razões: a primeira, porque a experiência ensina que tão depressa falam bem como mal, e assim pouco importa o que dizem; a segunda, porque o

Senhor lhe dá maior entendimento para reconhecer que nenhuma virtude tem origem nela mesma, mas vem dele. Sabendo disso, ela contempla as próprias virtudes como se pertencessem a outra pessoa e, esquecida de que tem aí alguma parte, louva a Deus; a terceira, reconhecendo que certas almas progridem ao ver as graças que Deus lhe faz, pensa que Sua Majestade tomou esse meio (de a considerarem boa, não sendo) para beneficiá-las; a quarta, como tem mais em conta a honra e a glória de Deus que a sua, já não receia como antes que os elogios possam desencaminhá-la, como viu suceder a alguns conhecidos. E pouco importam as perseguições, desde que, ao menos uma vez, Deus seja louvado por meio dela. Venha depois o que vier.

5. Essas são algumas das razões que afastam boa parte do desgosto provocado pelos elogios, embora quase sempre a alma sinta algum, a menos que não lhes dê atenção. Realmente, se ela consegue fazer isso, até a pior aflição de todas (ver-se elogiada em público sem merecer) deixa de ser uma grande provação.

A partir daí, tampouco se incomodará com a gritaria dos conhecidos. Ao contrário, até se alegrará, como quem ouve música muito suave. Podem acreditar, é verdade! As perseguições já não a acovardam, mas a fortalecem, pois, como ensina a experiência, a alma progride muitíssimo quando é impelida por elas. E já não pensa que seus detratores ofendem a Deus, pois compreende que Sua Majestade permite que a maldigam para seu maior proveito. Como entende isso perfeitamente, sente um amor particular e muito terno por eles. Parece-lhe que esses são os seus amigos mais sinceros e lhe ajudam mais que todos os outros.

6. O Senhor costuma ainda dar enfermidades gravíssimas. Essa provação é muito maior que as anteriores, em especial, se vem acompanhada de dores agudas. Quando são realmente violentas, parece-me ser o maior sofrimento exterior que há, porque dores muito intensas descompõem tanto o interior como o exterior e atormentam a alma de tal maneira que ela não sabe o que fazer de si. E, de muito boa vontade, aceitaria qualquer martírio rápido para se livrar delas. É verdade que, salvo raríssimas exceções, não

duram muito, uma vez que, enfim, Deus não dá mais do que podemos suportar. Sua Majestade dará primeiro paciência. Além disso, é comum haver outros grandes padecimentos e variadas enfermidades.

7. Conheço uma pessoa que, desde que o Senhor começou a lhe fazer essa graça há quarenta anos, não passou nem um dia sem dores e outros padecimentos. E vejam que estou falando apenas de falta de saúde física, sem mencionar outras grandes tribulações. É verdade que tinha sido muito ruim. Diante do inferno que bem merecia, tudo lhe parece pouco. Aquelas que não tenham ofendido tanto a Sua Majestade serão levadas por outro caminho. Mas eu sempre escolheria o de padecer, nem que fosse só para imitar a Nosso Senhor Jesus Cristo, mesmo que não houvesse nenhum outro ganho. Na verdade, porém, sempre há muitos.

Oh, e que poderia dizer dos sofrimentos interiores? Aqueles de que falei há pouco pareceriam pequenos se eu pudesse lhes contar tudo o que a alma passa aqui. Mas isso é impossível. O que posso fazer é tentar descrevê-los por alto.

8. Comecemos pelo tormento que é encontrar um confessor tão inexperiente e cauteloso que nada considera seguro: teme tudo e suspeita de qualquer coisa incomum, principalmente se encontra alguma imperfeição na alma beneficiada com essas graças. Supõe que devem ser como anjos aquelas a quem Deus as concede (coisa impossível enquanto estiverem nestes corpos). Logo tudo é condenado e atribuído ao demônio ou à melancolia. Há tanta melancolia no mundo que não me surpreende. O demônio semeia tanto mal dessa maneira, que os confessores fazem muitíssimo bem em temê-la e ser cautelosos.

Contudo a pobre alma, que vai ao confessor com a mesma apreensão de quem se apresenta a um juiz e é condenada, não deixa de sofrer grande tormento e perturbação. Só entenderá como é violenta essa aflição quem já passou por ela. É uma das maiores tribulações que essas almas padecem, em especial se foram ruins, pois temem que, por seus pecados, Deus permita que sejam enganadas pelo demônio.

Quando Sua Majestade faz essa graça à alma, ela tem certeza de que não pode ter vindo

de outro espírito senão de Deus. Mas, como esse sentimento passa rápido e como a lembrança dos pecados (que nunca faltam) está sempre viva, patenteando suas imperfeições, logo recomeça o tormento.

Se o confessor lhe transmite segurança, a angústia diminui por algum tempo, embora sempre volte. Mas, quando ele a assusta ainda mais, é quase insuportável, principalmente se ela atravessa um período de aridez espiritual. Aí sente tal estranheza, como se nunca tivesse pensado em Deus nem jamais viesse a pensar. E, quando ouve falar de Sua Majestade, parece-lhe que é uma pessoa muito distante.

9. Mas tudo isso não é nada comparado à sensação de que não sabe se explicar e está enganando os confessores. Por mais que reflita e se convença de que não deixou de confessar nem mesmo a menor falta, a consciência não tem alívio. A razão fica obscurecida a tal ponto que não consegue enxergar a verdade. Só crê nas fantasias da sua imaginação, pois aqui ela impera, e nos desatinos que o demônio lhe apresenta para fazê-la acreditar que está

reprovada por Deus (Nosso Senhor deve lhe dar licença para provação da alma).

São tantos os assaltos, acompanhados de um aperto interior tão doloroso e intolerável, que não sei a que comparar, senão aos tormentos do inferno. Nenhum consolo é possível nessa tempestade. Se busca ajuda do confessor, parece que acodem a ele todos os demônios para fazê-lo atormentá-la ainda mais.

Um confessor que cuidava de uma alma nesse estado percebeu que ela se encontrava em perigoso apuro, sendo molestada por tantas aflições ao mesmo tempo. Passada a crise, pediu para avisá-lo quando se visse novamente assim atribulada. Mas era sempre muito pior. Por fim, ele entendeu que o remédio já não estava em suas mãos, tanto que, se aquela alma tomasse um livro (e era pessoa que sabia ler muito bem), acontecia-lhe não entender nada, como se não conhecesse nem uma letra sequer, porque o seu entendimento estava completamente incapacitado.

10. Enfim, não existe socorro nessa tempestade. Não há o que fazer, senão aguardar a misericórdia de Deus que, repentinamente, com

uma só palavra, ou por meio de uma circunstância imprevista, afasta todas essas aflições tão de repente que parece nunca ter havido nenhuma névoa naquela alma. E ela fica cheia de sol e de grande consolação. Como quem sobreviveu a uma batalha perigosa e alcançou a vitória, louva a Nosso Senhor, pois sabe que foi ele quem lutou por ela. E reconhece que certamente não tinha recursos para lutar. De fato, parecia-lhe que todas as armas com que podia se defender estavam nas mãos do seu adversário. Assim ela vê claramente a sua miséria e o pouquíssimo que podemos fazer por nós mesmas, se o Senhor nos desampara.

11. Ela nem precisa meditar para compreender isso. A experiência de ver-se totalmente incapacitada lhe faz entender que não somos nada e como somos miseráveis.

Apesar de toda essa tormenta, a alma não ofende a Deus, nem o faria por coisa nenhuma deste mundo. Por isso, acredito que deve permanecer todo esse tempo na graça de Deus. Mas aqui a graça está tão escondida que ela não consegue sentir nem uma pequena centelha de seu amor por Deus, tampouco que o amou um

dia. Se fez algum bem, ou se Sua Majestade lhe fez alguma graça, tudo lhe parece sonho e fantasia. Os pecados, estes sim, vê com certeza que fez muitos.

12. Oh, Jesus, como dói ver uma alma assim desamparada! E quão pouco lhe ajuda qualquer consolação do mundo. Se algum dia vocês passarem por isso, irmãs, não pensem que os ricos e os que vivem em liberdade terão melhor remédio para esses momentos. Não, não! Penso que a situação deles é comparável à dos condenados à morte aos quais fossem oferecidos todos os prazeres do mundo. Nenhum lhes daria alívio. Ao contrário, aumentariam o seu pesar.

Aqui também é assim. Essas aflições vêm do alto, e contra elas nada podem as consolações da terra. Quer este grande Deus que reconheçamos a sua divina realeza e a nossa miséria humana. Entender isso é fundamental para o que direi depois.

13. E que fará a pobre alma quando esse estado se prolonga por vários dias? Se reza, é como se não rezasse. Não encontra consolo na oração, porque ela não lhe penetra o interior. Nem sequer entende o que está recitando, embora

reze vocalmente. Enfraquecidas, as faculdades da alma não lhe permitem fazer oração mental, de jeito nenhum. Estar só é imenso mal. E se lhe fazem companhia ou lhe falam é outro tormento. Por mais que se esforce para não atrair as atenções, anda tão abatida e com tal aspereza que todos notam. Saberá dizer o que tem? É inexprimível. São aflições e sofrimentos espirituais sem explicação. O melhor remédio (não digo para pôr fim a essa angústia, pois desconheço, mas para que se possa suportá-la) é ocupar-se em obras de caridade e atividades exteriores. E esperar a misericórdia de Deus que nunca falta aos que confiam nele. Seja para sempre bendito, amém.

14. Há outro tipo de tribulações exteriores que são produzidas por demônios. Como, na maioria das vezes, não são muito frequentes nem muito penosas, não há razão para falar delas. Por mais que incomodem, não chegam a incapacitar assim as faculdades da alma, a meu ver. Tampouco perturbam tanto a alma, já que a razão ainda é capaz de ver que eles não podem fazer mais do que o Senhor lhes permite.

Enquanto a razão está no comando, tudo é pouco comparado às aflições que acabei de relatar.

15. Trataremos ainda de outras aflições interiores nestas moradas, quando falarmos dos diversos tipos de orações e graças do Senhor. Algumas produzem maiores padecimentos que as já descritas, como se verá pelo estado em que deixam o corpo. Apesar disso, não merecem ser chamadas de tribulações. Na verdade, são grandes graças do Senhor. Quem as recebe entende que são favores muitíssimo superiores aos seus merecimentos. Essas grandes aflições vêm pouco antes de se entrar nas sétimas moradas. Seguem-se ainda muitas outras, das quais mencionarei apenas algumas, porque todas seria impossível. Mas não vou tentar explicar o que são, porque vêm de outra linhagem, muito mais alta. Se não pude dizer muito das de casta mais baixa, menos ainda poderei dessas outras. O Senhor nos dê para tudo o seu favor, pelos méritos de seu Filho, amém.

Capítulo 2

Trata de algumas maneiras muito sublimes pelas quais Nosso Senhor desperta a alma, onde aparentemente não há nada que temer.

1. Pode parecer que nos esquecemos da nossa pombinha. Não é verdade, pois as aflições que mencionei a fazem levantar voo mais alto. Começamos então a ver como o Senhor se entende com ela.

Antes de firmar o compromisso de noivado, o Senhor lhe concede a graça de desejá-lo por meios tão refinados que a própria alma não compreende. Como poderei descrevê-los às irmãs que ainda não passaram por isso? São impulsos vindos do mais íntimo da alma, tão suaves e sutis que não sei a que comparar.

2. É bem diferente de tudo o que podemos experimentar aqui neste mundo, diferente até mesmo dos gostos espirituais de que falei. Muitas vezes, estando a pessoa distraída e sem pensar em Deus, Sua Majestade a desperta como um cometa veloz ou um trovão (embora não se ouça nada). A alma percebe claramente que foi um chamado de Deus. Entende tão bem que, algumas vezes, em especial nos começos,

estremece e até incomoda-se, conquanto não seja nada que lhe doa. Sente-se ferida saborosissimamente, mas não sabe quem a feriu nem como. Reconhece, sem dúvida, que é coisa preciosa e jamais queria sarar daquela ferida. Não pode fazer nada além de queixar-se amorosamente a seu Amado. Percebe então que ele está presente, mas não quer se mostrar para deixar-se gozar. É grande aflição, ainda que saborosa e doce. Não queria senti-la, mas não pode evitar. Tampouco queria ficar sem ela, pois a contenta muito mais que o êxtase saboroso e sem aflição da oração de quietude.

3. Estou me desdobrando, irmãs, para explicar-lhes essa operação de amor, e não sei como. Parece contraditório dizer que o Senhor está muito próximo da alma, e, ao mesmo tempo, chama-a (como se estivesse longe dela) com um aceno tão evidente que não deixa dúvida e com um silvo tão penetrante que é impossível não ouvir e compreender. Creio que, quando ele lhe fala assim, sem palavras, a partir das sétimas

moradas, toda a gente que está nas outras moradas do castelo não ousa mover-se¹.

Oh, meu poderoso Deus, como são grandes os vossos segredos, e quanta diferença entre as coisas do Espírito Santo e tudo o que podemos ver e entender nesta vida! Nada deste mundo se compara a essa graça que, no entanto, é tão pequena comparada a outras muito maiores que operais nas almas.

4. Deus opera de maneira tão grandiosa que a alma se desfaz em desejos. Mas não sabe o que pedir, porque sente claramente que o Senhor está com ela. Vocês poderão dizer: se é assim, que mais deseja? por que sofre? que benefício maior pode esperar? Não sei. Sei que essa dor parece lhe penetrar as entranhas. E, quando ele arranca a seta que a fere, é como se verdadeiramente levasse junto suas vísceras, tal é o amor que sente.

Estava pensando agora: deste braseiro ardente que é o meu Deus deve saltar sobre a alma uma centelha que a faz sentir aquele fogo. Mas como não é suficiente para aniquilá-la, ela

¹ Os sentidos, a imaginação e as faculdades da alma.

experimenta um misto de dor e prazer que, por sua vez, resulta naquela operação. Acho que essa é a melhor comparação que já fiz.

Essa dor saborosa (e não é dor) não se fixa em nenhuma criatura. Às vezes dura um bom tempo, outras, de pronto se acaba, segundo a vontade do Senhor, pois não pode ser controlada por nenhum artifício humano. E, mesmo quando se prolonga, não é contínua, mas vai e volta em intervalos seguidos. Enfim, jamais se detém. Por isso, nunca termina de abrasar a alma. Tão rápido como acende, a centelha se apaga. E a alma fica com desejo de tornar a padecer aquela dor amorosa.

5. Aqui não há dúvida. Não pensem que seja algo produzido pela natureza nem causado por melancolia, nem engodo do demônio, ou devaneio. Fica muito claro que é um impulso interior vindo de onde está o Senhor, que é imutável. É muito diferente de outras devoções nas quais o grande embevecimento produzido pelo deleite espiritual nos faz duvidar. Não há embevecimento dos sentidos e das faculdades da alma que observam perplexos e, a meu ver, sem

poder estorvar, aumentar e muito menos impedir aquela aflição prazerosa.

Quem recebeu essa graça de Nosso Senhor poderá reconhecê-la lendo isto. Louve-o muitas e muitas vezes, pois não precisa temer engano. Tema ser ingrata depois de receber tamanho benefício e procure esforçar-se para servir e melhorar em tudo a sua vida. E verá como ganha mais e mais. Sei de uma pessoa que recebeu essa mercê durante alguns anos. E só com isso sentia-se tão feliz que, se servisse ao Senhor uma multidão de anos com grandes tribulações, já estaria muito bem paga. Bendito seja ele para sempre, amém.

6. Vocês devem ter notado que há mais certeza da autenticidade dessa graça do que das outras de que falei. A meu ver, é por estas razões: a primeira, porque o demônio jamais poderá proporcionar uma aflição saborosa como essa. Pode oferecer sabor e deleite que pareça espiritual, mas não é capaz de unir tamanha aflição com quietude e gosto da alma. Todos os seus poderes operam em nosso exterior, e as aflições que ele dá nunca são, a meu ver, saborosas nem com paz, mas inquietas e com

guerra. A segunda razão é porque essa tempestade saborosa vem de outra região diferente daquelas que ele pode dominar. A terceira, pelos enormes proveitos que ficam na alma: geralmente são determinar-se a padecer por Deus, desejar ter muitas tribulações e ficar muito mais decidida a apartar-se dos contentamentos e conversações do mundo, entre outros.

7. Certamente não é alucinação, porque a mente não consegue imitar isso. É tão real que não é possível haver engano, pensando-se que é sem ser. Não há como duvidar que aconteceu de fato, porque esses ímpetos são percebidos tão intensamente como um grito aos ouvidos. Se paira alguma suspeita, é porque não são verdadeiros.

A melancolia também não produz esses efeitos, já que ela fabrica e opera seus enganos apenas na imaginação. Essa graça, ao contrário, vem do interior da alma. Pode ser que eu me engane, mas até ouvir outras razões de quem entenda, mantereí essa opinião. Conheço uma pessoa muito prudente que nunca duvidou da autenticidade dessa oração.

8. Nosso Senhor também costuma empregar outras maneiras de despertar a alma: a qualquer hora, estando a rezar vocalmente e alheia ao que se passa no seu interior, vem-lhe uma excitação prazerosa, como se de repente um perfume muito forte se espalhasse por todos os seus sentidos, fazendo notar a presença d'Ele. (Não estou dizendo que se sente perfume nenhum, é só uma comparação para mostrar como o Senhor desperta na alma o desejo prazeroso de se deleitar com ele.) Com isso, ela se dispõe a fazer grandes obras e louvar muito a Deus.

Essa graça nasce da mesma fonte da precedente, ou seja, no mais íntimo da alma. Mas aqui não há nada que cause aflição. Nem mesmo os desejos de gozar a Deus são penosos (em geral, é assim). Tampouco me parece haver motivo para temer engano, pelas razões já mencionadas. É mercê para receber com ação de graças.

Capítulo 3

Prossegue no mesmo assunto e diz como Deus fala à alma quando quer. Alerta sobre como conduzir-se nesse assunto sem nunca seguir a própria opinião. Ensina como descobrir se é engano. É muito proveitoso.

1. Deus recorre ainda a outro meio de despertar a alma. Embora, de certo modo, pareça ser graça maior que as anteriores, poderá ser mais perigosa. Por isso, vou me deter um pouco mais nela. São algumas maneiras pelas quais o Senhor fala à alma. Às vezes é como se ela ouvisse uma voz vinda de fora, outras, do mais interior de si, outras, da parte superior da alma e outras vezes parece tão real que chega a ser percebida pelos ouvidos e é confundida com a voz natural.

Frequentemente, porém, pode ser ilusão, especialmente em pessoas de imaginação fraca ou melancólicas (falo de considerável estado melancólico).

2. A meu ver, será melhor não dar muito crédito a pessoas melancólicas ou de imaginação fraca, mesmo que digam ver, ouvir e entender. Também não se deve inquietá-las, dizendo que é

coisa do demônio. Precisam ser ouvidas como pessoas enfermas. A priora ou o confessor deve aconselhá-las a não dar importância ao que ouvem, pois isso não é essencial para servir a Deus, e muitos têm sido enganados pelo demônio desse modo, embora talvez não seja o caso delas. Enfim, procurem não afligir ainda mais o seu temperamento doentio, pois, se lhes dizem que é melancolia, nunca sairão desse estado: vão jurar que veem e ouvem, porque acreditam piamente.

3. Na verdade, será preciso considerar a possibilidade de proibi-las de fazer essa oração. E tentar convencê-las, o mais possível, a não prestar atenção às vozes que dizem ouvir. O demônio costuma aproveitar-se dessas almas enfermas para fazer mal às outras. Tanto as enfermas como as sãs devem desconfiar dessas vozes até terem certeza de onde vêm.

Creio que sempre será melhor desacreditá-las logo no início. Se são falas de Deus, isso ajudará a prosseguir, pois até aumentam quando colocadas a prova (é assim que funciona). Mas não aflijam muito nem inquietem a alma que

ouve essas vozes, porque verdadeiramente ela está no limite de suas forças.

4. Voltando ao que dizia, todas as vozes que mencionei acima podem vir de Deus, do demônio, ou da própria imaginação. Mostrarei, se puder, com o favor do Senhor, como reconhecer essas diferentes origens e quando elas são perigosas.

Entre gente de oração, há muitos que as ouvem. Se são consolação ou aviso de faltas dirigidos apenas a vocês mesmas, fiquem à vontade para acreditar ou não, sem risco de pecar. Venham de onde vierem, sejam engano ou não, não se preocupem. Mas fiquem avisadas: se vêm de Deus não significa que vocês sejam melhores que ninguém, pois ele muito falou aos fariseus. Todo o bem está no proveito que se tira dessas palavras.

Quanto às vozes que contrariam a Sagrada Escritura, não façam mais caso delas do que se as ouvissem do próprio demônio. Mesmo aquelas produzidas pela fraca imaginação devem ser encaradas como uma tentação contra as coisas da fé. Resistam a elas sempre para que

se afastem aos poucos. De fato, acabarão por desaparecer, já que têm pouca força.

5. Voltando ao assunto, para saber se as vozes são de Deus ou não, pouco importa se elas vêm do interior, da parte superior ou do exterior. Os sinais mais confiáveis, a meu ver, são estes: o primeiro e mais importante é o poder e autoridade que o Senhor tem de falar e operar. Explico-me melhor: uma pessoa está mergulhada naquela grande tribulação e alvoroço interior de que falei, com o intelecto enfraquecido e padecendo de aridez espiritual. E basta uma palavra que diga somente “Não se aflija”, para que ela fique sossegada e com muita luz. E num instante desaparece aquela angústia que, de tão grande, parecia que, se o mundo inteiro e todos os letrados se juntassem para ajudá-la, não poderiam fazer nada, por mais que tentassem. Ou então está aflita e assustada porque o seu confessor e alguns conhecidos disseram que ela tem espírito demoníaco. E com uma só palavra que lhe diga “Sou Eu, não tenha medo”, desaparece todo temor e fica consoladíssima, sem que ninguém possa convencê-la do contrário. Ou está ainda muito

aflita, porque não sabe como encaminhar alguns assuntos importantes. Mas, percebendo que lhe dizem “Sossegue, pois tudo acabará bem”, adquire grande confiança, e a aflição se dissipa. Acontece o mesmo em muitas outras ocasiões.

6. O segundo sinal é uma imensa tranquilidade da alma, com recolhimento, paz e devoção, que a dispõe para louvar a Deus. Dizem que, ao menos nesta morada, não é o Senhor quem fala, mas sim algum anjo. Oh, Senhor, se uma palavra enviada por meio de um servo vosso tem tal força, que efeito produzirá vossa própria voz na alma que está unida a vós por um amor mútuo?

7. O terceiro sinal é que, por muito tempo, essas palavras não se apagam da memória. Algumas nunca são esquecidas, ao contrário das que ouvimos dos homens. Mesmo que sejam grandes letrados e muito sérios, suas palavras não se fixam tão bem na memória. E, se fazem alguma previsão para o futuro, tampouco lhes damos tanto crédito. Já as palavras do Senhor transmitem grandíssima certeza. Às vezes, porém, em coisas aparentemente impossíveis, o intelecto pode vacilar um pouco, duvidando que se realizarão. No entanto, a alma conserva uma

segurança inabalável, mesmo quando tudo se passa ao contrário do previsto. E, ainda que transcorram anos sem se cumprir, ela não deixa de acreditar que Deus encontrará outros meios que os homens não compreendem para, enfim, realizá-las. E de fato tudo acontece como esperado. É verdade que a alma não deixa de se afligir quando surgem muitos desvios no caminho. Se a espera é grande, chega mesmo a desconfiar que foi coisa do demônio ou fantasia da imaginação. Contudo essas dúvidas não duram muito, e logo ela se dispõe novamente a dar a vida, se for preciso, para defender aquela verdade.

O demônio levantará todas essas inquietações para perturbar e acovardar a alma. Principalmente se há imensas dificuldades a superar, até que se realize uma obra que fará grande bem às almas, para maior glória e serviço de Deus. Que não fará o inimigo então? O mínimo que ele pretende é enfraquecer a fé, pois é grande pecado não crer que Deus pode fazer obras que o nosso entendimento não alcança.

8. Mas, a despeito de qualquer dificuldade, sempre lhe fica, não sei onde, uma centelha viva

de que tudo se cumprirá. Os confesores com quem ela trata desses assuntos procuram convencê-la de que são disparates, apontando os obstáculos que impedem a realização daquelas previsões. E, mesmo quando ela reconhece que todas as esperanças humanas estão mortas, não consegue apagar aquela chama. Por fim, como já disse, a alma fica imensamente satisfeita e alegre vendo a realização daquilo que Sua Majestade lhe revelara. Muito mais do que pela própria obra, ainda que tenha se empenhado nela com todas as suas forças. E não deseja fazer outra coisa a não ser louvá-Lo dia e noite.

9. Não sei por que a alma quer tanto a confirmação dessas falas de Deus. Se fosse apanhada em uma mentira, creio que não sentiria tanto. É como se assim ela pudesse rebater todas as críticas de uma só vez. Certa pessoa que ouvia essas vozes lembrava-se frequentemente do profeta Jonas, que receava não se cumprisse sua profecia sobre a destruição de Nínive². Enfim, como são falas do Espírito de

² Em Jonas 4. Jonas temia que o povo considerasse a Deus como mentiroso, caso a profecia da destruição de Nínive não se realizasse.

Deus, é justo ser fiel, desejando que não considerem mentiroso Aquele que é a suma verdade. Daí a grande alegria quando, depois de mil rodeios e superados desafios difíceis, vê a previsão concretizada. Preferia sofrer enormes tribulações a deixar de fazer aquilo que certamente foi o Senhor quem lhe mandou. Talvez nem todas as pessoas tenham essa fraqueza (se é que é fraqueza), mas eu não posso condená-la.

10. Quando as vozes são fruto da imaginação, não há nenhum destes sinais: nem certeza, nem paz, nem satisfação interior. Nesse caso, acredito que a pessoa entra em um profundo recolhimento interior e fica tão fora de si que perde contato com a realidade exterior. Os sentidos ficam entorpecidos como os de quem dorme (talvez esteja mesmo dormindo) e supõe ouvir vozes e ver coisas que pensa serem de Deus. Enfim, esses fenômenos deixam na alma efeitos semelhantes aos produzidos pelos sonhos.

Conheço algumas pessoas que ouvem essas vozes quando se deixam embevecer muito em oração de quietude e sono espiritual. A meu ver,

é porque são fracas de compleição ou imaginação. Afora essa explicação, não sei o que poderia ser. Ou talvez, tendo insistentemente pedido algo a Nosso Senhor, acreditam que lhes falam aquilo que gostariam de ouvir. Isso realmente acontece às vezes. Entretanto quem tiver muita experiência das falas de Deus não se deixará enganar pela imaginação.

11. Do demônio há sim muito que temer. Mas, estando presentes os sinais mencionados, pode-se ter certeza de que são falas de Deus. Contudo, se as vozes tratam de assunto sério, e se é preciso tomar uma decisão importante para o sucesso de uma obra ou negócios de terceiros, jamais façam nada, nem mesmo em pensamento, sem consultar um confessor letrado, prudente e servo de Deus. Não deixem de fazer isso, ainda que estejam convencidas de ser fala de Deus. Sua Majestade quer que vocês sejam muito cautelosas e não ignorem as suas ordens. O Senhor nos mandou colocar o confessor em Seu lugar. E ninguém pode duvidar que os Evangelhos sejam verdadeiramente palavras Suas.

Quando são de fato autênticas, as falas de Deus nos encorajam em assuntos difíceis. E Nosso Senhor não deixará de iluminar o confessor para que ele creia que é espírito de Deus. Do contrário, vocês não estão obrigadas a fazer aquilo que as vozes mandam. Considero muito perigoso agir de outra maneira. Jamais se deixem guiar pela própria opinião nesses assuntos. Por isso, advirto-as, irmãs, da parte de Nosso Senhor: nunca façam isso.

12. O Senhor fala ainda à alma de outra maneira, ou seja, com visão intelectual (explicarei adiante ³ o que é isso), cuja autenticidade me parece muito fácil constatar. Passa-se no mais íntimo da alma, como se ela percebesse claramente as palavras ditas em segredo pelo próprio Deus. O modo como se experimenta essa visão somado às graças que ela opera demonstram que o demônio não pode ter parte aqui. Os grandes efeitos que produz comprovam isso. Pelo menos, sabe-se seguramente que não procede da imaginação.

Além disso, quem ficar atento poderá se certificar de que é genuína fala de Deus, pelas

³ No cap. 5, § 8, e no cap. 8.

seguintes razões: a primeira, porque ela é muito clara e nítida. Percebe-se a falta de uma só sílaba e, sendo citação, a troca de uma palavra por outra, mesmo que não mude o sentido. Já as vozes criadas pela imaginação não têm tal nitidez, e as palavras não soam de maneira tão distinta, mas causam a impressão de ser coisa sonhada.

13. A segunda é porque geralmente a pessoa nem estava pensando no que ouviu. As falas de Deus vêm de surpresa, fora de hora e até mesmo durante uma conversa. Às vezes, elas respondem ao que se pensa no momento presente ou em alguma ocasião anterior. Muitas vezes, porém, as falas dizem respeito a eventos futuros que nunca se pensara que poderiam suceder. Nesse caso, a imaginação não seria capaz de produzi-las para iludir a alma, apresentando-lhe aquilo que ela não conhecia, não desejava nem se determinara a fazer.

14. A terceira razão é que a pessoa percebe as falas de Deus como quem ouve. Tratando-se, porém, de vozes criadas pela imaginação, é como se a própria pessoa fosse compondo, pouco a pouco, o que deseja que lhe digam.

15. A quarta, porque as palavras de Deus são muito diferentes, e com uma só se compreende muito, coisa que o nosso intelecto não conseguiria fazer tão depressa.

16. A quinta, porque muitas vezes, juntamente com as palavras, por um modo que não sei explicar, compreende-se sem palavras muito mais do que elas significam. Falarei mais disso noutra parte, pois é coisa muito refinada e para louvar a Nosso Senhor.

Há quem fique cheio de dúvidas e não chegue a conclusão nenhuma acerca dessas vozes. Sei em especial de certa pessoa que passou por isso (seguramente deve haver outras) e tem sido muito cuidadosa, porque o Senhor lhe dá essa graça muitas vezes. O maior receio que tinha a princípio era o de ser ilusão.

Quando é trapaça do demônio, logo se percebe, mesmo que ele use muitos truques e se apresente como anjo de luz. A meu ver, a principal artimanha que ele emprega aqui é dizer as palavras com muita clareza, como se viessem do próprio Espírito de Verdade. Contudo ele não conseguirá falsificar os efeitos que mencionei nem deixar aquela paz e lucidez

na alma, e sim inquietação e alvoroço. Mas fará pouco ou nenhum dano se a alma é obediente e segue o meu conselho de não fazer nada, por mais que ouça vozes.

17. Para saber se são favores e graças do Senhor, observem atentamente se, por causa disso, consideram-se melhores que as outras. E se, quanto maior for a mercê, não se sentirem mais indignas, creiam que não será espírito de Deus. Podem ter certeza de que, à medida que aumentam as graças recebidas, diminui o conceito que a alma tem de si mesma, mais se lembra de seus pecados, mais se esquece daquilo que tem a ganhar e mais emprega sua vontade e energia em só querer a honra de Deus. Tampouco se lembra de buscar os próprios interesses. Mais do que nunca, teme distorcer de algum modo a Sua divina vontade e se convence de que não merece aquelas graças, e sim o inferno.

Desde que as vozes produzam esses efeitos, a alma não tem motivo para suspeitar dos benefícios e graças que recebe na oração. Ela deve se entregar à misericórdia do Senhor, que é

fiel e não deixará que o demônio a engane, ainda que seja sempre bom andar com temor.

18. Aquelas que o Senhor não leva por esse caminho podem supor que eventualmente essas almas não se deem conta do que lhes dizem as vozes interiores. Estando muito desatentas, poderiam talvez não as ouvir nem lhes dar atenção e assim não correriam o risco de serem enganadas. A isso respondo que é impossível. Não estou me referindo àquelas vozes falsas que, a propósito, não podem fazer mal se a pessoa não alimenta ambição alguma nem dá trela à imaginação. Sendo verdadeiramente falas de Deus, não será possível deixar de ouvi-las. O Espírito faz cessar todos os pensamentos e atrai a atenção para si de tal modo que me parece seria mais fácil que uma pessoa capaz de ouvir perfeitamente não notasse alguém gritando ao seu ouvido, não lhe desse atenção e dirigisse o pensamento e o intelecto para outro lugar. Por certo, isso não é possível aqui. Não há ouvidos que se tapem nem poder de concentração capaz de se fixar em outra coisa que não seja o que dizem as falas de Deus.

Aquele que fez o Sol parar a pedido de Josué⁴, creio eu, pode paralisar as faculdades da alma e todo o interior. Com isso, a alma reconhece que outro Senhor maior que ela governa o castelo e fica cheia de devoção e humildade. Definitivamente, é impossível não ouvir as falas de Deus.

Queira a divina Majestade nos conceder a graça de só desejar contentá-lo. Esqueçamo-nos de nós mesmas, como tenho dito, amém. Praza a Deus que eu tenha conseguido explicar o que pretendia e que isso possa servir de aviso a quem recebe essas graças.

Capítulo 4

Trata de quando Deus suspende a alma em oração com arrebatamento ou êxtase ou rapto (é tudo a mesma coisa, a meu ver) e como isso é necessário para lhe dar grande ânimo e prepará-la para receber muitas graças de Sua Majestade.

1. Que sossego pode ter a pobre borboletinha em meio a essas e tantas outras provações? Mas tudo é conduzido para que ela deseje gozar ainda mais o seu Amado. Sua Majestade, que conhece

⁴ Josué 10, 12-13.

a nossa fraqueza, vai capacitando-a com essas e muitas outras graças para que ela tenha coragem de se unir a tão grande Senhor e tomá-lo por esposo.

2. Vocês devem estar rindo do que acabo de dizer. Realmente pode parecer disparate, pois não há mulher de condição tão humilde que não tenha coragem de casar-se com um rei. Mas notem que isso é verdade apenas no que se refere aos reis deste mundo. Tratando-se, porém, do Rei do céu, eu lhes asseguro que é preciso ter mais coragem do que vocês podem imaginar, porque a nossa natureza é muito tímida e baixa diante de graça tão elevada. Tenho certeza que, se Deus não nos desse ânimo, seria impossível que nos atrevêssemos a receber essa mercê, por maiores que fossem os benefícios esperados.

Vocês verão o que faz Sua Majestade para concluir esse noivado. Pelo que entendo, ele começa por arrebatá-la a alma, separando-a de seus sentidos. Sem isso, se ela se visse tão perto desta grande Majestade, estando ainda em posse de seus sentidos, acredito que não seria possível continuar viva.

Notem que falo de arrebatamento autêntico, e não dessas fraquezas de mulheres que temos em nossos mosteiros, onde tudo parece nos transportar em êxtase. Creio já ter dito que há pessoas de compleição tão fraca que quase morrem com uma simples oração de quietude.

Como tenho convivido com muitas pessoas espirituais, vou dizer o que sei a respeito de alguns tipos de arrebatamento. Talvez não consiga explicar tão bem como fiz em outra parte onde tratei desse e de outros assuntos que já mencionei aqui. Acho que vale a pena voltar a falar disso, nem que seja só para que todas as moradas fiquem juntas neste *Castelo*.

3. Há um tipo de arrebatamento que começa quando a alma é tocada por alguma palavra de que se lembrou, ou que ouviu de Deus, mesmo fora da oração. Parece que Sua Majestade faz crescer, desde o interior da alma, aquela centelha de que falamos, com pena de vê-la padecer tanto tempo desejando encontrá-lo. Toda abrasada como a fênix mitológica, a alma é renovada. Penso que piedosamente pode-se acreditar que suas culpas são perdoadas (entenda-se que com as condições exigidas e os

meios oferecidos pela Igreja). Assim purificada, o Senhor a une a si sem que ninguém perceba, a não ser os dois. Mas nem a própria alma saberia explicar depois o que lhe aconteceu, embora mantenha ativas as faculdades interiores. Esse arrebatamento não é como um desmaio ou coisa parecida em que não se vê nada do que se passa no interior ou no exterior.

4. Acredito que a alma nunca esteve tão desperta para as coisas de Deus nem com tamanha lucidez e compreensão de Sua Majestade. Pode parecer ilógico, pois, se as faculdades e os sentidos encontram-se tão absortos que podemos até dizer que estão mortos, como ela pode captar esse segredo? Eu não sei nem talvez nenhuma criatura, senão o próprio Criador. Só ele sabe muitas coisas que se passam nestas duas últimas moradas.

Estas sextas e sétimas moradas poderiam muito bem juntar-se, porque não há porta fechada entre elas. Mas como há certas coisas que só se manifestam aos que chegam à última morada, achei melhor separá-las.

5. A alma que experimenta esse arrebatamento é capaz de relatar alguns

segredos que o Senhor lhe revela sobre coisas do céu em visões imaginárias. Ficam impressos na memória de tal maneira que nunca mais esquece. Mas, quando são visões intelectuais, geralmente não consegue descrever. Nesse grau de oração deve haver algumas revelações tão sublimes que não convém dá-las a conhecer aos que vivem neste mundo. No entanto, há muitas outras visões intelectuais menos elevadas que a alma pode revelar quando recupera os sentidos.

Possivelmente algumas de vocês não saibam o que sejam visões, em especial, intelectuais. Explicarei isso a seu tempo, porque recebi ordem superior de fazê-lo. Ainda que pareça inadequado, talvez seja útil para certas almas.

6. Vocês me dirão: se a alma não guarda lembrança dessas graças tão elevadas que o Senhor lhe faz, que proveito elas trazem? Oh, filhas, é tal que não se pode avaliar. Embora não saiba comunicá-las, ficam registradas no mais profundo da alma e jamais são esquecidas.

Mas, se não formam nenhuma imagem nem são percebidas pelas faculdades da alma, como podem ser lembradas? Isso eu também não entendo. Mas sei que algumas verdades da

grandeza de Deus se fixam de tal modo na alma que, ainda que não tivesse fé em quem ele é e que está obrigada a adorá-lo como Deus, acreditaria a partir daquele momento, como fez Jacó quando viu a escada pela qual os anjos do Senhor subiam e desciam⁵. Penso que ao vê-la ele deve ter entendido segredos que não soube traduzir em palavras. Se não recebesse luz interior, não entenderia tão grandes mistérios apenas vendo uma escada.

7. Não sei se acerto no que digo, porque, embora tenham me contado, não me lembro muito bem.

Tampouco Moisés soube dizer tudo o que viu na sarça ardente⁶, senão o que Deus quis que dissesse. Mas, se Deus não mostrasse à sua alma alguns segredos para que visse e acreditasse firmemente que era Deus, Moisés não se meteria em tamanhas e tão variadas dificuldades. Ele deve ter compreendido coisas sublimes dentro dos espinhos daquela sarça que lhe deram ânimo para fazer tudo o que fez pelo povo de Israel.

⁵ Gênesis 28, 12.

⁶ Êxodo 3, 2.

Portanto, irmãs, não procuremos entender as coisas ocultas de Deus. Tal como cremos que ele é poderoso, por certo também havemos de crer que um vermezinho tão limitado como nós não pode compreender todas as suas grandezas. Louvemo-lo muito por querer que entendamos algumas.

8. Estou me perguntando com que poderia comparar essas visões intelectuais, e não me ocorre nada apropriado. Mas imaginem o seguinte: entrem no aposento de um rei ou grande senhor (creio que se chama sala de estado), onde há uma enorme coleção de vasos de vidro e porcelana, além de muitos outros objetos dispostos de tal maneira que quase todos são vistos logo ao entrar.

Certa vez, levaram-me a um desses aposentos na casa da duquesa de Alba, onde, voltando de viagem, estive por obediência aos meus superiores, que foram importunados pelos pedidos dessa senhora. Fiquei abismada ao entrar e perguntava-me para que serviria aquela profusão de objetos. Por fim, concluí que se podia louvar ao Senhor diante de tamanha riqueza de cores e formas.

Agora estou achando graça ao ver como tal cena cai bem aqui. Ainda que eu tenha me demorado naquele aposento, havia tanto para ver que logo me esqueci de tudo, de maneira que não consegui reter na memória nenhuma daquelas peças, como se nunca as tivesse visto. Nem mesmo saberia dizer de que material eram feitas. Mas, em conjunto, lembro-me delas.

Aqui também é assim. A alma está unida a Deus nesse aposento do céu supremo que devemos ter dentro de nossas almas (se Deus está em nós, certamente está numa dessas moradas de que tratamos). Acredito que nem sempre o Senhor deve querer que a alma arrebatada veja esses segredos, porque na maioria das vezes ela está tão entregue a gozá-Lo que lhe basta tão grande benefício. Algumas vezes, porém, gosta que ela se desembeveça e veja num relance o que há naquele aposento. E, depois de voltar a si, ela guarda a imagem geral das grandezas que viu. Mas não consegue descrever nenhuma em particular, pois a sua capacidade natural não vai além daquilo que Deus quis lhe revelar sobrenaturalmente.

9. Estarei dizendo que foi uma visão imaginária? Não. Não é disso que estou tratando agora, e sim de visão intelectual. Como não tenho letras, a minha rudez não sabe dizer nada. Se o que escrevi até aqui sobre essa oração está bem dito, com certeza, não fui eu quem disse.

Tenho para mim que, se a pessoa a quem Deus deu arrebatamento não chega, em algum momento, a compreender esses segredos, é porque não foi arrebatamento, mas sim alguma fraqueza humana que pode acometer pessoas de compleição delicada como nós mulheres. Talvez tenha ficado embevecida por conta de alguma exaltação do espírito que sobrepujou a sua fraca natureza, como creio ter dito na oração de quietude. Mas isso não tem nada a ver com arrebatamento.

Quando é arrebatamento, Deus rouba toda a alma para si. Trata-a como se já fosse sua esposa e lhe mostra um pedacinho do reino que ela ganhou. Por menor que seja, tudo o que há neste grande Deus é imenso.

Como não quer estorvo de nada, nem das faculdades da alma, nem dos sentidos, depressa manda fechar as portas de todas as moradas do

castelo. Só aquela em que ele está fica aberta para permitir a nossa entrada. Bendita seja tamanha misericórdia! Com razão serão malditos os que não quiserem aproveitar-se dela e perderem este Senhor.

10. Oh, minhas irmãs, não é nada o que deixamos para trás, nada o que fazemos e nada tudo o que pudermos fazer por um Deus que assim quer se unir a uns vermezinhas como nós! E, se há esperança de gozar deste bem ainda nesta vida, que estamos esperando? Que pode ser mais importante? Por que haveríamos de deixar por um só instante de buscar a este Senhor, como fazia a esposa dos Cantares por bairros e praças?

Oh, que grande fraude é tudo o que há nesta vida se não contribui para esta união! Mesmo se durassem para sempre, ainda assim, todos os deleites, riquezas e gozos deste mundo não passariam de abominação e imundície comparados às riquezas que havemos de gozar sem fim no céu. E até mesmo estas não são nada diante da glória de possuir ao Senhor de todos os tesouros do céu e da terra.

11. Oh, cegueira humana! Até quando, até quando continuaremos com os olhos cheios de terra? Embora cá entre nós, nestes mosteiros, não pareça haver tanta que nos cegue de vez, vejo uns argueirinhos, umas manchinhas que, se deixamos aumentar, bastam para nos fazer muito mal. Pelo amor de Deus, irmãs, aproveitemos nossas faltas para reconhecer o quanto somos miseráveis. Desse modo, poderemos usá-las para remediar a nossa pouca visão, como fez o Senhor, curando o cego com lodo. Reconhecendo nossas imperfeições, crescerá em nós o desejo de suplicar-lhe que tire bens das nossas misérias para em tudo contentarmos Sua Majestade.

12. Desviei-me muito do assunto sem perceber. Perdoem-me, irmãs, e saibam que, chegando a essas grandezas de Deus (quero dizer, chegando a falar delas), não posso deixar de lamentar muito ao ver o que perdemos por nossa culpa. É verdade que o Senhor só dá essas graças a quem quer. Mas daria a todas, se ansiássemos por Sua Majestade como ele anseia por nós. Não deseja outra coisa senão ter a quem dá-las, e sua riqueza não diminui por isso.

13. Voltando então ao que dizia, quando quer arrebatá-la a alma, o Senhor manda fechar as portas das moradas e até as do castelo e da cerca. Começa por lhe tirar o fôlego de tal maneira que ela não consegue falar de jeito nenhum, embora às vezes fique em posse dos sentidos por mais algum tempo. Outras vezes, tira-lhe tudo de repente. As mãos e o corpo esfriam-se como se não tivesse alma. Algumas vezes, não se sabe se respira. Mas fica assim por pouco tempo, porque, atenuando-se o êxtase, o corpo se reanima para, em seguida, tornar a morrer e dar mais vida à alma. No entanto, esse grande transe não dura muito.

14. Quando cessa, pode acontecer de a vontade ficar tão embevecida e o intelecto tão distante que a pessoa permanece assim o dia inteiro ou, por vezes, alguns dias. Aparentemente a alma não consegue atender para mais nada, senão para a vontade de amar. Fica muito desperta para isso e adormecida para apegar-se a qualquer criatura.

15. Oh, que grande agitação assalta a alma quando volta inteiramente a si! Que grandes desejos de servir a Deus de todas as maneiras

que ele quiser servir-se dela! Se as orações passadas já produzem os efeitos que descrevi, que não fará uma graça tão elevada como essa?

A alma queria ter mil vidas para consagrá-las todas a Deus e que tudo no mundo fossem línguas para louvá-lo. Tem desejos grandíssimos de fazer penitência. Acredita que não faz muita, porque, com a força do amor, mal percebe a que faz. Vê claramente que os mártires não faziam grande coisa ao suportar tantos sofrimentos, porque, com a ajuda de Nosso Senhor, é fácil. Essas almas até se queixam quando Sua Majestade não lhes oferece oportunidade de padecer.

16. Quando essa graça é feita em segredo, considero que é imensa. Mas se é diante de outras pessoas, é tal a vergonha e o embaraço que, de alguma maneira, a alma se desembevece. Fica aflita e inquieta, pensando no que dirão os que a testemunharam, porque conhece a malícia do mundo e sabe que não a lançarão porventura à conta do que é. Ao contrário, aquilo que deveria ser motivo para louvarem ao Senhor talvez lhes dê ocasião para fazerem mau juízo.

De certo modo, essa aflição envergonhada pode parecer falta de humildade. Mas a verdade é que a alma já abriu mão da própria honra. Se ela deseja ser vituperada, que importa o que pensam dela? Uma pessoa que passava por essa aflição da parte de Nosso Senhor compreendeu isso quando ele lhe disse “Não te aflijas, porque ou eles louvarão a mim, ou murmurarão contra ti. E, em qualquer caso, tu ganhas”. Soube depois que essa pessoa se sentiu muito encorajada e consolada por essas palavras. Por isso, caso alguma de vocês se veja nessa aflição, deixo aqui esse alento.

Parece que Nosso Senhor deseja que todos saibam que aquela alma já é sua e ninguém há de tocar nela. Permite que atinjam o corpo, a honra e os negócios, pois de tudo isso resultará mais glória para Sua Majestade. Mas a alma, isso não. Se ela não se aparta de seu Amado (e seria muito culpável atrevimento se o fizesse), ele lhe será amparo contra o mundo inteiro e até contra todo o inferno.

17. Não sei se consegui esclarecer algo sobre arrebatamento. Dizer tudo é impossível, como tinha avisado. Creio que conhecer os seus efeitos

é muito útil para ver como são diferentes daqueles produzidos pelos arrebatamentos fingidos (disse que são fingidos não porque quem os tem queira enganar, mas porque está enganado). Quando os sinais e efeitos não correspondem aos desta grande graça, a pessoa fica desacreditada de tal maneira que, com razão, desconfia-se depois de qualquer um a quem o Senhor a concede verdadeiramente. Seja ele para sempre bendito e louvado, amém, amém.

Capítulo 5

Continua no mesmo assunto e mostra como Deus levanta a alma num voo do espírito diferente do já descrito. Mostra algumas das razões por que é imprescindível ter coragem. Conta algo acerca dessa graça prazerosa que o Senhor faz. É muito proveitoso.

1. Há outro tipo de arrebatamento que eu chamo de voo do espírito. Embora seja essencialmente tudo igual, no interior percebe-se de maneira muito diferente.

Às vezes sobrevém de súbito um movimento rápido da alma. Parece que o espírito é transportado com tal velocidade que se sente

grande temor, em especial nos começos. Foi por isso que eu disse que quem recebe essas graças de Deus precisa ter muita coragem⁷. E também grande fé, confiança e resignação para permitir que Nosso Senhor faça da alma o que quiser. É assustador ver a própria alma ser arrebatada, sem saber quem a leva, para onde nem como. Temos lido alguns relatos segundo os quais às vezes até o corpo vai junto. A alma está em plena posse dos sentidos, mas não tem certeza de que é Deus quem a arrebatava, ao menos no início desse movimento.

2. Há algum meio de resistir? De jeito nenhum. Uma pessoa conhecida me disse que é pior. Segundo ela, essa graça é dada à alma que se mostra, com muita persistência e confiança, determinada a se colocar nas mãos de Deus, oferecendo-se toda de plena vontade.

Parece que o Senhor quer lhe mostrar que a recebe como sua e que ela já não é dona de si mesma. E com um movimento extraordinariamente impetuoso a arrebatava. A alma se deixa levar como uma palha ao vento. Abandona-se nas mãos de quem é tão poderoso,

⁷ Em *6^{as} Moradas*, cap. 4, § 1.

porque compreende que só lhe resta fazer da necessidade uma virtude. Comparei esse arrebatamento a uma palha levada pelo vento, e decerto é isso mesmo, pois este nosso admirável e poderoso gigante arrebatava o espírito tão facilmente como um rapagão ergue uma palha.

3. É algo parecido com aquele tanque d'água de que falávamos nas quartas moradas (se bem me lembro), que lá se enchia sem nenhum sobressalto, com grande suavidade e mansidão.

Nosso grande Deus controla os mananciais das águas e não permite que o mar ultrapasse os seus limites. Mas aqui ele abre todas as fontes que abastecem esse tanque. E com grande ímpeto levanta-se uma onda tão poderosa que ergue alto o barquinho da nossa alma. Assim como nem o barco, nem o piloto, nem a tripulação podem resistir às ondas furiosas de uma tempestade que os lançam aonde querem, assim também aqui a alma não consegue deter-se nem dominar seus sentidos e faculdades. Quanto ao corpo, nem se lembra que ele existe.

4. Creiam, irmãs, que só de escrever isto me assombro, vendo como este grande Rei e Imperador revela aqui seu imenso poder. Que

impacto não produzirá então sobre quem passa por isso? Tenho para mim que, se Sua Majestade se mostrasse assim aos que andam muito perdidos pelo mundo, ainda que não fosse por amor, ao menos por medo, não ousariam voltar a ofendê-lo pecando.

Oh, avaliem então qual será o dever de fidelidade das que foram, de maneira tão sublime, alertadas para a necessidade de se empenhar ao máximo em não desgostar a este Senhor! Por Ele, suplico, irmãs, àquelas a quem Sua Majestade tiver feito essas graças ou outras semelhantes, que não se descuidem, limitando-se a receber graças sem nunca produzir obras. Vejam que quem muito deve, muito terá de pagar.

5. Também será preciso ter muita coragem, pois essa graça intimida muitíssimo. Se Nosso Senhor não socorresse a alma, ela ficaria em grande apuro ao perceber como retribui pouco tudo o que Sua Majestade faz por ela. E mesmo esse pouquinho é cheio de faltas, erros e frouxidão.

Será melhor esquecer o quão imperfeitamente faz qualquer obra, se é que faz,

lembrar-se de seus pecados e confiar-se à misericórdia de Deus. Já que não tem meios de pagar, que a socorra a piedade e misericórdia que ele sempre tem para com os pecadores.

6. Se vocês fizerem isso, talvez o Senhor lhes responda como o fez a uma pessoa que se encontrava muito aflita diante de um crucifixo, pensando que nunca teve nada que pudesse dar a Deus ou abandonar por ele: disse-lhe o Crucificado, consolando-a, que ele lhe dava todas as dores e sofrimentos de sua paixão e que ela os considerasse seus para oferecê-los ao Seu Pai. Aquela alma ficou tão reconfortada e feliz, segundo entendi dela mesma, que nunca mais se esqueceu disso. E, cada vez que se sente abatida diante da própria miséria, recorda-se dessas palavras e fica animada e consolada. Eu poderia contar outras histórias como essa. Sei muitas porque tenho convivido com várias pessoas santas e dadas à oração. Mas não o faço para que vocês não pensem que sou eu.

Essa história me parece muito proveitosa para que vocês entendam como agrada ao Senhor que nos conheçamos a nós mesmas, procurando continuamente examinar e

reexaminar nossa pobreza e miséria. Assim compreendemos que não temos nada que não venha dele.

Por isso, minhas irmãs, é preciso coragem para receber essa e tantas outras graças que o Senhor oferece à alma que trouxe até aqui. A meu ver, as pessoas humildes são as que necessitarão de mais coragem para esse voo do espírito, porque se consideram mais indignas. Que o Senhor nos dê coragem, por ser ele quem é.

7. O voo do espírito é de tal maneira vertiginoso que a alma parece realmente sair do corpo. Certamente ela não desmaia, embora, pelo menos por alguns instantes, não saiba dizer se está no corpo ou não. Quando termina, fica com a impressão de que esteve presente de corpo e alma em outra região muito diferente desta em que vivemos, onde há uma luminosidade bastante distinta, além de outras coisas igualmente insólitas. Não poderia inventá-las nem se passasse a vida inteira tentando. E acontece de lhe ensinarem ali num instante tantas coisas que, se por muitos anos aplicasse a imaginação e o intelecto para organizá-las, não

conseguiria ordenar nem um milésimo do que aprendeu. É o que se chama de visão imaginária (não é visão intelectual), pois se vê com os olhos da alma muito melhor do que com os do corpo. E, sem palavras, sabe-se de coisas até então ignoradas. Por exemplo, se se vê um santo, conhece-o como se tivesse convivido muito tempo com ele.

8. Outras vezes, juntamente com o que veem os olhos da alma, apresentam-se outras coisas por visão intelectual, geralmente, multidões de anjos que acompanham o Senhor. Mas não se vê nada com os olhos do corpo nem da alma. Por caminhos admiráveis que eu não saberei descrever, toma-se conhecimento disso e de muitas outras coisas que não podem ser ditas. Quem já passou por isso e tem mais habilidade do que eu talvez consiga explicar, embora me pareça bem difícil. Não sei dizer se a alma está ou não no corpo enquanto tudo isso acontece. Pelo menos, não juraria que sim nem que não.

9. Muitas vezes tenho pensado que a alma e o espírito são como o Sol e seus raios. Os raios do Sol têm tanta força que chegam prontamente a nós. Mas o Sol mesmo continua lá no céu. Talvez

a alma possa, sem abandonar o seu posto, projetar sua parte superior para além de si mesma, pela força do calor que lhe vem de Jesus, que é o verdadeiro Sol de Justiça.

Enfim, não sei o que digo. Mas sei que, com a mesma rapidez com que uma bala é disparada dum arma de fogo, levanta-se um voo no interior (não sei explicar melhor) e, embora sem ruído, faz um movimento tão intenso que não pode ser fruto da imaginação, de jeito nenhum. Estando já muito longe de si mesma (pelo menos é o que ela consegue perceber), grandes segredos são-lhe revelados.

Quando volta a si, é com imensos ganhos. Passa a considerar os bens do mundo tão insignificantes, comparados aos que viu, que mais parecem lixo. Daí em diante, vive em permanente aflição. As coisas que antes pareciam ser muito preciosas já não valem nada. Aparentemente o Senhor quis lhe mostrar algo do lugar que lhe reserva, para que suporte as aflições da caminhada desta vida sabendo onde vai descansar. Dá-lhe uma pequena mostra das riquezas do céu, tal como fizeram os enviados do

povo de Israel, trazendo os frutos da terra prometida⁸.

Não pensem que experiência tão breve deixe pouco proveito na alma. São tão grandes que só quem passou por ela sabe avaliar.

10. Basta isso para ver-se claramente que não é ilusão do demônio nem da imaginação. A imaginação não é capaz de criar isso. Os enganos do demônio tampouco podem imprimir na alma tanta renovação, paz, sossego e crescimento.

A alma ganha, em especial, três coisas em alto grau: a primeira é o conhecimento da grandeza de Deus, que se revela mais e mais, à medida que nos achegamos a ele; a segunda, conhecimento de si mesma e humildade ao ver que coisa tão baixa como nós, comparada ao Criador de tantas grandezas, ousa ofendê-lo e ainda se atreve a levantar os olhos diante dele; e a terceira, a constatação do pouquíssimo valor que têm as coisas do mundo que não podem ser aplicadas no serviço de tão grande Deus.

11. Essas são as joias que o Noivo começa a dar à sua noiva. E são tão valiosas que não as

⁸ Números 13, 23-26.

entregará a quem não saiba cuidar delas. Essas visões do Senhor ficam tão bem esculpidas na memória que creio ser impossível esquecê-las até que se possa gozá-las para sempre no céu. Seria grandíssimo mal não as guardar com o devido zelo. Mas Quem as dá também pode nos conceder a graça de não as perder.

12. Voltando à questão da coragem, bastará ter um pouco? Parece que a alma realmente se aparta do corpo, perde os sentidos e não entende o que se passa. É preciso, pois, que lhe dê coragem Quem lhe dá tudo mais. Vocês vão dizer que esses momentos de temor serão muito bem recompensados. Eu digo o mesmo. Seja para sempre louvado Aquele que tanto pode dar. Queira Sua Majestade dar-nos os dons com que possamos servi-lo, amém.

Capítulo 6

Descreve um efeito da oração de voo do espírito pelo qual se saberá se é autêntica. Trata de outra graça que o Senhor faz à alma para movê-la a louvá-lo.

1. Desejosa de gozar por inteiro Aquele que lhe dá graças tão elevadas, a alma vive em grande

tormento que, no entanto, não deixa de ser saboroso. Sente enormes ânsias de morrer. Com lágrimas constantes, pede a Deus que a tire deste exílio. Tudo no mundo a cansa. Estando a sós, tem algum alívio, mas logo volta a se afligir. E, sem essa inquietação, já não pode ficar. Enfim, essa borboletinha não tem descanso.

A alma está tão abrasada de amor que qualquer coisa capaz de atizar esse fogo a faz voar. Assim, nesta morada, os arrebatamentos são muito frequentes. E não há meio de evitá-los, nem mesmo em público. Por isso, logo vêm as perseguições e murmurações. Ainda que ela queira se tranquilizar, não pode, porque muitas pessoas a atemorizam, principalmente os confessores.

2. Se, por um lado, a alma parece gozar de grande paz interior, principalmente quando a sós com Deus, por outro lado, é atormentada pelo medo de ser enganada pelo demônio e ofender a Quem tanto ama. As murmurações pouco a incomodam, exceto as de seu confessor que lhe censura os frequentes arrebatamentos, como se ela pudesse contê-los.

Todos a aconselham a tomar outro caminho, pois esse é muito perigoso. Ela não faz outra coisa além de lhes pedir orações e suplicar a Sua Majestade que a reoriente. Ao mesmo tempo, porém, não pode negar o imenso lucro que vem alcançando, mesmo porque tudo o que leu, ouviu dizer e sabe dos mandamentos de Deus lhe dá a certeza de estar a caminho do céu. Já que não consegue desistir dessa graça, confia-se nas mãos de Deus. Mas até isso a atormenta, pois receia estar desobedecendo ao confessor.

Obedecer e não ofender a Nosso Senhor lhe parece ser a melhor precaução para não se deixar enganar pelo demônio. Por isso não cometeria um pecado venial deliberado nem sob a ameaça de ser dilacerada. E aflige-se intensamente vendo quantas vezes peca sem querer.

3. Deus dá a essas almas um grandíssimo desejo de não descontentá-lo em nada nem cometer a mais leve falta, se puderem. Só por isso, queriam fugir de todos e invejam os que vivem nos desertos. Ao mesmo tempo, desejam correr o mundo para ver se animam alguma alma a louvar mais a Deus. Se é mulher, sofre porque a sua natureza frágil não lhe permite

fazer isso. E sente grande inveja dos que têm liberdade para anunciar a todos este grande Deus dos Exércitos.

4. Oh, pobre borboletinha impedida por tantas correntes que não a deixam voar como queria! Tende compaixão dela, meu Deus. Providenciai para que ela possa cumprir ao menos em parte os seus desejos de anunciar vossa honra e glória. Não vos recordeis de como são insignificantes os seus méritos nem da baixaza de sua natureza. Poderoso sois vós, Senhor, para deixar passar os filhos de Israel, abrindo passagem no imenso mar Vermelho e no grande rio Jordão⁹.

Não tenhais pena dela porque, amparada pela vossa fortaleza, pode suportar muitas tribulações. Ela está determinada e deseja padecê-las. Estendei, Senhor, o vosso poderoso braço para sustentá-la, de modo que ela não desperdice a vida em mesquinhas. Resplandeça a vossa grandeza em criatura tão frágil e indigna, para que o mundo O louve, compreendendo que nada que ela faça é mérito dela, mas vosso. Ela quer isso, custe-lhe o que

⁹ Êxodo 14, 21-22, e Josué 3, 15-16.

custar. Daria mil vidas, se tivesse, para que, por meio dela, uma só alma vos louvasse um pouquinho mais. E acredita que essas mil vidas seriam muito bem empregadas assim, embora compreenda, com razão, que não é digna de padecer por vós nem mesmo uma dor muito pequena, quanto mais morrer.

5. Não sei por que nem para que disse isso, irmãs. Não entendi a mim mesma. Mas compreendamos que, sem dúvida nenhuma, são esses os efeitos dos arrebatamentos ou êxtases que chamei de voo do espírito. Não são desejos passageiros, mas se assentam firmemente na alma. Na primeira oportunidade, são colocados em prática, e assim vê-se que não são fingidos.

E por que digo que estão firmemente assentados na alma? Às vezes a alma se acovarda até diante da menor dificuldade. Fica tão intimidada que não tem ânimo para fazer nenhuma boa obra. Penso que o Senhor a abandona à sua fraqueza natural para sua edificação. Desse modo ela percebe que, se alguma vez teve forças para fazer o bem, veio de Sua Majestade. Então, ela compreende isso com uma clareza desconcertante e sente-se

aniquilada. E adquire maior consciência da misericórdia e grandeza de Deus, que age por meio de criatura tão fraca. Geralmente, porém, essa alma é amparada pela graça de Deus, como disse antes.

6. Prestem muita atenção, irmãs: às vezes esses desejos de ver a Nosso Senhor oprimem tanto que não será recomendável estimulá-los. Tentem esquecê-los, se puderem. Disse *se puderem*, porque há casos, que mencionarei adiante, em que não é possível esquecer, como vocês verão.

Tratando-se de voo do espírito, algumas vezes, será possível esquecer sim, porque nesse caso a razão está inteiramente submissa à vontade de Deus, como se repetisse as palavras de São Martinho (“Senhor, se eu ainda sou necessário ao teu povo, não me recuso ao trabalho”)¹⁰.

Mas se o desejo de vê-Lo é muito aflitivo, por precaução, será aconselhável desviar o pensamento para outro lugar. Digo isso porque, como é desejo típico de pessoas já muito

¹⁰ Em *Ofício Litúrgico*. Parênteses do tradutor.

adiantadas, bem que o demônio poderá falsificá-lo para nos convencer de que estamos assim tão avançadas. Sempre é bom estar alerta e com temor.

Tenho para mim que o demônio nunca poderá proporcionar a quietude e a paz que essa aflição dá à alma, quando é genuína. O que ele faz é estimular alguma paixão, como as que nos fazem sofrer pelas coisas do mundo. Quem não tiver experiência, não se dará conta. Pensando que é grande graça, alimentará esse desejo aflitivo o mais que puder. E sua saúde sofrerá muito dano, porque essa provação é contínua ou pelo menos muito frequente.

7. Fiquem sabendo que uma compleição fraca também costuma causar essas aflições, especialmente em pessoas emotivas que choram por qualquer coisinha. Mil vezes se derramarão em lágrimas pensando que é por Deus, embora não seja.

Pode acontecer ainda que eventualmente o coração se incline mais para certos excessos de sentimentalismo do que para o amor a Deus propriamente dito. Há pessoas que não se contêm a cada palavrinha que ouvem ou pensam

sobre Deus e se acabam de tanto chorar. Como estão convencidas de que as lágrimas são sempre bom sinal, não percebem o erro e não querem fazer nada mais além de lhes dar livre curso.

O demônio pretende aqui enfraquecê-las a tal ponto que, depois, não possam fazer oração nem cumprir a Regra dos nossos mosteiros.

8. Quase posso ouvi-las me perguntar o que fazer. Vocês poderão dizer que talvez eu esteja enganada, vendo perigo em tudo, ao ponto de desconfiar até de coisa tão boa como as lágrimas. Realmente pode ser que eu me engane, mas a verdade é que já vi algumas pessoas caírem nesse erro. Eu mesma nunca me enganei quanto a isso, porque não sou nada emotiva. Ao contrário, tenho um coração tão duro que às vezes chega a me dar aflição. Apesar disso, quando é legítima graça de Deus, o fogo lá dentro é tão grande que o coração destila como um alambique. É fácil saber se as lágrimas vêm daqui, porque pacificam e são muito confortadoras. Não produzem alvoroço e poucas vezes fazem mal. E, mesmo se não vêm de Deus, têm algo de bom: é que só trazem dano ao corpo

(se a pessoa for humilde), e não à alma. Mas, não havendo humildade, desconfiem.

9. Não devemos pensar que tudo se resume em chorar muito. O principal é que nos esforcemos para adquirir virtudes, porque é isso que nos fará progredir. E que as lágrimas venham quando Deus quiser, pois não depende de nós. Quanto menos contarmos com elas, tanto maior será o benefício quando vierem, porque são água que cai do céu. Elas regarão a terra seca de nossas almas e serão grande ajuda para produzir bons frutos.

A água que nós mesmas tiramos, cavando e cansando-nos, não tem nada a ver com essa. Na maioria das vezes, cavaremos fundo, ficaremos moídas e não acharemos nem sequer uma simples poça d'água, muito menos uma nascente transbordante. Sendo assim, irmãs, é melhor colocarmo-nos diante do Senhor, reconhecermos a sua misericórdia e grandeza, e também a nossa baixeza. Dê-nos o que quiser, quer seja água, quer seja secura, ele sabe o que nos convém. Aceitando a vontade do Senhor, seguiremos tranquilas e o demônio não terá tanta oportunidade de nos armar ciladas.

10. Em meio a essas graças, que são ao mesmo tempo penosas e saborosas, às vezes Nosso Senhor dá uns entusiasmos e uma oração estranha que nem a própria alma compreende. Registro isso aqui para que, se vocês a receberem, saibam que é autêntica e o louvem muito.

Acredito que consiste em uma grande união das faculdades da alma. Nosso Senhor permite que elas se deleitem nessa graça, embora não entendam o que é que gozam nem como. O mesmo acontece com os sentidos. Parece ilógico, mas é isso mesmo. É um deleite da alma tão excessivo que ela não queria desfrutá-lo sozinha e deseja contar aos seus servos¹¹ para que a ajudem a louvá-Lo. Todas as suas forças se aplicam inteiramente nisso.

Oh, que festas, que demonstrações de amor daria, se pudesse, para que todos partilhassem a sua alegria! É como se reencontrasse a si mesma. Tal como o pai do filho pródigo¹², queria convidar a todos e dar uma grande festa, pois a

¹¹ Os servos da alma são os sentidos e as faculdades, como se disse nas *1^{as} Moradas*, cap. 2, § 12.

¹² Lucas 15, 21-24.

sua alma está, sem dúvida, em lugar seguro, ao menos por enquanto. Acredito que ela tem razão, porque não é possível que o demônio dê tanto gozo interior no mais íntimo da alma, com tanta paz e contentamento que só incitam a louvar a Deus.

11. É ímpeto de alegria muito difícil de conter. Deve ser por isso que São Francisco andava gritando pelo campo quando se deparou com alguns ladrões e lhes disse que era mensageiro do grande Rei. Assim como São Francisco, outros santos isolam-se nos desertos para louvar a Deus livremente. Conheci um, chamado Frei Pedro de Alcântara (creio que é santo, dada a sua vida), que era considerado louco porque fazia o mesmo. Oh, que boa loucura, irmãs! Queira Deus dá-la a todas nós!

Que magnífica graça é gozar dessa loucura aqui neste mosteiro onde sempre encontraremos quem há de juntar-se a nós para louvar, e não murmurar. No mundo, porém, o Senhor é tão pouco conhecido que não surpreende o mau juízo que fazem.

12. Oh, que tempos desventurados, que vida miserável vivemos! Felizes as almas que tiveram a boa sorte de deixar este mundo.

Para mim, é particular satisfação ver como as irmãs experimentam às vezes essa alegria interior. Não se sabe qual glorifica mais a Nosso Senhor por viver retirada neste mosteiro. Vê-se claramente que são louvores saídos do fundo da alma. Gostaria que vocês fizessem isso mais vezes, irmãs, porque, quando uma começa, incentiva as outras. Haverá melhor uso para a língua do que glorificar juntas a Deus, já que não faltam motivos?

13. Praza a Sua Majestade dar-nos essa oração muitas vezes, pois é muito segura e proveitosa. Mas notem que não podemos adquiri-la por nossos próprios meios, já que é muito sobrenatural.

Às vezes, chega a durar um dia inteiro. A alma fica como quem bebeu muito, mas não ao ponto de se privar dos sentidos. Ou como um melancólico que não perdeu inteiramente o juízo. E depois não se esquece daquilo que lhe veio à mente, nem poderia.

Notem que essas comparações são muito grosseiras e não fazem justiça a tão preciosa graça. Não sei descrevê-la melhor. Esse gozo é tão sublime que faz a alma se descuidar completamente de si e de tudo mais. Não consegue fazer outra coisa além de louvar a Deus. Juntemo-nos a essa alma, minhas filhas. Para que haveríamos de querer ter mais juízo? Como poderíamos obter contentamento maior? Juntem-se a nós todas as criaturas, por todos os séculos dos séculos, amém, amém, amém.

Capítulo 7

Descreve o remorso que sentem por seus pecados as almas que recebem de Deus as graças descritas no capítulo anterior. Explica que é grande erro não meditar, por mais espiritual que se seja, na humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, sua sacratíssima vida e paixão, sua gloriosa Mãe e santos. É muito proveitoso.

1. Aquelas que não alcançaram essas graças poderão supor que as almas com quem o Senhor se comunica tão intimamente sentem-se já muito seguras de que irão gozá-lo para sempre e por isso não têm mais nada a temer nem motivo para chorar seus pecados. Não é verdade. Quem

já experimentou essas graças – se são verdadeiramente graças de Deus – sabe que seria grande erro pensar assim. Com efeito, a dor dos pecados aumenta à medida que se recebem mais favores de nosso Deus. Tenho para mim que esse tormento não nos deixará até que sejamos levadas aonde nada pode nos afligir.

2. Às vezes essa dor aumenta porque se faz sentir de maneira diferente: não porque a alma sinta medo dos sofrimentos que há de suportar para expiar seus pecados, mas por constatar o quanto foi ingrata com Aquele a quem tanto deve e que tanto merece ser servido. À medida que recebe graças cada vez maiores, ela vai se dando conta da grandeza de Deus e se espanta, pensando como pôde ser tão atrevida. Quando se recorda das mesquinhas pelas quais renunciava a tão grande Majestade, sente-se devorada pelo remorso e compreende que estava possuída por tamanha loucura que nunca poderá lamentar suficientemente. Lembra-se muito mais disso do que das graças recebidas (mesmo das que são tão elevadas como as que descrevi e as que ainda resta mencionar), como se, de tempos em tempos, fossem trazidas e

levadas por um rio caudaloso. Por outro lado, os pecados permanecem grudados na memória como lodo, sempre presentes, e é pesada cruz.

3. Sei de uma pessoa que, antes de chegar aqui, queria morrer para ver a Deus. Mas, tendo chegado, passou a desejar a morte para não sofrer tão repetidamente a dor de ver como foi mal-agradecida a Quem tanto devia e havia de dever para sempre. Essa pessoa estava convencida de que não existia no mundo inteiro ninguém cujas maldades se igualassem às suas, porque, segundo pensava, ninguém que recebesse graças tão numerosas ousaria fazer Deus sofrer tanto.

Essas almas não têm nenhum medo do inferno. Mas se inquietam enormemente diante da possibilidade de perderem a Deus, embora isso não seja frequente. Temem acima de tudo que Deus lhes permita ofendê-lo e que se vejam novamente no estado miserável de outrora. Não pensam se o futuro lhes reserva penas ou glórias. E, se desejam não permanecer muito tempo no purgatório, é mais para não ficarem ausentes de Deus enquanto estiverem lá e menos para fugirem aos castigos que haverão de sofrer.

4. Convém que a alma nunca se esqueça do estado miserável do qual Jesus a resgatou, por maiores que sejam as graças recebidas depois. Embora seja penoso manter viva na memória a lembrança de sua condição inicial, não deixa de ser muito útil. Acho que penso assim porque fui muito ruim. É por isso que não consigo me esquecer de quem eu era. As que têm sido boas não terão do que se lamentar, embora seja prudente ficar de sobreaviso, porque sempre há quedas enquanto vivemos nestes corpos mortais.

Pensar que Nosso Senhor já perdoou e esqueceu nossos pecados não diminui nem um pouco essa dor. Até piora ver tanta bondade favorecer quem merecia o inferno. Creio que isso foi um enorme martírio para São Pedro e Santa Madalena. O grande amor que sentiam por Ele, as muitas graças recebidas e o conhecimento que tinham da grandeza e majestade de Deus, por certo, aumentaram muito o seu remorso.

5. Vocês também poderão pensar que graças tão sublimes são mais que suficientes para alimentar o amor. Conseqüentemente não será necessário meditar nos mistérios da

sacratíssima humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Escrevi longamente sobre isso em outra parte e fui muito criticada. Disseram que não entendo dos caminhos por onde Nosso Senhor nos conduz e que, depois de dar os primeiros passos, o melhor que a alma tem a fazer é contemplar a divindade de Cristo, sem perder tempo com realidades corpóreas. No entanto, não conseguiram me convencer de que esse caminho seja bom. Pode ser que eu me engane, ou talvez estejamos todos dizendo a mesma coisa com palavras diferentes. A verdade é que eu me dei conta de que o demônio tentou me enganar, fazendo-me crer que não se deve meditar na humanidade de Cristo. Assim, estou tão escaldada que vou alertá-las de novo, embora já tenha dito muitas vezes, para que vocês sejam extremamente cautelosas neste ponto. Ouso pedir que não acreditem em quem discorda de mim.

Vou tentar explicar melhor do que antes. É preferível falar muito e deixar tudo bem esclarecido do que ser breve e correr o risco de desencaminhar quem entende pouco.

6. Certas pessoas não se permitem meditar sobre a paixão de Cristo. Menos ainda sobre a vida da Santíssima Virgem e dos santos, cuja memória nos traz grande proveito e alento. Francamente, não sei o que essa gente tem na cabeça. Só espíritos angélicos são capazes de estar sempre abrasados de amor e viver inteiramente separados das coisas corpóreas. Isso não é para nós que habitamos nestes corpos mortais. É imprescindível aproximarmo-nos de pessoas de carne e sangue que realizaram consideráveis façanhas por Deus. Precisamos tratar com elas e refletir sobre o seu exemplo de vida. E jamais devemos nos afastar propositadamente desta imensa graça e grande socorro que é a sacratíssima humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não consigo acreditar que alguém o faça, a menos que não se conheça a si mesmo. Os que pensam assim fazem mal a si e aos que lhes dão ouvidos. Com certeza, não entrarão nesta nem na última morada, porque, se perdem o guia, que é o bom Jesus, não acharão o caminho. Terão muita sorte se conseguirem ficar em segurança nas moradas precedentes. O Senhor nos disse que ele é o caminho, que é luz, que ninguém pode ir ao Pai

senão por ele e “quem me vê a mim, vê a meu Pai”¹³. Alguns dizem que essas palavras têm outro sentido. Eu não sei qual poderia ser. Com esse, que a minha alma sempre sentiu ser verdadeiro, tenho andado muito bem.

7. Há pessoas que, mal Nosso Senhor lhes dá contemplação perfeita (muitas já falaram sobre isso comigo), gostariam de permanecer indefinidamente nesse estado, coisa que não é possível, certamente. E, depois de receber essa graça, já não conseguem meditar nos mistérios da vida e paixão de Cristo como antes. Não sei por que, mas isso é muito frequente. Por algum motivo, o intelecto fica incapacitado para a meditação. Talvez porque, como a meditação consiste em buscar a Deus, tendo-o encontrado uma vez, usando a força da vontade, a alma se acostuma a procurá-lo dessa maneira e já não quer cansar o intelecto. Parece que, depois de despertar a vontade, a alma evita fatigar o intelecto. E não faz mal. Porém, via de regra, será praticamente impossível reencontrá-Lo assim, ao menos até chegar a estas duas últimas moradas. Quem insistir perderá tempo, porque

¹³ João 8, 12; 14, 6; e 14, 9.

o mais das vezes será necessária a ajuda do intelecto para inflamar a vontade.

8. Notem, irmãs, como este ponto é importante. Vou explicá-lo melhor. A alma não quer fazer nada mais além de empenhar-se inteiramente em amar. Mas não pode, porque, embora a vontade não esteja morta, o fogo que deveria fazê-la arder esmoreceu. É preciso soprá-lo o quanto antes para que volte a se abraçar. Não é bom que a alma se demore nessa aridez, esperando cair fogo do céu para queimar o sacrifício que está fazendo de si a Deus, como fez Elias, nosso pai¹⁴. Definitivamente, não convém ficar à espera de milagres. O Senhor os faz por amor, mas só quando quer. Sua Majestade deseja que nos consideremos tão ruins como se não fôssemos dignas de recebê-los. E quer que nos ajudemos a nós mesmas em tudo o que pudermos. Tenho para mim que isso vale para a vida inteira, por maior que seja o progresso na oração.

9. Quem já foi introduzido pelo Senhor nas sétimas moradas pouquíssimas vezes, ou quase

¹⁴ 1 Reis 18, 38.

nunca, precisa recorrer a esses expedientes (explicarei isso quando chegar lá, se me lembrar), pois caminha continuamente, de maneira admirável, na companhia de Cristo Nosso Senhor, já que sua divindade e humanidade estão sempre ao seu lado.

Mas aquelas em cuja vontade não se acendeu o fogo de que falei e não sentem a presença de Deus terão de buscá-la diligentemente. Sua Majestade quer que façamos isso, como fez a esposa dos Cantares. Quer que perguntemos às criaturas quem é o Criador, como diz Santo Agostinho, nas suas Meditações ou Confissões, creio eu. E que não fiquemos ociosas, perdendo tempo, esperando receber novamente a graça que ele nos deu uma vez. Pode ser que, no primeiro ano, ou mesmo em muitos anos, o Senhor não nos conceda nenhuma graça nova. Sua Majestade sabe o que faz. Não devemos procurar entender suas razões, nem há motivo para isso. Basta-nos saber qual é o caminho e como havemos de contentá-lo, cumprindo os seus mandamentos e conselhos, meditando na sua vida e morte e no muito que lhe devemos. Cuidemos disso

zelosamente. E que o resto venha quando o Senhor quiser.

10. Alguns poderão dizer que não conseguem se deter nessas reflexões. E talvez tenham razão, pois, como expliquei há pouco, de certo modo, o intelecto fica incapacitado para a meditação.

Vocês já sabem que uma coisa é aplicar o intelecto na meditação e que outra coisa bem diferente é recorrer à memória para mostrar certas verdades ao intelecto. Não sei se estou conseguindo me fazer entender. Talvez eu não compreenda o suficiente para explicar com clareza. Em todo caso, vou dizer o que sei. Chamo meditação o exame aprofundado com o intelecto, desta maneira: começamos pensando na graça que Deus nos fez dando-nos o seu único Filho, e não paramos aí, mas seguimos adiante, visitando os mistérios de toda a sua vida gloriosa. Ou podemos começar pela oração do horto das oliveiras, e o intelecto não para até estar pregado na cruz. Ou então escolhemos um passo da paixão, por exemplo, a prisão, e percorremos esse mistério, examinando minuciosamente tudo o que há para pensar e sentir, como a traição de Judas, a fuga dos

apóstolos e tudo mais. É oração admirável e muito meritória.

11. Essa é a oração de que falei há pouco. É a ela que se referem aqueles que receberam de Deus graças sobrenaturais e contemplação perfeita, dizendo-se incapazes de praticá-la. Não sei por que, mas geralmente não podem mesmo. Apesar disso, creio que essas pessoas se recordam frequentemente desses mistérios e se detêm neles, em especial, quando a Igreja Católica os celebra, mesmo porque não seria possível que a alma favorecida por Deus com tantas e tão preciosas provas de amor se esquecesse dessas centelhas vivas que inflamam ainda mais o amor a Nosso Senhor. A menos que não compreendam a si mesmas e não percebam que assim a alma entende esses mistérios de maneira mais perfeita: o intelecto os representa e imprime na memória com tal força que apenas a visão do Senhor caído por terra no horto com aquele suor espantoso basta não só para uma hora, mas para muitos dias de meditação. Num relance, vemos quem ele é e como temos sido ingratas diante de tão grande dor. E prontamente nasce a vontade (mesmo que sem

emoção) de servir de algum modo a quem nos dá tamanha graça e de padecer alguma pena por quem sofreu tanto por nós.

Do mesmo modo, muitos outros pensamentos semelhantes tomam de assalto a memória e o intelecto, interrompendo a meditação. Creio que é por isso que aquelas pessoas se julgam incapazes de discorrer longamente sobre a paixão.

12. Se alguma de vocês não costuma meditar detidamente sobre a paixão de Nosso Senhor, é bom que procure fazê-lo. Certamente não será obstáculo para alcançar o mais elevado grau de oração. Recomendo que façam isso muitas vezes. Se o Senhor arrebatara a alma durante esse exercício, que seja. Mesmo que ela não queira, ele a fará suspender a meditação. Tenho certeza de que esse modo de proceder não atrapalha em nada, mas ajuda muito.

Estorvo seria se se gastasse muito tempo meditando com o intelecto da maneira que expliquei acima¹⁵. (Estou me referindo agora àquelas pessoas que já alcançaram um grau

¹⁵ No § 10.

elevado de oração e que não conseguem meditar com o intelecto, como disse há pouco.) Ou, talvez, pode ser que algumas consigam sim. Deus leva as almas por muitos caminhos diferentes. Enfim, quem não puder seguir por esse caminho não se recrimine nem se julgue inabilitada para gozar dos grandes bens que estão escondidos nos mistérios do nosso bem, Jesus Cristo. Ninguém, por mais espiritual que seja, vai me convencer de que não é bom pensar nele.

13. Há almas que, tendo experimentado os contentamentos e gostos que o Senhor dá na oração de quietude, pensam que é grande coisa deixar-se ficar ali, deleitando-se demoradamente. Mas creiam em mim e não se embeveçam tanto, como já disse em outro lugar. A vida é longa e cheia de provações. Para enfrentarmos as nossas com perfeição, devemos ter em mente os sofrimentos do nosso modelo Jesus Cristo e também os dos seus apóstolos e santos. O bom Jesus é muito boa companhia para que nos separemos dele e de sua Mãe sacratíssima. Ele aprecia muito que nos condoamos de suas dores, abrindo mão, de vez

em quando, dos nossos contentamentos e gostos. Tanto mais, filhas, que o contentamento na oração não é tão frequente que não sobre tempo para isso.

Eu suspeitaria de quem me dissesse que não pode fazê-lo, alegando que permanece continuamente embevecida, sem nunca sofrer os reveses da vida. Procurem evitar esse erro, esforçando-se ao máximo para se desembevecer. Se não conseguirem, peçam à priora que lhes dê uma ocupação de tanta responsabilidade que afaste esse perigo. No mínimo, será grande risco para o juízo e a cabeça se durar muito.

14. Creio ter demonstrado que não convém, por mais espiritual que se seja, recear tanto as coisas corpóreas ao ponto de ver perigo até na humanidade sacratíssima de Cristo. Os que discordam costumam citar as palavras que o Senhor dirigiu a seus discípulos, dizendo que convinha que ele se fosse¹⁶. Não posso aceitar isso. Certamente ele não disse o mesmo à sua Mãe sacratíssima, porque ela tinha uma fé inabalável e sabia que ele era Deus e homem.

¹⁶ João 16, 7.

Amava-o mais que todos e com tanta perfeição que isso a ajudava. Os Apóstolos não deviam estar àquela altura tão firmes na fé como ficaram depois.

De nossa parte, temos razões de sobra para estar firmes agora. Fiquem alertas, filhas. Considero esse caminho perigoso, pois, semeando aversão a tudo o que é corpóreo, o demônio poderia nos fazer perder a devoção ao Santíssimo Sacramento.

15. O engano em que caí não chegou a tanto. Eu não gostava de pensar muito em Nosso Senhor Jesus Cristo. Preferia ficar embevecida, esperando a satisfação que tinha experimentado antes. Mas logo vi claramente que ia mal, porque, como não podia tê-la sempre, o pensamento perambulava, e a alma ficava revoando como pássaro sem encontrar lugar de pouso. Assim perdia muito tempo e não progredia nas virtudes nem crescia na oração. Não entendia o motivo, pois aquilo me parecia muito apropriado. Finalmente fui alertada por certa pessoa serva de Deus e, só então, percebi claramente o meu erro. Ainda hoje sinto remorso por ter passado tanto tempo sem

compreender que nada havia de ganhar dessa maneira. Mesmo se fosse possível, não quero nenhum bem que não seja adquirido por meio de Quem nos vêm todos os bens. Seja para sempre louvado, amém.

Capítulo 8

Mostra como Deus se comunica com a alma por visão intelectual. Faz alguns alertas e descreve os efeitos que produz quando é autêntica. Recomenda que se mantenha essa graça em segredo.

1. Quanto mais a alma progride, mais tempo passa em companhia deste bom Jesus. Para que vocês saibam, irmãs, que digo a verdade, vou lhes falar de como, quando Sua Majestade consente, não podemos mais passar sem ele. Vê-se isso nitidamente pelas maneiras e modos que Sua Majestade nos comunica. Ele também mostra o amor que tem por nós em aparições e visões admiráveis.

Para que vocês não se assustem, caso ele lhes conceda essas graças, vou descrever algumas brevemente, com a ajuda do Senhor. E, mesmo que nunca sejamos assim favorecidas, havemos de louvá-lo muito por se comunicar

com criaturas tão pequeninas, ele que tem tamanha majestade e poder.

2. Estando a alma desavisada de que vai receber essa graça e sem sequer sonhar merecê-la, acontece sentir junto de si Jesus Cristo Nosso Senhor, embora não o veja nem com os olhos do corpo, nem com os da alma. Chamam a isso visão intelectual, não sei por quê.

Uma pessoa a quem Deus fez essa graça (além de outras que contarei adiante) ficou muito perturbada a princípio, sem entender o que se passava. Embora não pudesse vê-lo, estava convencida de que era Nosso Senhor que se mostrava daquela maneira. E não podia duvidar que aquela visão era real. Contudo sentia medo por não saber se vinha de Deus ou não, embora produzisse grandes efeitos que davam a entender que sim. Até então, ela não sabia nada acerca de visão intelectual nem imaginava que tal coisa pudesse existir. Por fim, suas dúvidas foram dissipadas pelos grandes efeitos produzidos pela visão, que assim mostrou ser autêntica. E ela entendeu claramente que o Senhor lhe falara desse mesmo modo em muitas outras ocasiões antes de

receber essa graça. Até então, ela não sabia quem lhe falava, embora compreendesse as palavras.

3. As visões intelectuais não são como as imaginárias, que passam depressa. Chegam a durar muitos dias e às vezes até mais de um ano. Essa pessoa ficou tão perturbada que procurou seu confessor muito aflita. Ele lhe perguntou como sabia que era Nosso Senhor, já que não O via, e pediu que lhe descrevesse o Seu rosto. Ela respondeu que não seria possível, pois não via rosto nenhum e, portanto, não podia dizer mais nada. Apenas sabia que era ele quem lhe falava e que não era ilusão. Ainda que o confessor a deixasse muito assustada repetidas vezes, ela não vacilava, em especial quando o Senhor lhe dizia “Não tenhas medo, sou Eu”. Essas palavras tinham tal força que não admitiam dúvida, e ela ficava muito revigorada e feliz em tão boa companhia.

Compreendia que a presença constante do Senhor era grande ajuda para ser muito cuidadosa e não fazer nada que lhe desagradasse, pois sentia que seus olhos velavam sempre sobre ela. Cada vez que queria falar com Sua Majestade, em oração ou não,

sentia-o tão próximo de si que não poderia deixar de ouvi-la. Quanto a compreender o significado de suas palavras, em geral, não era de imediato, e sim quando se fazia necessário e de maneira imprevista.

Sentia que ele andava ao seu lado direito, mas não do mesmo modo como percebemos uma pessoa junto de nós. Era uma sensação diferente e refinada que não sei explicar. Muito mais perceptível e real do que eu consigo dizer. Até se poderia desconfiar de melancolia, se não fossem os imensos benefícios e efeitos interiores produzidos, mesmo porque o demônio não seria capaz de fazer tanto bem ao ponto de a alma sentir tamanha paz, tão contínuos desejos de contentar a Deus e tal desprezo de tudo o que não a aproxima ainda mais dele. De fato, à medida que esses efeitos iam se revelando mais e mais, entendeu-se claramente que não era ação do demônio.

4. Contudo, essa pessoa ficava, por vezes, muito temerosa e confusa, pois não sabia de onde lhe vinha tanto bem. Éramos, eu e ela, tão íntimas, que nada se passava em sua alma que eu ignorasse, e por isso sou boa testemunha.

Podem acreditar que é tudo verdade. Essa graça do Senhor inspira enorme assombro diante das suas grandezas e humildade ante a nossa pequenez.

Se fosse do demônio, seria tudo ao contrário. Seguramente é graça de Deus, pois nenhuma habilidade humana poderia produzi-la. E ninguém pense que seja mérito próprio, mas saiba que é dada pela mão de Deus. Embora eu creia que algumas das graças que disse antes sejam ainda maiores que esta, há nela algo especial, que dá um particular conhecimento de Deus. Dessa contínua presença de Deus nasce um amor terníssimo para com Sua Majestade. A alma sente uns desejos ainda maiores do que os já referidos de se colocar toda a seu serviço. E experimenta uma grande limpeza de consciência, porque em tudo o que faz transparece a companhia que traz junto de si. Mesmo sabendo que Deus está presente em tudo o que fazemos, a nossa natureza é tal que se esquece disso facilmente. Mas aqui não, pois a presença do Senhor mantém a alma desperta. Até mesmo as outras graças de que já falei tornam-se muito mais frequentes, pois a alma

está enamorada e quase sempre diante de Deus, vendo-o ou sentindo-o junto a si.

5. Enfim, por tudo o que a alma ganha, sabe-se que é grandíssima graça e muito, muito de apreciar e agradecer ao Senhor que a dá sem merecimento dela. Não a trocaria por nenhum tesouro nem deleite deste mundo. E sente grande solidão quando o Senhor lhe tira essa mercê. Por mais que faça para reaver a sua companhia, nada surtirá efeito. O Senhor nos dá a graça da sua presença quando quer, e não podemos retomá-la por força da nossa vontade. Às vezes, a alma pode usufruir ainda a companhia de algum santo, que também traz grande proveito.

6. Vocês perguntarão: como se sabe que é Cristo ou sua Mãe gloriosíssima, ou um santo, se não se vê nada? Isso a alma não consegue explicar. Apenas sabe e com muita certeza. Quando o Senhor fala, é mais fácil. Mas reconhecer um santo que não vemos nem nos fala é coisa para se maravilhar (parece que o Senhor o coloca ali para ajudar aquela alma e lhe fazer companhia). Certas coisas espirituais são inexplicáveis. Por aí se deduz como a nossa

natureza é baixa e incapaz de compreender as grandezas de Deus. Realmente não podemos alcançá-las.

Que a alma a receba com admiração e louvores a Sua Majestade e lhe dê especiais graças. Já que não é favor concedido a todos, há de ser muito valorizado, procurando-se servir mais, pois Deus a ajudará de muitas maneiras. Mas ela não se considera melhor que ninguém por isso, e sente-se como quem menos serve a Deus no mundo inteiro, porque se vê mais obrigada a servi-lo do que qualquer outra. E, à menor falta, o remorso lhe transpassa as entranhas, com grandíssima razão.

7. Vocês poderão notar que esses efeitos sobre a alma não são engano nem ilusão. Como disse, creio que não seria possível durar tanto tempo se fosse obra do demônio, trazendo tão notável benefício à alma e transmitindo-lhe tamanha paz interior. Coisa tão má não tem o costume nem pode, mesmo se quiser, fazer tanto bem. Logo haveria uns fumos de vanglória e sentimentos de superioridade. Além do mais, ver a alma sempre tão unida a Deus e com o pensamento tão ocupado nele daria tal raiva ao

demônio que, nem se quisesse, voltaria a enganá-la assim. Deus é fiel e não lhe dará tanto acesso à alma que não pretenda outra coisa senão agradar a Sua Majestade e dar a vida por sua honra e glória, mas ordenará tudo de modo que ela seja alertada logo.

8. Como a alma encontra-se sob o efeito dessas graças, por certo, Sua Majestade providenciará para que ela saia com vantagem, caso permita que o demônio tente enganá-la, e ele será posto a correr. Por isso, filhas, se algumas de vocês seguirem por esse caminho, não se assustem. Mas convém que se conduzam com temor e sejam cautelosas. Tampouco cometam a imprudência de pensar que, por receberem tantos benefícios, poderão se descuidar. Isso será sinal de que não é de Deus, principalmente se vocês não apresentarem os efeitos que descrevi.

É bom que logo no início dessas graças vocês peçam conselho em confissão a um padre muito letrado (são esses que irão nos orientar) ou a uma pessoa muito espiritual. Se não houver nem um nem outro, procurem alguém que seja muito letrado. Se possível, letrado e espiritual. Se lhes

disserem que é ilusão, não se preocupem: se for, pouco mal ou bem poderá fazer à alma. Encomendem-se à Divina Majestade para que não consinta que sejam enganadas. Se lhes disserem que é o demônio, será maior provação. Creio, no entanto, que um bom letrado, ciente dos efeitos que descrevi, não lhes dirá isso. Mas, se disser, o Senhor que anda com vocês lhes dará consolo, garantirá a verdade e iluminará ao confessor para que ele as ilumine.

9. Se o Senhor não levou o seu confessor por esse caminho, ainda que seja pessoa dada a oração, logo se espantará e o condenará. Por isso, insisto para que encontrem um que seja muito letrado e, se possível, também espiritual. E peçam à priora licença para consultá-lo. Ainda que a alma vá segura por saber que o confessor é pessoa virtuosa, não deixem de avisá-la para evitar mexericos. E, depois de tratar desses assuntos com ele, aquietem-se e não comentem nada com ninguém. Às vezes, sem motivo real, o demônio inspira uns temores tão excessivos que levam a alma a não se tranquilizar depois da confissão, especialmente se o confessor se mostra apreensivo. Ou então,

ele mesmo, por inexperiência, poderá lhe sugerir que conte a outras pessoas o que por cautela deveria silenciar. Assim ela correrá o risco de se decepcionar ao descobrir que o seu segredo se tornou público, vendo-se inesperadamente perseguida e atormentada. Por conta disso, ficará exposta a muitos desgostos que poderão inclusive arranhar o bom nome da Ordem nestes tempos corrompidos em que vivemos. Será preciso conduzir esse assunto com muita discrição. Aconselho às prioresas agir com redobrada cautela.

10. A irmã que recebe graças semelhantes não se julgue melhor que as outras. O Senhor conduz cada uma como bem quer. Esse caminho é boa preparação para vir a ser grande serva de Deus, se nos empenharmos. Mas, às vezes, Deus leva por ele as mais fracas. Então não há aqui nada para se aprovar nem condenar.

Quem é virtuosa e serve a Nosso Senhor com mais mortificação, humildade e limpeza de consciência, será a mais santa. A verdade é que pouco sabemos com certeza antes que o verdadeiro Juiz dê a cada um o que merece. Lá nos surpreenderemos, vendo como o seu juízo é

diferente daquilo que imaginamos aqui. Seja ele para sempre louvado, amém.

Capítulo 9

Trata de como o Senhor se comunica com a alma por visão imaginária e adverte para que não ambicionem seguir por esse caminho. Explica o motivo. É muito proveitoso.

1. Vamos falar agora das visões imaginárias. Dizem que o demônio pode se intrometer nessas graças mais facilmente do que nas anteriores. E deve ser verdade. Mas, quando elas vêm de Nosso Senhor, de algum modo, parecem-me mais proveitosas, porque se ajustam melhor à nossa natureza, com exceção apenas das incomparáveis graças que o Senhor dá na última morada.

2. Mas vejamos primeiro como o Senhor se manifesta na visão intelectual descrita no capítulo anterior. É como se, num estojo de ouro, houvesse uma pedra preciosa de grandíssimo valor e poder medicinal. Mesmo sem nunca a ter visto, temos certeza de que está ali, pois as suas propriedades curativas nos beneficiam enquanto a trazemos conosco. E por

isso não deixamos de apreciá-la, porque, por experiência, sabemos que nos curou de algumas enfermidades para as quais é indicada. Mas não ousamos abrir o relicário e olhar para ela. Nem podemos, já que só a dona da joia sabe abri-lo. Embora tenha nos emprestado para que nos beneficiemos dela, ficou com a chave e, como é sua, abrirá quando quiser nos mostrar. E até poderá retomá-la, quando bem entender.

3. Digamos então que, às vezes, decide abri-lo por alguns instantes para agradecer à pessoa a quem emprestou. Certamente, depois disso, essa pessoa se sentirá muito mais contente, lembrando-se do admirável brilho da pedra que lhe ficou gravado na memória.

O mesmo acontece na visão imaginária. Quando Nosso Senhor quer presentear a alma, revela-lhe claramente a sua sacratíssima humanidade, como ele quiser: ou mostra-se como era quando vivia neste mundo, ou como se apresentou depois da ressurreição. Embora seja com a rapidez de um relâmpago, essa imagem gloriosíssima se fixa tão bem na memória que penso ser impossível apagar-se, até que a alma a veja de novo onde possa gozá-la para sempre.

4. Disse *imagem*, mas não pensem que seja algo semelhante a uma pintura. Parece verdadeiramente viva e, por vezes, até fala com a alma para lhe revelar grandes segredos.

Os olhos se detêm nela por algum tempo, porém não mais do que se fixariam sobre o Sol, porque essa visão passa sempre muito depressa. Mas o seu brilho não chega a ferir a visão interior, pois não é como o sol que fere os olhos do corpo (não sei dizer nada sobre as visões que são percebidas pelos olhos do corpo, porque essa pessoa, de quem posso falar com tanta familiaridade, não tinha esse tipo de experiência).

A visão imaginária é percebida como se fosse uma luz difusa de um sol envolto por uma camada de diamante. Ou como um tecido de linho da Holanda através do qual as vestes transparecem. Geralmente a alma é arrebatada quando Deus faz essa graça, pois nossa baixeza não pode experimentar tão espantosa visão.

5. Disse *espantosa* porque é mais formosa e prazerosa que tudo o que poderíamos imaginar, mesmo se passássemos mil anos tentando. Vai muito além de tudo o que cabe em nosso

intelecto e imaginação. A grandíssima majestade de Sua presença produz enorme assombro na alma. Não é preciso perguntar como ela sabe quem é, sem que ninguém lhe diga. O Senhor do céu e da terra se dá a conhecer muito bem, ao contrário dos reis deste mundo que, por si mesmos, são tidos em tão pouca conta se não os acompanham as suas cortes, ou se não dizem quem são.

6. Oh, Senhor, como nós os cristãos vos desconhecemos! Que será de nós naquele dia, quando voltardes para nos julgar, pois se, apresentando-se aqui à vossa esposa com tanta benevolência, ela sente tamanho temor, que será de nós então? Oh, filhas, que será de nós se ele nos disser com voz severa: “Afastai-vos de mim, malditos de meu Pai”?¹⁷

7. É muito proveitoso guardar a memória dessa graça que Deus dá à alma. São Jerônimo, embora santo, não se esquecia dela. Assim tudo quanto padecermos no rigor da nossa religião parecerá nada. Mesmo quando durar muito, será um momento comparado à eternidade.

¹⁷ Mateus 25, 41.

Apesar de ser tão ruim, o medo que eu tinha dos tormentos do inferno não era nada comparado ao que sentia quando me lembrava que os condenados haverão de ver a ira destes olhos tão formosos, mansos e benignos do Senhor. Creio que o meu coração não suportaria tamanha dor. Essa angústia tem atravessado toda a minha vida.

Avalie-se então o que sofrem as pessoas a quem ele se mostrou nessa visão, temendo a possibilidade de verem a ira do Senhor naquele dia. Se a emoção de ver seus olhos amorosos é tão grande que se chega a perder os sentidos, qual não será a dor dos condenados ao vê-los irados? Tanto uma como outra estão acima das nossas forças. Deve ser por isso que essas pessoas são arrebatadas nessa visão imaginária. O Senhor socorre a sua fraqueza para uni-la à sua grandeza nessa sublime união com Deus.

8. Mas se a alma consegue se deter muito tempo olhando este Senhor, não creio que seja visão imaginária, e sim alguma ilusão criada pela imaginação a partir de uma profunda contemplação. E será como coisa morta comparada a esta de que falo.

9. Algumas pessoas têm a imaginação tão fraca ou o intelecto tão vigoroso (não sei bem qual dos dois) que se deixam embevecer pela própria imaginação e chegam a acreditar sinceramente que veem tudo aquilo em que pensam. Sei disso porque muitas dessas pessoas têm conversado comigo. Contudo, se experimentassem a verdadeira visão, entenderiam, sem dúvida, o engano em que caíram. Na verdade, elas mesmas vão compondo com a imaginação o que veem. Mas depois essa visão não produz nenhum efeito sobre elas, que ficam mais indiferentes do que se vissem uma imagem devota. E se esquecem de tudo mais rápido do que se fosse um sonho. Vê-se logo que não é para se levar a sério.

10. Na visão imaginária, entretanto, não é assim. A alma nem suspeita que está prestes a ver algo. Isso nem lhe passa pela cabeça. De repente, a visão surge muito próxima e agita todas as suas faculdades e sentidos, provocando grande espanto e desorientação. Em seguida, deixa-os em ditosa paz.

Do mesmo modo que São Paulo foi derrubado por aquele sobressalto tempestuoso do céu, assim é no mundo interior, onde também

se faz intenso movimento. Mas, de repente, tudo volta à paz, e a alma fica tão instruída em verdades sublimes que não precisa de outro mestre. A verdadeira Sabedoria a ensinou sem nenhum esforço seu.

A alma sabe com certeza que essa graça vem de Deus. E, por mais que os outros tentem, não conseguem convencê-la de que está enganada. Mas, se o confessor também lhe põe medo, Deus permite que duvide e se pergunte se poderia ter sido enganada para expiação de seus pecados, embora ela acabe entendendo depois que tudo não passa de tentações em coisas de fé com as quais o demônio consegue fazer alvoroço, mas não pode lhe tirar a certeza. Quanto mais o demônio a combate, mais ela se convence de que ele não conseguiria lhe proporcionar tamanhos bens. Assim essa graça a faz ver que ele não pode tanto no interior da alma. Poderá sim falsificar alguma visão, mas não com tal verdade, majestade e operações.

11. Posto que a maioria dos confessores não têm experiência própria dessas visões, mostram-se receosos, e com razão. O que eles devem fazer é ficar atentos, esperar para ver que fruto elas

produzem e observar se, pouco a pouco, vão aumentando a humildade e fortalecendo a virtude. Se for coisa do demônio, depressa dará sinal, e o apanharão em mil mentiras. Um confessor experiente precisará de pouco tempo para descobrir se vêm de Deus, da imaginação ou do demônio. Em especial, se Sua Majestade lhe deu o dom de conhecer os espíritos. Se tiver esse dom e ainda for letrado, mesmo que seja inexperiente, poderá reconhecer facilmente a visão verdadeira e a falsa.

12. É muito importante, irmãs, que vocês sejam simples e sinceras com o confessor. Não me refiro apenas à confissão de pecados, porque isso é óbvio, mas falem também sobre a sua oração. Sem isso, não lhes asseguro que vocês vão bem, nem que é Deus quem lhes ensina. Agrada-Lhe muito que tratemos àquele que está em Seu lugar como se fosse Ele mesmo. E deseja que o confessor entenda todos os nossos pensamentos e principalmente as nossas obras, por menores que sejam. Fazendo isso, não há razão para ficarem perturbadas nem inquietas, pois, mesmo que não seja de Deus, se vocês forem humildes e agirem com boa consciência, não

lhes fará mal. Sua Majestade sabe tirar bens dos males. Pelo mesmo caminho por onde o demônio tentar desviá-las, vocês ganharão mais. Reconheçam que Deus lhes dá imensas graças e esforcem-se para contentá-lo cada vez mais e trazer sempre em mente a sua imagem.

Um eminente letrado dizia que o demônio é excelente pintor e que, se o inimigo tentasse iludi-lo, falsificando uma visão do Senhor, ele (o letrado) não se atreveria a blasfemar contra ela. Ao contrário, aproveitaria a oportunidade de avivar a sua devoção para com Aquele que é todo o nosso bem, reverenciando essa mesma visão. Assim faria guerra ao demônio com suas próprias armas. E agiria bem, a meu ver, pois, ainda que um pintor seja muito vil, não deixamos de venerar a imagem de Nosso Senhor que ele pintou.

13. Esse mesmo letrado dizia que não se deve fazer figa diante de uma visão. Segundo ele, temos de honrar a imagem do nosso Rei onde quer que a vejamos. E ele está certo, pois até mesmo aqui neste mundo ninguém gostaria de saber que um ente querido faz semelhante afronta ao seu retrato. Com muito mais devoção,

tenhamos respeito por qualquer crucifixo ou qualquer retrato do nosso Imperador, não importa onde o encontremos.

Embora já tenha escrito isso em outra parte, alegro-me de o pôr aqui, pois conheço uma pessoa que ficou muito perturbada quando lhe mandaram fazer figa. Não sei quem inventou esse costume que tanto atormenta aqueles que não podem fazer outra coisa senão obedecer. Se algum confessor lhes der esse conselho, pensando que estão em erro, embora não estejam, recomendo que expliquem isso com humildade e não aceitem. Para mim, os argumentos do letrado que mencionei são extremamente convincentes.

14. A alma é muito beneficiada por essa graça do Senhor. Quando pensa nele ou em sua vida e paixão, sente grande consolo, recordando-se de sua mansíssima e formosa face. Do mesmo modo que nos alegra ver, aqui neste mundo, o rosto de uma pessoa que nos fez bem, garantolhes que tão agradável memória traz muito ânimo e proveito, além de muitos outros benefícios. Considerando, porém, que já falei bastante sobre os efeitos que essas graças

produzem e como direi mais depois, não quero me cansar nem as cansar agora. Só vou avisá-las que, quando ouvirem dizer que Deus faz essas graças às almas, nunca lhe peçam que as leve por esse caminho, nem sequer o desejem.

15. Embora seja graça considerável, digna de reverência e de se ter em grande conta, não convém pedi-la, pelas seguintes razões: a primeira, porque é falta de humildade querer receber o que não merecemos, pois creio que não será muito humilde quem a desejar. Assim como um pequeno lavrador está longe de pretender ser rei, pois lhe parece ambição desmedida, assim também está o humilde para semelhantes coisas. Penso que esse tipo de pedido nunca será atendido, porque, antes de conceder tais graças, o Senhor nos dá um notável conhecimento de nós mesmas. Será que quem alimenta essas ambições compreende que já recebeu imensa graça por não estar agora mesmo no inferno?

A segunda, porque certamente será enganada, ou pelo menos correrá grande perigo de o ser. O demônio não precisa mais do que uma pequena porta aberta para fazer mil canalhices.

A terceira, é que a imaginação, movida por um grande desejo, faz com que a pessoa suponha ver e ouvir aquilo que almeja, tal como quem passa por alguma privação durante o dia e, querendo muito saciar o seu desejo, sonha à noite com a coisa desejada.

A quarta, é enorme atrevimento de nossa parte querer escolher o caminho, sem saber se há outro melhor. O Senhor nos conhece como ninguém. Deixemos que nos leve por onde ele sabe que é melhor para nós. E que em tudo se faça a sua vontade.

A quinta, vocês pensam que são poucas as provações que padecem aqueles a quem o Senhor faz essas graças? Não, são grandíssimas e muito variadas. Têm certeza de que poderiam suportá-las?

A sexta, porque talvez se tomassem o caminho por onde vocês esperavam ganhar, perderiam, como Saul perdeu sendo rei.

16. Enfim, irmãs, há outras razões além dessas. Creiam-me que o mais seguro é querer o que Deus quer, pois ele nos conhece e ama mais do que nós mesmas. Confiemo-nos em suas mãos para que seja feita a sua vontade em nós. Não

poderemos errar se perseverarmos nessa determinação. Notem, entretanto, que não merece mais glória quem recebe muitas graças, porque na verdade fica mais obrigado a servir, já que recebe mais.

O Senhor não se opõe aos nossos esforços para merecer mais graças, pois depende de nós. Mas saibam que há pessoas muito santas que nunca souberam o que é ganhar uma dessas mercês. Ao mesmo tempo, há outras que as recebem, e não são santas.

E não pensem que tais graças sejam dadas facilmente. Antes que o Senhor as conceda uma vez, passa-se por muitas provações. E a alma não fica pensando se irá recebê-las de novo, mas sim em como retribuir as já recebidas.

17. Por certo, essas graças devem ser grandíssima ajuda para se adquirir virtudes da mais alta perfeição. Mas quem ganhá-las à custa do próprio trabalho merecerá muito mais. Conheço uma pessoa a quem o Senhor tinha feito algumas dessas graças. Na verdade, eram duas pessoas (uma era homem). Estavam tão desejosas de servir a Sua Majestade à própria custa, sem receber esses grandes favores, e tão

ansiosas para padecer, que se queixavam a Nosso Senhor, porque lhes dava tais mercês e, se pudessem, recusariam. Refiro-me aqui às graças que o Senhor dá na contemplação, e não às visões de que falei, pois, enfim, estas trazem grandes benefícios e têm muito valor.

18. A meu ver, esses desejos são sobrenaturais e próprios de almas muito enamoradas que querem mostrar ao Senhor que não o servem em troca de salário. Elas nunca pensam que receberão glória por seus serviços. Não é isso que procuram. Só querem extravasar o seu amor, servindo de mil maneiras. Se pudessem, inventariam um modo de se consumir nesse amor. E, se fosse preciso aniquilar-se para maior honra de Deus, fariam isso de muito boa vontade. Seja louvado para sempre, amém, ele que revela sua grandeza, rebaixando-se para comunicar-se com tão miseráveis criaturas.

Capítulo 10

Mostra outras graças que Deus faz à alma por caminhos diferentes dos já descritos e o grande benefício que trazem.

1. O senhor recorre a essas aparições para se comunicar com a alma em diferentes circunstâncias: às vezes, para confortá-la em meio a alguma aflição; outras vezes, quando está para vir uma grande provação; e outras, para se presentear com ela e para presenteá-la. Mas não vejo necessidade de entrar em detalhes sobre isso aqui. Minha intenção é mostrar as várias graças que são recebidas nesse caminho, até onde eu as conheço, para que vocês compreendam, irmãs, quais são e que efeitos produzem.

Também vou avisá-las do seguinte: não pensem que qualquer devaneio da imaginação seja uma visão. É preciso que vocês aprendam a reconhecer a visão autêntica e não fiquem alvoroçadas e aflitas sem motivo. O demônio ganha muito e goza muito vendo uma alma angustiada e inquieta. Ele sabe como isso a impede de se dedicar inteiramente a amar e louvar a Deus.

Sua Majestade se comunica ainda por outras maneiras muito mais elevadas e menos perigosas que, segundo creio, o demônio não poderá falsificar. Mas, como são graças muito ocultas, mal podem ser descritas, ao contrário das visões imaginárias que são fáceis de explicar.

2. Estando a alma em oração e muito concentrada, vem-lhe de repente, quando o Senhor quer, um arrebatamento. E Ele lhe revela grandes segredos, como se ela os visse no próprio Deus. Essas, porém, não são visões da sacratíssima humanidade. Embora eu diga que se vê, não se vê nada realmente, porque não é visão imaginária, mas intelectual. Nela se descobre que todas as coisas são vistas em Deus, pois ele as encerra todas em si mesmo. É muito proveitosa. Embora dure um instante, fica vigorosamente gravada e causa grandíssimo assombro. Vê-se claramente a maldade que é ofender a Deus, porque, estando dentro dele, praticamos grandes pecados. Mesmo tendo ouvido essa advertência muitas vezes, não a entendemos, ou não queremos entendê-la. Acho que não seríamos tão atrevidos se

compreendêssemos isso. Vou fazer uma comparação para explicar melhor.

3. Façamos de conta que Deus é como uma mansão, ou melhor, um palácio muito grande e formoso. Então, se esse palácio é o próprio Deus, pode o pecador sair dele para fazer suas iniquidades? Certamente não. Dentro do palácio, isto é, dentro do próprio Deus, passam-se as abominações, desonestidades e maldades que nós os pecadores fazemos. Oh, coisa temível, digna de muita reflexão e bastante proveitosa para nós que sabemos tão pouco e não entendemos essas verdades! Não seria possível ser mais atrevido e insensato! Reconheçamos, irmãs, a grande misericórdia de Deus que não nos aniquila imediatamente, apesar do sofrimento que lhe causamos. Demos muitas graças a ele e tenhamos vergonha de nos sentirmos ofendidas pelo que quer que se diga ou faça contra nós. A maior maldade do mundo é que Deus nosso criador sofre tantos insultos de suas criaturas dentro de si mesmo. Enquanto isso, nós nos sentimos ofendidas por qualquer palavrinha dita em nossa ausência e talvez sem má intenção.

4. Oh, miséria humana! Quando, mas quando, filhas, imitaremos em alguma coisa este grande Deus? Oh, e não pensem que fazemos grande coisa ao suportar injúrias! Sujeitemo-nos a tudo de muito boa vontade e amemos a quem nos insulta, pois este grande Senhor não deixou de nos amar, embora o tenhamos ofendido muito. Por isso, ele tem grandíssima razão em querer que nos perdoemos uns aos outros, por mais que tenhamos nos magoado mutuamente. Posso lhes assegurar, filhas, que, embora essa visão passe depressa, é imensa graça de Nosso Senhor. Para melhor aproveitá-la, é bom que nos lembremos dela a toda hora.

5. Também acontece, de repente e de maneira que não se sabe explicar, Deus mostrar em si mesmo uma verdade que parece deixar obscurecidas todas as verdades que há nas criaturas. E muito claramente dá a entender que só ele é a verdade que não pode mentir. Basta isso para se compreender o que Davi tinha em mente quando disse num salmo que todo homem é mentiroso¹⁸. Sem essa graça, jamais poderíamos interpretar assim tais palavras, por

¹⁸ Salmo 115, 2.

mais que as ouvíssemos. Ele é a verdade que não pode faltar. Pilatos quis saber algo que estava muito além do seu entendimento quando, na paixão de Nosso Senhor, perguntou-lhe o que é a verdade ¹⁹. Como sabemos pouco desta suprema Verdade!

6. Gostaria de continuar a explicação, mas são coisas que não podem ser ditas. Tiremos daqui, irmãs, a seguinte lição: para nos configurarmos ao nosso Deus e Esposo, busquemos guardar sempre a verdade. Não se trata apenas de não mentir, pois, nesse particular, glória a Deus, vejo que vocês já têm grande zelo em nossos mosteiros. Mas cuidemos também de andar em verdade diante de Deus e das pessoas, de todas as formas possíveis. Em especial, não querendo parecer melhores do que realmente somos; reconhecendo em nossas obras o que é graça de Deus e o que é mérito nosso; procurando a verdade no fundo de cada coisa; e dando pouco valor a este mundo que é todo mentira e falsidade e, como tal, não é duradouro.

¹⁹ João 18, 38.

7. Certa vez, eu estava meditando sobre a razão por que Nosso Senhor prezava tanto a virtude da humildade. E logo me veio à mente, sem pensar, de súbito, esta ideia: é porque Deus é a suma Verdade, e humildade é andar na verdade. É grande verdade o fato de que não temos nada de bom em nós mesmos. Somos apenas miséria e nada mais. Quem não entende isso, anda na mentira. Quem mais entende, mais agrada à suma Verdade, porque anda com ela. Que Deus nos conceda, irmãs, o favor de não perdermos nunca a capacidade de discernir quem somos, amém.

8. Nosso Senhor concede tais graças à alma que está determinada a fazer em tudo a vontade de Deus, como se já fosse verdadeiramente sua esposa. Ele quer lhe mostrar como ela há de cumprir a Sua vontade, além de lhe revelar as Suas grandezas.

Não vejo motivo para tratar aqui de outras graças. Falei dessas duas porque me parecem muito proveitosas. Vocês não precisam temer que sejam engano. Apenas louvem ao Senhor que as dá. A meu ver, nem o demônio, nem mesmo a própria imaginação têm muito espaço

aqui. Por isso, a alma sente grande contentamento.

Capítulo 11

Trata dos desejos que Deus dá à alma de gozá-lo, tão grandes e impetuosos, que a põem em risco de vida. E do proveito que essa graça do Senhor traz.

1. Todos esses favores que o Esposo tem feito à alma terão bastado para que essa pombinha ou borboletinha esteja satisfeita (não pensem que me esqueci dela) e tome assento onde há de morrer? Certamente não. Ao contrário, está muito pior. Apesar de recebê-las há muitos anos, geme continuamente e anda chorosa, porque cada nova graça aviva a sua dor. É que, conhecendo cada vez mais as grandezas de Deus, aumenta o desejo de gozá-lo. Ao mesmo tempo, porém, ela vai se conscientizando de como ainda está longe dele. E o seu amor cresce à medida que descobre mais e mais o quanto este grande Deus e Senhor merece ser amado.

Ao longo dos anos, esse desejo só fez crescer pouco a pouco, até fazê-la sofrer muito, como direi a seguir. Disse *anos* porque foi assim que se passou com a pessoa da qual tenho falado

aqui, embora eu saiba que não há limites para Deus, já que num instante ele pode elevar a alma ao máximo grau de oração. Sua Majestade tem poder para fazer tudo o que quiser e deseja fazer muito por nós.

2. Acredito que aquelas ânsias, lágrimas, suspiros e grandes ímpetos de que lhes falei são movidos por uma forte comoção nascida do nosso amor. Mas mesmo que tudo isso seja muito doloroso, podemos suportar, porque parece suave como um fogo que vai se apagando em comparação a este transe que vou descrever agora: depois de se abraçar muitas vezes nesses grandes ímpetos, de repente, a alma sente-se tocada por um pensamento ligeiro ou por ouvir dizer que a morte tarda, e vem-lhe, não se sabe de onde nem porque, um golpe, como se fosse atingida por uma seta de fogo. Não estou afirmando que seja realmente uma seta, mas, seja lá o que for, seguramente tem origem sobrenatural. Também não é golpe, embora use essa palavra, mas fere agudamente. A meu ver, não atinge o lugar onde se costumam sentir as dores, e sim o mais profundo e íntimo da alma.

Por onde passa, esse raio fulmina instantaneamente tudo o que encontra deste barro da nossa natureza. E, enquanto dura esse transe, é impossível pensar em Nosso Senhor, pois, num instante, as faculdades da alma ficam incapacitadas para tudo, menos para o que há de agravar essa dor.

3. Não queria que isso parecesse exagero, pois, na verdade, vejo que fico aquém. Não se pode dizer mais. É um arrebatamento dos sentidos e das faculdades da alma para tudo o que ajuda a piorar as aflições nascidas do seu amor. Pois o intelecto está muito vivo para entender com quanta razão a alma se angustia sentindo-se ausente de Deus.

Sua Majestade a socorre nesse momento com viva notícia de si. Mas, em vez de tranquilizá-la, isso aumenta a sua aflição, a tal ponto que ela começa a dar grandes gritos. Apesar de estar habituada a padecer dores intensas, não se contém, porque, como disse, essa dor não se faz sentir no corpo, e sim no mais íntimo da alma.

Depois disso, ficou claro para essa pessoa que os sofrimentos experimentados no

purgatório são dessa mesma natureza. Assim ela descobriu que a alma é muito mais sensível à dor que o corpo. E que o fato de o espírito não ter corpo não o poupa de sofrer muito mais do que a gente que vive neste mundo.

4. Vi uma pessoa nesse transe e realmente pensei que ela fosse morrer. Não é coisa agradável de se ver, pois, na verdade, corre-se grande risco de vida. Ainda que dure pouco, deixa o corpo muito desconjuntado. Os pulsos ficam abertos como se a alma já quisesse se entregar a Deus. E não é para menos, porque lhe falta o calor do corpo, de modo que, com mais um pouco, Deus cumpriria os seus desejos.

Entretanto o corpo não dói, embora se desconjunte de tal maneira que depois fica dois ou três dias sem forças até para escrever e, aí sim, com grandes dores. Acredito que o corpo nunca mais recupera completamente as forças.

Creio que não se sente dor física durante esse transe porque a alma, estando muito sensível, não dá atenção às dores do corpo. É como sentir uma dor muito aguda num lugar e outras leves noutras partes que quase não são percebidas. Estou convencida de que, durante

essa aflição, o corpo não sentiria dor alguma, mesmo se o fizessem em pedaços.

5. Vocês dirão que é imperfeição. Por que ela não se curva à vontade de Deus se está tão entregue a ele? É que, até aqui, podia fazer isso e assim suportava a vida. Agora não mais. Sua razão está tão perturbada que não consegue governá-la nem pensar. Só sabe penar. Se o seu Bem está ausente, para que viver? Sente uma solidão estranha, pois nenhuma criatura no mundo inteiro lhe faz companhia. Nem creio que as do céu fariam, a não ser Aquele a quem ama. Tudo a atormenta. Sente-se como quem está pendurado numa forca, sem poder firmar os pés no chão nem subir ao céu. Consumida pela sede, não pode alcançar a água. E não é sede que se possa suportar, mas tão extrema que nem toda a água do mundo a mataria. Também não queria saciar essa sede, senão com aquela água da qual Nosso Senhor falou à samaritana. Mas essa não lhe dão.

6. Oh, valha-me Deus, como afligis aos que vos amam, Senhor! Porém tudo isso é pouco comparado ao que lhes reservais. O que vale muito custa muito. Ainda mais se é para

purificar a alma a fim de que ela alcance as sétimas moradas, tal como se limpam no purgatório aqueles que vão entrar no céu. À vista desse prêmio, qualquer sofrimento parece tão insignificante como a perda de uma gota d'água do mar. E vejam que a pessoa de quem lhes falo tinha suportado muitas dores, tanto corporais como espirituais, mas tudo era nada em comparação a essa.

Em vista da recompensa que espera receber, a alma vê claramente como essa dor é preciosa e imerecida. Por isso, sofre de muito boa vontade, mesmo sem receber nenhum alívio. E sofreria por toda a sua vida, se Deus quisesse, ainda que não morresse de uma vez, mas continuasse morrendo eternamente. De fato, o que se sente não é menos do que isso.

7. Avaliem então, irmãs, o que será a agonia daqueles que, lançados no inferno, não se encontram assim tão submissos ao Senhor, não gozam esse contentamento e gosto que Deus põe na alma nem veem proveito no próprio padecer. Apenas sofrem sempre mais e mais. Como os tormentos da alma são muito mais intensos que os do corpo, os do inferno são por certo

imensamente maiores que todos esses que venho relatando aqui. E pensar que serão para sempre, sem fim. Qual não há de ser a dor dessas almas desventuradas? Que aflições e padecimentos nesta vida tão curta se comparam aos terríveis e eternos sofrimentos do inferno? São todos menos que nada. Eu lhes garanto que é impossível fazer ideia de como é intensa a agonia da alma ali e como difere da do corpo. Quer o Senhor que nos esforcemos para entender isso e reconhecer o quanto lhe devemos por nos trazer a um estado em que, por sua misericórdia, temos esperança de que perdoe nossos pecados e nos livre do inferno.

8. Voltando ao que dizia (que deixamos essa alma em grande sofrimento), esse transe dura pouco. A meu ver, será de três a quatro horas, quando muito, porque, se durasse mais, a não ser por milagre, seria impossível que a nossa fraca constituição pudesse suportar.

Mas já aconteceu de não durar mais de um quarto de hora, e essa pessoa de quem lhes falo ficar em pedaços. Foi na Páscoa da Ressurreição. Ela sentia tanta secura que quase não se dava conta de que era Páscoa. No último dia, durante

uma conversa, bastou ouvir uma palavra que lhe tocou especialmente o coração para sentir que sua vida quase chegava ao fim. E perdeu completamente os sentidos, tal foi a força do transe.

E pensar que se possa resistir! Não mais do que alguém, cercado pelo fogo, é capaz de controlar o calor das chamas para não se queimar. Não é sentimento que se possa ocultar. Todos notam que essa alma corre grande perigo, embora não saibam o que vai no seu íntimo. É verdade que lhe fazem companhia, mas como se fossem sombras apenas, pois é isso o que lhe parecem ser todas as coisas do mundo.

9. Se algum dia vocês se virem nessa situação, estejam avisadas para não cederem à fraqueza da nossa natureza humana. Nesse estado, a alma sente-se como se estivesse à beira da morte e é invadida por tamanha opressão que realmente parece faltar muito pouco para sair do corpo. Com medo da morte, chega a desejar que essa aflição se abrande. Mas certamente esse temor é fraqueza da nossa natureza, já que, por outra parte, a alma não deixa de querer padecer, mesmo porque nada pode aliviar esse

sofrimento até que o próprio Senhor o remova. Ele o faz, quase sempre, com um grande arrebatamento ou alguma visão por meio da qual o verdadeiro Consolador a consola e a fortalece para que queira viver enquanto for sua divina vontade.

10. É experiência penosa. Mas a alma recebe grandíssimos benefícios e perde o medo de quaisquer tribulações que venham depois, porque, comparadas àquelas que experimentou, parece-lhe que não são nada. De tal maneira é favorecida, que gostaria de padecê-las muitas vezes. Mas não pode fazer isso por conta própria, de maneira nenhuma, pois depende da vontade do Senhor. Também não há meio de evitá-las nem resistir quando vêm.

Mais do que nunca, sente desprezo pelo mundo ao constatar que nada a socorreu naquele tormento. Fica muito mais desapegada das criaturas ao ver que só o Criador pode consolá-la e fartar a sua alma. Sente maior temor de ofendê-lo e procura ser ainda mais cuidadosa, pois descobre que, assim como pode consolar, ele também pode atormentar.

11. Há duas coisas neste caminho espiritual que, segundo creio, trazem risco de vida: uma é essa que acabo de dizer e que realmente traz perigo de morte, e não é pequeno; outra é a grande alegria e deleite que a alma goza em seguida, tão extremos que ela parece desfalecer, como se não lhe faltasse mais nada para acabar de sair do corpo. Na verdade, seria muita sorte.

Aqui vocês entenderão, irmãs, que tive razão quando disse que é preciso ter coragem para desposar este divino Noivo²⁰. E se vocês pedirem essas graças ao Senhor, verão que ele também terá razão para lhes responder como o fez aos filhos de Zebedeu²¹, perguntando se podiam beber desse cálice.

12. Creio, irmãs, que todas responderemos que sim, e faremos muito bem. Sua Majestade dá força a quem necessita. Em tudo defende essas almas e responde por elas nas perseguições e murmurações, como fazia por Santa Madalena. Ainda que não seja com palavras, será por obras.

²⁰ Em *6^{as} Moradas*, cap. 4, §§ 1-2, e cap. 6, §§ 1, 5, 6 e 12.

²¹ Refere-se a São Tiago e São João, conforme Marcos 10, 35-38.

Enfim, antes que morram, paga-lhes tudo de uma vez, como vocês verão agora. Seja para sempre bendito e louvem-no todas as criaturas, amém.

Sétimas Moradas

Capítulo 1

Mostra as imensas graças que Deus faz às almas que entram nas sétimas moradas. Trata da diferença entre alma e espírito, embora ambos sejam uma só coisa. Há verdades dignas de se ter em conta.

1. Pode parecer, irmãs, que, como falei tanto deste caminho espiritual, não haja mais nada a dizer. Seria muito desatino pensar isso, pois, se a glória de Deus não tem limite, tampouco as suas obras. Quem pode contar suas misericórdias e grandezas? É impossível. Portanto não se admirem do que disse e ainda vou dizer, pois é tudo uma pequena parte daquilo que há para contar de Deus. Ele nos fez imensa misericórdia, revelando tais coisas à pessoa de quem tenho lhes falado, pois, quanto mais soubermos acerca de como se comunica às criaturas, mais louvaremos sua grandeza e mais

nos esforçaremos para não ter em pouca conta as almas com as quais o Senhor tanto se deleita.

Cada uma de nós tem alma, mas como não sabemos apreciar devidamente a sua dignidade de criatura feita à imagem de Deus, não compreendemos os imensos segredos que ela encerra. Rogo a Sua Majestade que mova a minha pena, se for sua vontade, e me inspire a dizer-lhes algo do muito que há para contar das coisas que Deus mostra àqueles que introduz nesta morada. Tenho suplicado muito a Sua Majestade. Ele sabe que meu desejo é revelar as suas misericórdias e que o seu nome seja mais louvado e glorificado.

2. Espero, não por mim, mas por vocês, irmãs, que ele me conceda essa graça e que vocês entendam o quanto importa que este Esposo não deixe de celebrar o matrimônio espiritual com suas almas por culpa de vocês, pois essa graça traz grandes benefícios, como verão.

Oh, grande Deus, uma criatura tão miserável como eu treme ao ocupar-se de coisa que não lhe pertence e não merece entender! Estou em grande embaraço, pensando se não seria melhor acabar em poucas palavras esta

morada, porque vocês poderão supor que eu a conheço por experiência própria. Sabendo quem sou, isso seria terrível e grandíssima vergonha para mim. Por outro lado, sinto que deixar de mostrá-la seria ceder à tentação e à fraqueza, embora vocês possam realmente fazer maus juízos como esse.

Que Deus seja louvado e conhecido um pouquinho mais. E grite contra mim o mundo inteiro. Tanto mais que talvez eu já esteja morta quando vocês lerem isto. Seja bendito Aquele que vive e viverá para sempre, amém.

3. Quando Nosso Senhor quer mostrar a compaixão que sente por essa alma que tem padecido tanto por desejá-lo (a quem espiritualmente já considera como sua esposa, antes mesmo de se consumar o matrimônio espiritual), ele a introduz em sua morada que é esta sétima. Acredito que, assim como há no céu, na alma também deve haver uma mansão, ou, digamos, outro céu, onde habita apenas Sua Majestade.

É muito importante, irmãs, entendermos que a alma não é uma coisa escura. Já que não podemos vê-la, frequentemente parecerá que

dentro dela há alguma escuridão, como se não houvesse ali uma luz tão brilhante como o Sol que temos neste mundo. Confesso que a alma que perdeu o estado de graça é assim mesmo. Não por falta do Sol de Justiça que continua no seu interior dando-lhe o ser, mas sim porque ela não se encontra em condição de receber a sua luz, como creio ter dito nas primeiras moradas. Certa pessoa tinha compreendido que essas almas desventuradas estão como que num cárcere escuro, de pés e mãos atados, cegas e mudas, impossibilitadas de fazer nenhum bem que lhes permita merecer a graça. Devemos nos compadecer delas e lembrar que, há algum tempo, nós mesmas estávamos assim e que o Senhor também pode ter misericórdia delas.

4. Tenhamos, irmãs, particular zelo de Lhe suplicar pelos que estão em pecado mortal e não nos descuidemos disso, pois é grandíssima caridade. Muito maior do que se socorrêssemos um cristão preso a um poste, de mãos atadas por uma grossa corrente e morrendo de fome, não por lhe faltar comida, pois tem diante de si finos manjares, mas por não poder alcançá-los e levá-los à boca. Sente imensa amargura e vê que vai

expirar, não para a morte que conhecemos aqui, e sim para a morte eterna. Não seria muita crueldade de nossa parte não levar à sua boca qualquer coisa de comer? E se, atendendo nossas orações, lhe tirassem as correntes? Vocês já podem ver quanto bem podemos fazer assim. Pelo amor de Deus, lembrem-se sempre dessas almas em suas orações.

5. Mas não é delas que eu quero falar agora. Tratem das almas que, por misericórdia de Deus, já fizeram penitência de seus pecados, estão em estado de graça e, portanto, já não se encontram sitiadas e limitadas como aquelas outras. A alma é um vasto mundo interior onde cabem tantas e tão lindas moradas como as que vocês viram. Isso porque dentro dela há uma morada para o próprio Deus. Quando Sua Majestade quer lhe conceder a graça desse divino matrimônio, faz primeiro que ela entre nesta Sua morada.

Desta vez, porém, Sua Majestade não quer que seja como antes, quando a introduziu aqui (por meio daqueles arrebatamentos que já descrevi) para uni-la consigo, segundo creio. É o que ocorre na oração de união que mencionei,

ainda que aí a alma não perceba, tanto como aqui nesta morada, que foi chamada para entrar em seu centro, mas supõe que entrou apenas na parte superior de si mesma. Enfim, isso pouco importa. De todo modo, na oração de união, o Senhor a une consigo, mas a fazendo cega e muda, como São Paulo em sua conversão, e a impedindo de sentir a graça que goza. O grande deleite que a alma sente naquele arrebatamento é ver-se junto de Deus. Mas logo ela perde os sentidos e não vê mais nada.

6. Aqui, porém, é diferente. O nosso bom Deus quer tirar-lhe as escamas dos olhos para que ela veja e entenda algo da graça que lhe faz, embora seja de uma maneira extraordinária.

Introduzida nesta morada por visão intelectual, a Santíssima Trindade se mostra (as três Pessoas), mediante certa representação da verdade, provocando uma grande comoção do espírito, como se ele fosse tocado por uma nuvem de fortíssima claridade. Por meio de uma revelação admirável, a alma entende com grandíssimo acerto que essas três Pessoas distintas são uma só substância, um só poder, um só saber e um só Deus. Desse modo, aquilo

que sabemos pela fé, ali a alma compreende, podemos dizer, por meio dessa visão, ainda que seja diferente da visão dos olhos do corpo, porque não é visão imaginária. As três Pessoas se comunicam com ela e a fazem entender aquelas palavras do Senhor no Evangelho segundo as quais Ele, e o Pai, e o Espírito Santo viriam morar com a alma que o ama e guarda os seus mandamentos.

7. Oh, valha-me Deus! Quanta diferença entre ouvir essas palavras e acreditar nelas, por um lado, e, por outro lado, compreender, por revelação divina, como são verdadeiras!

A cada dia, essa alma se surpreende mais, sentindo que essas visões nunca se afastam dela. Vê claramente que estão no interior da sua alma. No mais interior, num lugar muito profundo que não sabe descrever porque não tem estudo. Apenas sente em si essa divina presença.

8. Tudo isso pode dar a impressão de que a alma está fora de si e, de tão embevecida, não se ocupa de mais nada. Mas não é assim, pois ela serve a Deus muito mais do que antes. E só desfruta daquela agradável companhia nos momentos de descanso.

A meu ver, se a alma não falta a Deus, ele jamais deixará de fazê-la sentir vivamente a sua presença. E ela tem grande esperança de que não será abandonada por Deus, pois, se lhe deu essa graça, não é para que a perca. Embora pense assim, ela é mais cuidadosa do que nunca para não o desagradar em nada.

9. Mas fiquem sabendo que trazer em si essa presença não é agora tão claro, ou melhor, tão evidente como foi nas primeiras vezes em que Deus lhe fez essa graça. Se fosse assim, seria impossível ocupar-se de qualquer outra coisa e até mesmo viver em sociedade. Mas, ainda que não seja com aquela nitidez inicial, a alma sempre percebe a sua presença. É como se uma pessoa estivesse cercada de gente num aposento muito iluminado, e fechassem de repente as janelas, pondo o lugar às escuras. Não é porque lhe tiraram a luz e não vê nada que vai duvidar de que todos continuam ali. É caso para perguntar se, quando reabrirem as janelas do intelecto, ela poderá recuperar a visão. Isso não está em suas mãos. Só voltará a ver quando Nosso Senhor quiser que se abra essa janela. Já

lhe faz imensa misericórdia por nunca se apartar dela e querer que saiba disso tão claramente.

10. Parece que a Divina Majestade quer preparar a alma para progredir mais, com o auxílio da sua admirável companhia. Certamente ela receberá toda ajuda necessária para avançar no caminho da perfeição e perder o temor que às vezes sentia das outras graças que recebeu. Foi assim que se passou com essa pessoa de quem tenho lhes falado, que em tudo andava melhor.

Por mais que tivesse provações e ocupações, parecia-lhe que o essencial de sua alma jamais se movia desse aposento. Era como se, de certo modo, sua alma estivesse dividida. Logo depois que Deus lhe fez essa graça, ela se viu às voltas com grandes responsabilidades e se queixava da própria alma, tal como Marta se queixou de Maria ¹. Às vezes repreendia a sua alma, acusando-a de estar sempre gozando daquela quietude a seu bel-prazer e a sobrecarregando com tantos trabalhos e ocupações que não lhe

¹ Lucas 10, 38-42.

sobrava tempo para usufruir a companhia do Senhor.

11. Sei que parece desatino, filhas, mas isso realmente acontece. Mesmo sabendo que a alma é indivisível, posso lhes garantir que esse tipo de desentendimento interno é muito comum. Não estou devaneando. A visão das realidades interiores de que falei² faz-nos compreender que de fato há certa distinção, e bem conhecida, entre a alma e o espírito, embora ambos sejam uma só coisa. Sabe-se que existe uma divisão muito sutil entre eles, que lhes permite às vezes operar de maneira independente entre si, conforme apraz ao Senhor. Também me parece que a alma não se confunde com as faculdades e que um e outro não são, portanto, a mesma coisa. Há em nós tantas e tão refinadas faculdades que seria muita pretensão querer enumerar todas. Lá entenderemos esses segredos, se o Senhor fizer a graça de nos levar, por sua misericórdia.

² Em *6^{as} Moradas*, cap. 5 e 9.

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. Trata da diferença entre noivado espiritual e matrimônio espiritual. Explica-a com refinadas comparações.

1. Tratemos agora do divino matrimônio espiritual. É verdade que não vai se realizar plenamente neste mundo, pois, enquanto vivemos, sempre há o perigo de perdermos esse enorme bem, afastando-nos de Deus.

Na primeira vez que Deus faz essa graça, Sua Majestade mostra sua sacratíssima humanidade à alma por meio de uma visão imaginária para que ela entenda bem que recebe esse dom supremo e não o ignore. Outras pessoas poderão recebê-lo de forma diferente.

A pessoa de quem falamos tinha acabado de comungar quando o Senhor se apresentou com grande resplendor, formosura e majestade, tal como se mostrou depois de ressuscitado. E lhe disse que já era tempo de ela tomar as coisas dele por suas e que ele cuidaria das coisas dela, além de outras palavras que são mais para sentir do que para dizer.

2. Pode parecer que não seja nenhuma novidade, pois, antes disso, o Senhor já tinha se

mostrado assim a essa alma. Mas desta vez foi tão diferente que ela ficou muito desatinada e cheia de espanto. Primeiro, porque essa visão foi muito forte; segundo, pelas palavras que lhe disse e também porque nunca tinha experimentado outra visão no mesmo lugar do interior da sua alma onde essa se apresentou, a não ser a visão passada. Depois disso, ela entendeu que há grandíssima diferença entre todas as visões anteriores e as desta morada. Tão grande como há entre o noivado espiritual e o matrimônio espiritual, isto é, como há entre dois noivos que ainda podem se separar e dois casados que não podem mais.

3. Já expliquei que faço essas comparações porque não conheço outra melhor. Mas entendam que aqui não há sensações físicas. É como se a alma já não estivesse no corpo, mas só em espírito. Tampouco há sensações físicas no matrimônio espiritual, porque essa união secreta passa-se no lugar mais interior da alma que deve ser onde Deus está, e, a meu ver, não é preciso porta para entrar.

Disse que *não é preciso porta* porque me parece que tudo o que falei até aqui se dá por

meio dos sentidos e faculdades da alma que são as portas que Deus atravessa para chegar a ela. A revelação da humanidade do Senhor também deve ser assim, já que é visão imaginária.

Mas o matrimônio espiritual é muito diferente, porque o Senhor aparece no centro da alma, não em visão imaginária, e sim em visão intelectual (ainda que mais refinada que as já descritas), como apareceu aos apóstolos, sem atravessar porta nenhuma, dizendo *Pax vobis* (“A paz esteja convosco”)³. É grande segredo e graça muito elevada o que Deus ali comunica à alma num instante. Ela sente grandíssimo deleite que eu não sei a que comparar. O Senhor quer lhe mostrar naquele momento a glória que há no céu, de uma maneira mais sublime que qualquer outra visão ou gosto espiritual. Não se pode dizer mais nada, senão que, tanto quanto se consegue entender, a alma ou, melhor dizendo, o espírito dessa alma torna-se uma só coisa com Deus. Posto que Ele também é espírito, Sua Majestade quer patentear o amor que tem por nós, mostrando a algumas pessoas até onde chega para que louvemos sua grandeza.

³ João 20, 19. Parênteses do tradutor.

Ele se une à criatura de tal maneira que, assim como os casados que já não podem se separar, não quer apartar-se dela nunca mais.

4. Por outro lado, o noivado espiritual é diferente, já que muitas vezes os noivos se separam. Embora seja união de duas pessoas, ainda podem separar-se, voltando cada qual à situação anterior. De fato, vemos ordinariamente que essa graça do Senhor passa depressa. E depois a alma fica sem a sua companhia (falo dessa maneira para que me entendam).

O matrimônio espiritual não é assim, pois a alma permanece sempre unida ao seu Deus naquele centro.

Digamos que o noivado é como duas velas que grudam uma na outra de tal modo que a cera, o pavio e a luz se tornam uma só coisa. Mas depois sempre é possível separá-las para que voltem a ser duas velas, cada qual com seu pavio e sua cera.

O matrimônio espiritual, porém, é como a chuva que cai sobre um rio, mistura-se com ele e já não se sabe o que é chuva e o que é rio. Ou como um pequeno arroio que se lança no mar e

depois não consegue mais se separar dele. Ou como um aposento com duas janelas por onde penetra muita luz, e, ainda que dividida ao entrar, lá dentro se faz uma só.

5. Talvez seja isso que São Paulo quis dizer quando escreveu que “quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito”⁴, referindo-se a esse soberano matrimônio espiritual que pressupõe a união de Sua Majestade à alma. Também disse que *Mihi vivere Christus est, mori lucrum* (“Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro”)⁵. Parece-me que podemos dizer o mesmo da alma, porque aqui a borboletinha de que falamos morre e com grandíssimo gozo, pois a sua vida já é Cristo.

6. Entende-se isso melhor com o passar do tempo, observando-se os efeitos que essa visão produz. Por secretas inspirações, vê-se claramente que é Deus quem dá vida à nossa alma. Muitíssimas vezes essas inspirações são tão vivas que não se pode duvidar, de jeito nenhum, pois a alma as sente com grande força,

⁴ 1 Coríntios 6, 17.

⁵ Filipenses 1, 21. Parênteses do tradutor.

embora não saiba explicar. E a comoção é tamanha que produzem, por vezes, umas palavras deleitosas que não podem ser silenciadas, tais como: “Oh, vida da minha vida e sustento que me sustentas!” E outras desse gênero.

Daqueles peitos divinos, por onde Deus parece estar sempre sustentando a alma, saem uns raios de leite que revigora toda a gente do castelo. É como se o Senhor quisesse que, de algum modo, todos usufruíssem de tudo o que a alma goza e que do rio caudaloso, onde desaguou essa fonte pequenina, saia algumas vezes um jato daquela água para sustentar as faculdades da alma⁶ que haverão de servir a estes dois esposos no corpo.

Assim como uma pessoa distraída sente o impacto da água fria que a atinge de surpresa, assim também, e ainda mais intensamente, são percebidas essas operações. Pois, da mesma forma como sabemos que um grande jato d’água não pode nos alcançar se não houver quem o lance, também concluímos seguramente que há no interior da alma Quem dispare essas setas

⁶ Memória, intelecto e vontade.

para dar vida a nossa vida e que há Sol no lugar de onde procede aquela grande luz que ilumina as faculdades. A alma não abandona o seu centro nem perde a paz, como já disse. O mesmo Senhor que deu a paz aos apóstolos, enquanto caminhava com eles, pode dar a ela.

7. Creio que a saudação do Senhor aos apóstolos deve ter produzido um efeito muito maior do que parece à primeira vista. Assim como quando disse à gloriosa Madalena que fosse em paz, as palavras do Senhor são em nós como obras já feitas. Deviam operar de tal modo naquelas almas predispostas que afastava delas tudo o que tinham de corporal para deixá-las como puro espírito, a fim de que pudessem se unir ao Espírito incriado. Decerto, quem se esvaziar e se desapegar de todas as criaturas por amor de Deus será totalmente preenchido por ele. Por isso, Nosso Senhor Jesus Cristo orou por seus apóstolos (não sei onde) e pediu que fossem um só com o Pai e com ele, como Jesus Cristo está no Pai e o Pai está nele. Não sei se há amor maior do que esse. Aqui podemos todos entrar, pois Sua Majestade disse: Não rogo só por eles,

mas por todos aqueles que também haverão de crer em mim. E acrescentou: Eu estou neles⁷.

8. Oh, valha-me Deus, que palavras verdadeiras! Como as compreende a alma que as vê realizadas em si mesma nessa oração. E como as entenderíamos todas, se não fosse por nossa culpa, pois as palavras de Jesus Cristo, nosso Rei e Senhor, não podem falhar. Mas, porque nós falhamos em nos fortalecer na fé e nos desviar de tudo o que pode embaçar essa luz, não nos reconhecemos nesse espelho que contemplamos e reflete a nossa imagem.

9. Voltando ao assunto, assim como, segundo dizem, o céu empíreo onde está Nosso Senhor não se move como os demais, assim também é aqui, quando o Senhor introduz a alma nesta sua morada, isto é, no centro dela mesma. Parece que já não há aquela agitação das faculdades e da imaginação que a perturbavam e lhe tiravam a paz. Mas isso não significa que, tendo chegado ao ponto onde Deus lhe faz essa graça, a alma esteja segura de sua salvação e de não voltar a cair. Não é isso.

⁷ João 17, 20-23.

Toda vez que eu disser que parece que a alma está em segurança, entenda-se que é enquanto a Divina Majestade a conservar em sua mão e ela não o ofender. Mesmo depois de permanecer muitos anos nesse estado, certamente ela não se sente segura. Anda com muito mais temor do que nunca, guarda-se de qualquer pequena ofensa a Deus e sente imenso desejo de servi-lo, como direi adiante. Frequentemente sente remorso e embaraço, vendo como é pouco tudo o que pode fazer diante do muito a que está obrigada. E não é pequena cruz, senão grande penitência.

No que se refere a fazer penitência, quanto maior, mais lhe dá prazer. A verdadeira penitência para ela é quando Deus lhe tira a saúde e as forças. Ainda que noutra parte eu já tenha falado da grande aflição que isso lhe traz, aqui é muito maior, pois tudo deve lhe vir de onde está plantada a raiz. A árvore que está junto da corrente d'água tem mais frescor e dá mais fruto. Então, por que haveríamos de nos maravilhar dos desejos dessa alma? Seu verdadeiro espírito, o centro de si mesma, está

em perfeita união com a água celestial de que falamos.

10. De volta ao assunto, não pensem que as faculdades, sentidos e paixões estejam sempre nessa paz; a alma sim. Nesta morada não deixa de haver tempos de guerra, de sofrimentos e fadigas. Mas geralmente não podem lhe tirar a paz nem a afastar do seu centro.

O centro da nossa alma (ou o espírito) é uma coisa muito difícil de descrever e até mesmo de crer. Temo que vocês, irmãs, possam ser tentadas a não acreditar em mim devido à minha inabilidade com as palavras. Não é fácil aceitar que a alma possa estar em paz enquanto suporta tribulações e sofrimentos. Vou tentar explicar com uma ou duas comparações. Queira Deus que eu consiga. Mas, se não, sei que digo a verdade.

11. Imaginem um rei em seu palácio e que haja muitas guerras e sofrimento em seu reino. Nem por isso ele abandona o seu posto. Aqui também é assim. Mesmo que as outras moradas sejam invadidas por feras venenosas em meio a grande confusão, e se ouça o estardalhaço que elas fazem, nenhuma se atreve a entrar nestas

sétimas moradas nem consegue fazer a alma sair daqui. O tumulto da luta travada nos outros aposentos do castelo a aflige um pouco, mas não a alvoroça nem lhe tira a paz, porque as suas paixões já foram dominadas. Dessa forma, as feras têm medo de entrar aqui, prevendo que sairiam ainda mais subjugadas. Se nos dói o corpo inteiro, mas a cabeça está sã, não há razão para ela doer também.

Estou rindo dessas comparações que não me agradam, mas não sei de nenhuma outra. Pensem o que quiserem; o que disse é verdade.

Capítulo 3

Descreve os grandes efeitos que essa oração produz. É preciso examiná-los com atenção e cautela, pois são muito diferentes dos que acompanham as graças anteriores.

1. Vamos falar agora dessa borboletinha que já morreu, imensamente alegre por ter encontrado repouso e porque Cristo vive nela. Vejamos que vida leva e como é diferente da vida que tinha. Os efeitos nos mostrarão se é verdade o que disse. Até onde sei, os efeitos são estes:

2. Primeiro, um esquecimento de si mesma, como se de fato já não existisse. Todo o seu ser está de tal maneira transformado que não se reconhece mais. Não se lembra de que haverá céu para ela, nem vida, nem honra, porque está toda empenhada em procurar a Deus. Parece que as palavras de Sua Majestade produziram um efeito transformador. Realmente ele lhe pediu que cuidasse das coisas dele e disse que ele cuidaria das dela. Depois disso, ela já não teme nada que possa acontecer. Sente um estranho esquecimento de si, como se ela não fosse verdadeiramente nada de nada. Nem queria ser, a menos que pudesse de algum modo acrescentar algo, por mínimo que fosse, à glória e honra de Deus. E daria a vida por isso de muito boa vontade.

3. Não pensem, filhas, que essa alma negligencie suas necessidades, como dormir e comer, o que seria grande tormento. Ela não deixa de fazer tudo a que está obrigada em seu estado. Tratamos aqui de coisas interiores. Das exteriores, há pouco a dizer. Na verdade, esta é a sua pena: ver que suas forças nada podem. Mas tudo o que consegue realizar a serviço de Nosso

Senhor não deixa de fazer por nada deste mundo.

4. O segundo efeito é uma imensa vontade de padecer. Mas essas almas não chegam a inquietar-se por isso como antes. Sentem um desejo tão extremo de que se faça nelas a vontade de Deus, que tudo o que Sua Majestade faz consideram bom. Se quiser que padeçam, que assim seja; se não, não se matam por isso, como em outros tempos.

5. Também sentem um grande gozo interior quando são perseguidas, com muito mais paz do que tinham anteriormente nessa situação. E sem nenhuma inimizade para com os que lhes fazem ou desejam mal. Ao contrário, sentem por eles especial amor, de maneira que, se os veem sofrendo alguma tribulação, sentem-no ternamente e tomariam sobre si qualquer sofrimento para livrá-los. Encomendam-nos a Deus de muito boa vontade e gostariam de perder as graças que Sua Majestade lhes dá para que eles as recebessem e não voltassem a ofender a Nosso Senhor.

6. O que mais me espanta em tudo isso é que, como vocês viram, essas almas já passaram por

muitas tribulações e aflições, desejando morrer para regozijar-se com Nosso Senhor. Mas agora é tão grande a vontade de servi-lo, de que ele seja louvado por meio delas e de ajudar alguma alma, se puderem, que não só não desejam morrer, mas até querem viver muitos anos, padecendo grandíssimas provações para que o Senhor seja louvado, ainda que só um pouquinho. Mesmo se tivessem certeza de que haviam de gozar a visão de Deus quando sua alma saísse do corpo, não fariam questão de sair já. Não pensam na glória dos santos nem desejam ver-se igualmente glorificadas. A sua glória está em poder ajudar de algum modo ao Crucificado, em especial quando veem que é tão ofendido e como são poucos os que realmente zelam por Sua honra, desapegados de tudo mais.

7. É verdade que às vezes se esquecem disso e sentem um terno desejo de gozar de Deus e sair deste desterro, principalmente ao ver como é pouco tudo o que podem fazer a serviço dele. Mas logo voltam a si, lembrando-se que ele está continuamente junto delas. Com isso se contentam e oferecem a Sua Majestade o querer viver como uma oblação, a mais cara que podem

lhe dar. Não sentem nenhum medo da morte. Não mais do que teriam de um suave arrebatamento. O caso é que Quem lhes dava aqueles desejos com tormento tão excessivo agora lhes dá esses. Seja para sempre bendito e louvado.

8. Enfim essas almas já não desejam nenhum agrado nem gostos espirituais, pois têm consigo o próprio Senhor. Sua Majestade é quem vive nelas agora. Certamente Sua vida foi um contínuo tormento e faz com que a nossa também seja, ao menos quanto aos desejos. No resto, sustenta-nos como fracos que somos e nos dá muito de Sua fortaleza quando vê que necessitamos dela.

Há nessas almas um grande desapego de tudo e um enorme desejo de estar sempre a sós ou ocupadas em ser úteis a alguma alma.

Nem aridez, nem tribulações interiores, mas ternura e lembrança de Nosso Senhor. Não queriam fazer outra coisa senão louvá-lo. Quando se descuidam disso, o próprio Senhor as desperta, como mencionei⁸, de tal modo que se

⁸ Em *6^{as} Moradas*, cap. 2.

vê clarissimamente que aquele impulso (ou não sei que nome dar) procede do interior da alma, como expliquei quando tratei dos ímpetos⁹.

Aqui tudo se passa com grande suavidade. Nada disso tem origem no pensamento, nem na memória, nem em qualquer tipo de habilidade humana. E é tão frequente, repete-se tantas vezes, que pode ser examinado mais de perto.

Assim como o fogo, por maior que seja, não lança a chama para baixo, mas para cima, assim também se entende que esse movimento interior procede do centro da alma e desperta as suas faculdades para louvar ao Senhor.

9. Certamente, se não houvesse outro ganho neste caminho de oração além de se compreender o especial zelo que Deus tem de se comunicar conosco e nos rogar (não me parece ser outra coisa) que nos unamos a ele, creio que seriam bem empregadas todas as tribulações que se passa para gozar desses toques do seu amor, tão suaves e penetrantes.

Isso vocês já devem ter experimentado, irmãs, porque acredito que, quando se chega à

⁹ Em *6^{as} Moradas*, cap. 11, § 2.

oração de união, o Senhor nos faz esse agrado, se não nos descuidamos de cumprir os seus mandamentos. Sempre que isso lhes acontecer, lembrem-se que é desta morada, no lugar interior de nossas almas onde Deus está, que vêm esses toques e louvem-No muito. Por certo, é seu aquele recado escrito num bilhete com tanto amor. Ele só quer que vocês compreendam sua mensagem e o que lhes pede. Não permitam que nada as impeça de responder a Sua Majestade, ainda que estejam ocupadas exteriormente, ou em conversação com outras pessoas. Acontecerá muitas vezes Nosso Senhor querer fazer-lhes em público essa graça secreta. Como a resposta há de ser interior, será muito fácil oferecer-lhe uma pequena demonstração de amor, ou repetir as palavras de São Paulo: “Senhor, que queres que eu faça?”¹⁰. De muitas maneiras ele lhes ensinará como agradá-lo e o momento certo. E nos fará saber que nos ouve, e quase sempre esse toque tão delicado dispõe a alma para corresponder ao seu amor com firme determinação.

¹⁰ Atos 9, 6.

10. O que há diferente nesta morada é o que já disse, ou seja, raramente sente-se aridez ou alvoroço interior, como havia nas outras moradas, de tempos em tempos. Aqui a alma está quase sempre em quietude, porque sabe que essa graça tão elevada não pode ser falsificada pelo demônio. Como já disse, os sentidos e as faculdades da alma não têm nenhuma participação aqui. Por isso, ela está certa de que é graça de Deus. Sua Majestade se revelou à alma e a introduziu consigo onde, a meu ver, o demônio não ousará entrar nem o Senhor o permitirá. Todas as mercês que Deus faz nesta morada não dependem de nenhuma colaboração da alma, a não ser o que ela já fez, entregando-se toda a ele.

11. Tudo o que o Senhor faz e ensina aqui para progresso da alma se passa com tanta quietude que me recorda a construção do templo de Salomão, em que não se ouvia nenhum ruído¹¹. Neste templo de Deus, nesta sua morada, só ele e a alma se gozam em grandíssimo silêncio.

¹¹ 1 Reis 6, 7.

O intelecto não precisa entrar em ação. O Senhor que o criou quer sossegá-lo aqui e só permite que ele veja o que se passa por uma pequena fresta, apenas de tempos em tempos e em pequenos intervalos. Parece-me que as faculdades da alma não estão suspensas aqui, mas também não trabalham, pois estão maravilhadas.

12. Também me maravilha ver que, quando a alma chega a este ponto, cessam todos os arrebatamentos, exceto uma vez ou outra (refiro-me a perder os sentidos). Quase não há aqueles arrebatamentos com voo de espírito. Só acontecem muito raramente e em geral não mais em público, como era comum.

Antes, nas grandes festas religiosas, bastava ver uma imagem devota, ouvir um sermão, ou uma música para ela ser arrebatada. E quase não via nem ouvia mais nada. A pobre borboleta andava tão ansiosa que tudo a espantava e fazia voar. Agora, ou porque encontrou repouso, ou porque a alma tem visto tanta coisa nesta morada, ou ainda porque não sente aquela solidão que costumava sentir, nada a espanta, pois goza desta companhia. Enfim, irmãs, eu não

sei qual é a causa, mas, quando o Senhor começa a mostrar o que há nesta morada e introduz a alma aqui, tira-lhe aquela enorme fraqueza¹² que era causa de tantos constrangimentos em público e da qual ela ainda não se libertara.

Talvez porque agora o Senhor a tenha fortalecido, dilatado e habilitado. Ou talvez porque antes Sua Majestade queria mostrar em público o que faz com essas almas em segredo, por algum motivo que só ele sabe. Seus juízos superam tudo o que podemos imaginar.

13. Esses efeitos – e todos os demais benefícios que mencionei nos graus de oração precedentes – Deus nos dá quando aproxima a alma de si. Creio que ele atende aqui a súplica de sua esposa, dando-lhe o beijo que ela pedia¹³. Aqui são dadas as águas vivas a essa corça ferida¹⁴. Aqui a alma se deleita no tabernáculo de Deus¹⁵. Aqui a pombinha que Noé enviou para ver se acabara a tempestade acha a oliveira, sinal de

¹² Os arrebatamentos com perda dos sentidos.

¹³ Cantares 1, 2.

¹⁴ Salmo 41, 2-3.

¹⁵ Apocalipse 21, 3-4.

terra firme em meio às águas e tempestades deste mundo¹⁶.

Oh, Jesus, quem saberá todas as passagens da Escritura que deve haver para mostrar essa paz da alma! Deus meu que vedes o quanto importa, fazei que os cristãos queiram buscá-la. E, àqueles a quem a tendes dado, não lhes tireis, por vossa misericórdia. Enfim, a alma sempre viverá com esse temor até que lhe deis a verdadeira paz e a leveis aonde essa paz não pode acabar. Disse *a verdadeira paz*, não porque essa não seja, mas porque poderíamos voltar à primeira guerra se nos apartássemos de Deus.

14. E que sentirão essas almas, vendo-se em perigo de perder tão grande mercê? Isso as faz ainda mais cautelosas. E procuram tirar forças de sua fraqueza para não deixarem, por culpa sua, de fazer tudo o que puderem para agradar a Deus. Quanto maior é o favor recebido de Sua Majestade, tanto mais acovardadas e temerosas ficam de si mesmas. Como essas grandezas divinas têm lhes revelado as próprias misérias e

¹⁶ Gênesis 8, 8-9.

como os seus pecados se mostram ainda mais graves, muitas vezes essas almas andam de modo que não ousam sequer levantar os olhos, como o publicano¹⁷. Outras sentem desejos de acabar com a própria vida para se verem logo em segurança. Mas mudam de ideia rapidamente, desejando viver para servi-lo, por conta do amor que lhes têm, como disse. E confiam tudo o que lhes toca à Sua misericórdia, embora, às vezes, fiquem sobressaltadas por receberem tantas graças, temendo que, assim como naufraga um navio com excesso de carga, aconteça-lhes o mesmo.

15. Posso garantir, irmãs, que não lhes falta cruz. Isso, porém, não as inquieta nem lhes tira a paz. Algumas tempestades passam tão depressa como uma onda, e a tranquilidade volta prontamente. A presença do Senhor que trazem consigo faz com que logo esqueçam tudo. Seja ele para sempre bendito e louvado por todas as suas criaturas, amém.

¹⁷ Lucas 18, 13.

Capítulo 4

Finaliza explicando o que lhe parece que pretende Nosso Senhor ao conceder tão grandes graças à alma e como é necessário que Marta e Maria andem juntas. É muito proveitoso.

1. Não pensem, irmãs, que esses efeitos que venho descrevendo estejam sempre presentes nessas almas. Sempre que me lembro, uso a palavra *geralmente* para indicar que não. Às vezes, Nosso Senhor as deixa entregues ao seu estado natural. Então parece que todas as criaturas peçonhentas das vizinhanças e das outras moradas desse castelo reúnem-se para se vingar delas, ressentidas por conta do tempo em que não podiam atacá-las.

2. É verdade que isso não dura muito, um dia ou pouco mais. Nesse imenso alvoroço, que surge geralmente depois de alguma ocasião de pecado, vê-se o quanto a alma ganha na boa companhia do Senhor. Pois ele lhe dá uma notável inteireza para não torcer nada que seja do seu serviço e para pôr em prática suas boas determinações.

Contudo, esses ataques não a abatem. Até parece que a impelem a progredir mais. E, nem

por um instante, ela se desvia de suas boas determinações. Como disse, isso acontece poucas vezes. Nosso Senhor o permite para que ela não se esqueça de sua condição humana falível e conserve a humildade. E também para que compreenda melhor tudo o que lhe deve, reconheça a grandeza da graça que recebe e louve-o.

3. Não pensem que essas almas deixem de cometer muitos erros e até de pecar, mesmo tendo grande desejo e determinação de não praticar nenhuma imperfeição, por nada deste mundo. Se forem cautelosas, não pecarão, pois certamente o Senhor deve lhes dar ajuda muito especial para isso. Refiro-me a pecados veniais, porque dos mortais, até onde podem ver, estão resguardadas, embora não inteiramente livres, pois cometerão alguns sem saber, o que será grande tormento para elas.

Também penam vendo as almas que se perdem. De certo modo, têm grande esperança de não serem dessas, mas, quando se recordam de algumas pessoas mencionadas na Sagrada Escritura, que pareciam ser favorecidas pelo Senhor (como Salomão, que tanto se comunicou

com sua divina Majestade¹⁸), não podem deixar de temer, como já disse. Aquela que se sentir mais segura de si, tema mais, porque “felizes os que temem o Senhor” como diz Davi¹⁹. Que Sua Majestade nos ampare sempre. Suplicar-lhe isso para que não o ofendamos é a maior segurança que podemos ter. Seja para sempre louvado, amém.

4. Será bom explicar-lhes, irmãs, por que razão o Senhor concede tantas graças neste mundo. Examinando os efeitos que elas produzem, vocês já poderão entender, se prestarem atenção. De todo modo, quero voltar a dizer aqui para que ninguém pense que seja só para agradecer a essas almas. Isso seria grande erro. Na verdade, a maior de todas as graças é quando Sua Majestade nos dá uma vida que seja imitação da que viveu o seu Filho tão amado. Estou certa de que o Senhor nos concede essas graças para fortalecer a nossa fraqueza e nos capacitar para imitá-lo no muito padecer.

¹⁸ 1 Reis 11, 1-10 e 2 Reis 23, 13.

¹⁹ Salmo 127, 1.

5. Aqueles que mais de perto acompanhavam a Cristo Nosso Senhor foram sempre os que sofreram as maiores provações. Vejam o que passou sua gloriosa Mãe e os gloriosos apóstolos. Como vocês acham que São Paulo pôde suportar tamanhas tribulações? Por aqui podemos ver que efeitos produzem a contemplação e as visões, quando são de Nosso Senhor, e não fruto da imaginação ou engano do demônio. Porventura São Paulo retirou-se depois de receber tais graças para se deleitar com elas, sem fazer mais nada? Não, ele não teve nem um dia de descanso, pelo que podemos entender da Escritura. Tampouco devia ter de noite, pois era quando ganhava o seu sustento. Gosto muito do que se conta de São Pedro, que ia fugindo do cárcere quando Nosso Senhor lhe apareceu e disse que estava a caminho de Roma para ser crucificado outra vez. Nunca deixo de sentir particular consolo quando rezamos essa festa e se lê tal passagem. Que efeito produziu essa graça do Senhor sobre São Pedro? Que fez ele? Foi logo para a morte. É grande misericórdia do Senhor encontrar quem a receba.

6. Oh, minhas irmãs, que esquecimento deve ter de seu descanso, que pouca importância deve dar à própria honra e com que firmeza deve renunciar à aprovação do mundo a alma onde o Senhor está presente de maneira tão especial! Se ela permanece sempre com ele, como é o caso, pouco deve lembrar-se de si. Toda a sua mente há de ocupar-se em contentar-lhe cada vez mais e em descobrir como demonstrar o amor que lhe tem. A oração é para isso, minhas filhas. Para isto serve esse matrimônio espiritual: para que nasçam sempre obras, obras.

7. Essa é a maior prova de que são obra e graça de Deus, como já disse. Pouco me vale ficar recolhida a sós, adorando a Nosso Senhor, propondo e prometendo fazer mil maravilhas a seu serviço, se, saindo dali, na primeira ocasião, faço tudo ao contrário. Fiz mal em dizer *pouco me vale*, pois tudo o que fazemos em companhia de Deus é muito proveitoso, mesmo que não tenhamos forças para cumprir logo nossos propósitos. Mais cedo ou mais tarde, Sua Majestade nos dará ânimo para isso. Talvez até mesmo quando mais nos pesar, como acontece muitas vezes. Quando vê a alma muito covarde,

dá-lhe um trabalho muito grande, contrário à sua vontade e faz que ela saia com lucro. Então, como a alma compreende isso, diminui o medo que a impedia de se oferecer a ele.

Volto a dizer: quando afirmei que *pouco me vale ficar recolhida a sós, adorando a Nosso Senhor*, quis mostrar que é muito mais proveitoso quando nossas palavras e ações estão unidas e a serviço do Senhor. Quem não puder fazer isso desde já, que o faça aos poucos, e vá dobrando a própria vontade. Assim poderá colher os frutos da oração. Vivendo retiradas em nossos mosteiros, não lhes faltarão oportunidades.

8. Notem que isso é muito mais importante do que eu saberei recomendar. Ponham os olhos no Crucificado, e tudo o que vocês fizerem parecerá pouco. Se Sua Majestade nos mostrou o seu amor com tão espantosas obras e sofrimentos, como querem contentar-lhe só com palavras? Vocês sabem realmente o que é ser espiritual? É fazerem-se escravas de Deus para que, marcadas com o seu ferrete que é a cruz (pois já lhe deram a sua liberdade), possa vendê-las como escravas do mundo inteiro, como ele foi. E assim o Senhor

não lhes faz nenhuma ofensa, mas grande graça. Se ainda não se determinaram a isso, posso lhes garantir que terão muito lucro se o fizerem.

A humildade é o fundamento de todo esse edifício, como já disse²⁰. Se não há humildade verdadeira, para seu próprio bem, o Senhor não as elevará muito alto, a fim de que vocês não deem com tudo por terra. Então, irmãs, se querem construir sólidos alicerces, cada uma trate de ser a menor de todas e escrava das outras, procurando servir-lhes e dar-lhes contentamento. Desse modo, tudo o que fizerem farão mais para si mesmas do que para as outras. Será como assentar firmemente as pedras de base para que esse castelo não venha a ruir.

9. Mas, repito, não se pode construir os alicerces desse castelo só com oração e contemplação. Se vocês não procuram aprimorar e exercitar as virtudes, sempre ficarão anãs. Nesse caso, queira Deus que não lhes aconteça algo pior do que apenas parar de crescer, porque vocês já sabem que quem não

²⁰ Em *1^{as} Moradas*, cap. 2, §§ 8, 9, 11 e 13.

crece decresce. Acho impossível que o amor, se realmente é amor, permita-se ficar ocioso.

10. Não estou dizendo que o trabalho árduo seja para os principiantes e que já podem descansar os que chegaram a estas sétimas moradas. Como disse, o sossego que essas almas mais adiantadas têm no interior é para compensar o pouco que têm (nem querem ter) no exterior. Vocês acham que aquelas inspirações de que falei, ou, melhor dizendo, aquelas aspirações, servem para que? E aqueles agrados que a alma envia do centro interior à gente de cima e às outras moradas do castelo? É para que se deitem e durmam? Não, não e não! A alma lhes faz guerra dali para que as faculdades, os sentidos e todo o corpo não estejam ociosos. Mais do que lhes fazia quando andava junto deles padecendo. Então ela não entendia o ganho imenso que há nas tribulações, que foram os meios de que Deus se serviu para trazê-la até as sétimas moradas. Nem compreendia como a companhia do Senhor lhe dá mais forças do que nunca. Ora, se Davi disse que com os santos seremos santos aqui neste mundo²¹, certamente a alma também há de se

²¹ Salmo 17, 26.

fortalecer estando feita uma só coisa com a Força Suprema que lhe transmitirá fortaleza por meio de tão excelente união de espírito com espírito. E assim conheceremos a coragem que os santos tiveram para padecer e morrer.

11. A força que a alma adquire nessa união socorre, por certo, a todos os que estão no castelo e até ao próprio corpo, que muitas vezes já não lhe estorva mais o agir. O vinho dessa adega, aonde a trouxe definitivamente o seu Esposo, revigora a alma e restaura as energias do corpo, tal como o alimento recebido no estômago dá força à cabeça e a todo o corpo.

Sendo assim, o corpo tem má sina enquanto vive. Por mais que se esforce, não consegue corresponder à imensa força interior da alma, que nunca se contenta e peleja para obrigá-lo a fazer cada vez mais boas obras, pois tudo o que faz lhe parece nada. Daqui deviam vir as grandes penitências que muitos santos fizeram, em especial, a gloriosa Madalena, criada em meio a tanta abundância. E aquela fome que teve o nosso pai Elias da honra do seu Deus. E a que teve São Domingos e São Francisco de ajuntar almas para que o Senhor fosse louvado. Devem ter passado

por grandes provações totalmente esquecidos de si mesmos.

12. É isso que eu quero, minhas irmãs: procuremos alcançar esse desprendimento de nós mesmas. Não para nosso deleite, mas para receber forças e servir. Desejemos a oração e ocupemo-nos dela.

Não tomemos caminhos desconhecidos, pois certamente nos perderemos na melhor parte. Seria muito temerário pensar que podemos receber essas graças de Deus por outro caminho que não aquele por onde foram e vão todos os seus santos. Que isso nem lhes passe pela cabeça. Creiam-me que Marta e Maria devem andar juntas para acolher ao Senhor, tê-lo sempre consigo e não faltar ao dever de hospitalidade, negando-lhe algo de comer. Como Maria poderia servi-lo sentada a seus pés se sua irmã não a ajudasse?²² O alimento que devemos oferecer ao Senhor é, de todas as maneiras que pudermos, ganhar almas para que se salvem e louvem a Deus para sempre.

²² É preciso conciliar a ação exigida pela caridade cristã (simbolizada por Marta) com a contemplação do Senhor (simbolizada por Maria).

13. Vocês me dirão duas coisas: uma, é que o Senhor disse que Maria tinha escolhido a melhor parte. Mas isso é porque ela já tinha feito o trabalho de Marta, agradando ao Senhor quando lavou-lhe os pés e enxugou-os com seus cabelos²³. Vocês acham, por acaso, que seria pouca mortificação uma senhora desacreditada como ela caminhar cheia de fervor pelas ruas e, sem saber de onde tirava forças, entrar onde nunca estivera antes, suportar as murmurações do fariseu e tantas outras que deve ter ouvido?

Tamanha mudança de vida é rara entre gente de costumes tão corrompidos. Bastava verem a amizade que dedicava ao Senhor, por quem eles sentiam tanta aversão, para se lembrarem da vida que ela tinha levado e acusá-la de querer agora fazer-se de santa, pois certamente logo voltaria à vida anterior.

Se hoje em dia se diz o mesmo de pessoas pouco vocacionadas para a santidade, que seria então? Estejam certas, irmãs, que aquela “melhor parte” vinha depois de muitas provações e mortificações. Ver seu Mestre sendo

²³ João 12, 1-3.

tão odiado já era dor intolerável para ela. E que dizer da aflição que sentiu depois, na morte do Senhor? Tenho para mim que ela não sofreu martírio porque já tinha passado por isso, assistindo a morte do Senhor e sofrendo o terrível tormento da sua ausência nos anos que ainda viveu. Por aí se vê que ela não usufruía sempre o prazer da contemplação aos pés do Senhor.

14. Outra coisa que vocês me dirão é que não sabem levar almas a Deus. E que fariam de muito boa vontade, sim, mas não tendo o costume de ensinar e pregar, como tinham os apóstolos, não sabem fazê-lo.

Já tratei desse assunto por escrito algumas vezes, não sei se neste *Castelo*. Mas, como creio que esse dilema ainda lhes atormenta a consciência, movido pelos desejos que o Senhor lhes dá de servir ao próximo, vou repetir aqui que às vezes o demônio nos dá grandes ambições para que deixemos de fazer o que está ao nosso alcance no serviço do Senhor e fiquemos muito contentes por apenas sonhar com grandes obras impossíveis. Vocês já ajudam muito com suas orações. Não queiram servir o mundo inteiro,

mas sim às pessoas com as quais vocês convivem. Essa será a sua maior obra, porque vocês estão mais obrigadas a ajudá-las.

Pensam que é pouca coisa dar exemplo de grande humildade e ter imenso desejo de se mortificar, servir às irmãs e mostrar tanta caridade para com elas ao ponto de fazer que esse fogo de amor pelo Senhor incendeie a todas e desperte nelas as demais virtudes? Será serviço muitíssimo agradável ao Senhor. Fazendo aquilo que está ao seu alcance, Sua Majestade saberá que vocês ajudam muito e lhes dará um grande prêmio, como se ganhassem inúmeras almas para ele.

15. Vocês dirão que isso não é converter almas, porque aqui todas são boas. Mas quem lhes mandou fazer isso? Quanto melhor vocês forem, mais agradáveis os seus louvores serão ao Senhor, e suas orações beneficiarão mais ao próximo. Enfim, minhas irmãs, vou concluir dizendo que não devemos levantar torres sem base sólida. O Senhor olha menos para a grandeza das obras e mais para o amor com que são feitas. Desde que façamos o que for possível, Sua Majestade cuidará para que possamos

progredir cada dia mais e mais, se não nos cansamos logo.

No pouco tempo que dura esta vida (às vezes, ainda menos do que se espera), ofereçamos ao Senhor o sacrifício que pudermos, interior e exteriormente. Sua Majestade o juntará ao sacrifício na cruz que ele mesmo ofereceu ao seu Pai por nós, para lhe imprimir o valor que o nosso amor tiver merecido, embora sejam pequenas as nossas obras.

16. Queira Sua Majestade, minhas filhas e irmãs, que nos vejamos todas onde sempre o louvemos. E que ele me dê a graça de realizar alguma das boas obras de que lhes falei aqui, pelos méritos de seu Filho que vive e reina por todo o sempre, amém.

Confesso que termino de escrever tomada de grande temor. Por isso, peço-lhes, pelo mesmo Senhor, que não se esqueçam desta pobre miserável em suas orações.

Epílogo

JHS

1. Quando comecei a escrever este tratado, foi com as dúvidas de que falei no princípio. Mas agora, depois de concluído, estou contente com o resultado (embora reconheça que é muito pequeno) e dou por bem gasto o tempo que me tomou.

Considerando a vida enclausurada e o pouco divertimento que vocês têm, minhas irmãs, bem como a falta de espaço em alguns de nossos mosteiros, parece-me que será boa compensação deleitarem-se nesse castelo interior, pois, sem licença dos superiores, vocês podem entrar e passear nele a qualquer hora.

2. É verdade que não poderão entrar em todas as moradas com suas próprias forças, por maiores que lhes pareçam. Apenas o Senhor do castelo pode introduzi-las nelas. Sendo assim,

aviso-lhes que não forcem a entrada se encontrarem qualquer resistência. Desgostariam Sua Majestade a tal ponto que nunca mais as deixaria entrar.

Ele aprecia muito a humildade. Se vocês se considerarem em tão pouca conta que nem em sonho se julguem merecedoras de entrar nas terceiras moradas, ganharão mais depressa a Sua vontade para fazê-las chegar às quintas. E de tal maneira ali poderão servi-lo, voltando a elas muitas vezes, que acabará por introduzi-las na morada que ele tem para si. E aí chegando, não saiam mais, exceto para atender um chamado da priora, cuja vontade este Senhor quer tanto que vocês cumpram como se fosse a Sua. Ainda que passem muito tempo fora, por obediência às ordens da priora, quando voltarem, ele sempre lhes abrirá a porta. E, uma vez habituadas a gozar desse castelo, em todas as coisas acharão descanso, mesmo que sejam muito penosas, devido à esperança, que ninguém poderá lhes tirar, de voltar a ele.

3. Embora sejam apenas sete moradas, há muitos aposentos em cada uma delas, em baixo, em cima e nos lados, com lindos jardins e fontes,

além de muitas outras coisas tão agradáveis que vocês desejarão se desfazer em louvores ao grande Deus que criou o castelo à sua imagem e semelhança.

Se vocês encontrarem algo de bom no que escrevo em obediência à ordem que recebi de dar notícia dele, creiam que, na verdade, foi Sua Majestade que o disse para lhes dar contentamento. E o que acharem de mau foi dito por mim.

4. Pelo imenso desejo que tenho de ajudá-las a servir a este meu Deus e Senhor, peço-lhes que, cada vez que vocês lerem este livro, louvem muito a Nosso Senhor Jesus Cristo em meu nome e supliquem-lhe o aumento da sua Igreja e luz para os luteranos. Roguem-lhe também que perdoe os meus pecados e me tire do purgatório, pois talvez esteja lá, por misericórdia de Deus, quando vocês chegarem a ler isto, se for aprovado pelos letrados.

Se houver algum erro, é por falta de entendimento. Em tudo me sujeito ao que ensina a Santa Igreja Católica Romana e nisto vivo, professo e prometo viver e morrer. Seja

Deus Nosso Senhor para sempre louvado e bendito, amém, amém.

5. Acabou-se de escrever este livro no mosteiro de São José de Ávila, no ano de mil quinhentos e setenta e sete, véspera de Santo André, para glória de Deus, que vive e reina para sempre sem fim, amém.

Pequeno Dicionário do *Castelo Interior*

Por Frei Patrício Sciadini, OCD

O Castelo Interior é a obra máxima de Teresa d'Ávila, escrito rapidamente por um coração que está cheio de Deus, de experiências místicas, que não pode e não quer guardar só para si mesma, mas sente a necessidade de comunicá-las. As coisas de Deus possuem uma linguagem própria, uma gramática que foge à nossa inteligência. A realidade espiritual, mística, não pode ser comunicada inteiramente, mas apenas por meio de um pobre “balbuciar”. Deus é comunicado mais pelo silêncio do que pela palavra. São João da Cruz diz isso claramente: “Deus, no silêncio, pronunciou, no silêncio, uma só Palavra, que é o Verbo, e continua a pronunciá-la em silêncio”. Lendo com atenção *O Castelo Interior*, sentimos o coração atraído para viver as coisas que Teresa nos fala. Pensamos que este pequeno dicionário teresiano será útil para a compreensão da obra.

ALMA: Na linguagem teresiana, a palavra alma é usada em lugar da palavra espiritual, em contraposição a corpo (ver 1M 1, 1 e também 4M 4, 5). Teresa também usa esta palavra muitíssimas vezes para significar a parte mais interior do ser humano. Tudo que é sobrenatural acontece na alma, a intimidade entre Deus e ela, a experiência da alma, o centro da alma (7M 1, 10). Nas Sétimas Moradas a palavra alma

aparece como o lugar da experiência de Deus, o matrimônio espiritual.

ARREBATAMENTO: No léxico teresiano, esta palavra indica êxtase ou fenômeno místico pelo qual Deus intervém pessoalmente na vida espiritual. A pessoa deve saber acolher a ação de Deus, sem resistir ao Espírito Santo. Isso é especialmente importante no Castelo Interior (6M 4).

ASCESE: É o esforço humano, sustentado pela graça de Deus, que a pessoa faz para purificar a si mesma de todos os sentimentos negativos. No Castelo Interior, Teresa trata da ascese especialmente nas Segundas e Terceiras Moradas.

BÍBLIA: Se em todas as obras teresianas as citações bíblicas estão presentes, muito maior é a presença da Bíblia no Castelo Interior onde Deus, com sua Palavra, proporciona uma experiência profunda e íntima do seu amor. Para compreender o que acontece na alma, é necessário prestar atenção às citações bíblicas de Teresa (7M).

BUSCA DE DEUS: Um tema central nos escritos de Teresa é: Onde buscá-Lo, onde encontrá-Lo? E a resposta que ela nos dá é: No centro do castelo, dentro de si mesmo (4M 4, 3).

CARIDADE (amor a Deus e ao próximo): O amor a Deus e ao próximo é o tema central do Castelo. Esses dois amores devem crescer harmoniosamente, pois isso é sinal de maturidade espiritual (5M 3, 1). Sobre isso, leia-se com atenção as últimas Moradas: o dinamismo do amor será o tema que Teresa desenvolverá nas Sextas Moradas; o amor que cria comunhão e missão será tratado nas Sétimas Moradas.

CASTELO INTERIOR: É uma profunda alegoria teológica e espiritual do caminho que o ser humano percorre saindo

de si mesmo para entrar em comunhão com Deus, que habita dentro de nós. Nesse castelo com muitas moradas, a palavra-chave é “proseguir no caminho” com cuidado para não voltar atrás nesse processo espiritual místico e assim alcançar a identificação total com Cristo, centro de toda a nossa experiência.

Primeiras Moradas: Entrada no castelo, conversão e auto-conhecimento.

Segundas Moradas: Luta e esforço ascético para colocar em ordem os próprios sentimentos, escutar a palavra de Deus e fazer oração meditativa.

Terceiras Moradas: Prova do amor: vencer o egoísmo e todos os outros defeitos, desejar que todos se salvem. Aridez espiritual.

Quartas Moradas: A alegoria das duas fontes, passagem à experiência mística, recolhimento, amor místico-passivo, quietude interior.

Quintas Moradas: Morte do bicho-da-seda, renascimento em Cristo. Estado de união com Deus, fazendo a Sua vontade, amor ao próximo.

Sextas Moradas: Purificação do amor, nova visão do passado matrimônio místico (6M 7, 9).

Sétimas Moradas: O simbolismo do matrimônio espiritual, as obras sempre confirmam o amor verdadeiro, salvar almas, servir a Deus e ao próximo, Marta e Maria (7M).

CENTRO DA ALMA: O ponto mais profundo da alma onde habita o nosso “eu” e Deus. É um caminho para o interior. É o tema que se repete praticamente em todas as Moradas até as Sétimas, onde estão apenas “EU” e DEUS.

COMPARAÇÕES TERESIANAS: No Castelo Interior, Teresa compara as suas experiências místicas com coisas simples do dia a dia, permitindo que qualquer pessoa, mesmo aquelas que não têm vivência própria desses fenômenos espirituais, possa compreender o seu pensamento:

Compara a alma com um castelo: “Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de um cristal claríssimo, onde há muitos aposentos, à semelhança das muitas moradas que há no céu” (1M 1, 1).

O demônio com uma lima surda: O demônio age como uma lima surda, isto é, “com muita sutileza e sob a aparência do bem, começa por separá-la [a alma] da vontade divina em coisinhas de nada e envolvê-la em outras que faz parecer inofensivas. E, pouco a pouco, vai lhe obscurecendo o entendimento, enfraquecendo a vontade e avivando nela o amor próprio. Assim lentamente afasta-a da vontade de Deus e a aproxima da sua” (1M 2, 16; 5M 4, 8).

Deus com um vendedor de triaga: Deus age como um vendedor de triaga (fórmula usada contra envenenamento), permitindo que o fiel caia em pecado (beba o veneno), mas em seguida lhe dá o remédio (a triaga), isto é, tira dessa mesma queda algum bem, de modo que ele cresça na virtude e na fé (2M 1, 9; 3M, 2, 2; 6M 4, 11).

As distrações da mente com os ruídos da natureza: “Enquanto escrevo, vou sondando o que se passa na minha cabeça. Um grande ruído quase me impede de prosseguir. É como o estrondo de muitos rios caudalosos que se

precipitam de grande altura. Há também muitas revoadas de passarinhos e silvos de ventos” (4M 1, 10).

A imaginação desordenada com a taramela do moinho: Taramela é uma pequena peça de madeira que, trepidando ruidosamente sobre a mó, faz com que a canoura libere os grãos pouco a pouco. A taramela do moinho simboliza a imaginação desordenada, que, em outro lugar, Santa Teresa chamou de “a louca da casa” (4M 1, 13).

A visão intelectual com uma sala ricamente ornamentada: O fiel que recebe de Deus a graça da visão intelectual não consegue depois se lembrar e descrever o que viu, assim como Teresa não conseguia se lembrar nem descrever a profusão de objetos decorativos que viu numa sala, na casa da Duquesa de Alba onde esteve hospedada (6M 4, 8).

A visão imaginária com uma jóia guardada num relicário: Geralmente o fiel não pode ver a jóia que está encerrada nesse relicário, porque não tem a chave. Mas, quando quer, o Senhor, que é dono do relicário, empresta-lhe a chave para que ele abra e veja esta jóia preciosa, que é a Sua sacratíssima humanidade (6M 9, 2-3).

O noivado espiritual com duas velas que se grudam: Quando duas velas grudam-se uma na outra, a cera, o pavio e a luz tornam-se uma só coisa. Mas depois sempre é possível separá-las para que voltem a ser duas velas, cada qual com seu pavio e sua cera. Assim é o noivado espiritual, pois os noivos ainda podem se separar, voltando cada qual à sua condição anterior (7M 2, 4).

O matrimônio espiritual com a chuva, um riacho e um aposento invadido pelo sol: O matrimônio

espiritual da alma com Nosso Senhor “é como a chuva que cai sobre um rio, mistura-se com ele e já não se sabe o que é chuva e o que é rio. Ou como um pequeno arroio que se lança no mar e depois não consegue mais se separar dele. Ou como um aposento com duas janelas por onde penetra muita luz, e, ainda que dividida ao entrar, lá dentro se faz uma só” (7M 2, 4).

A caridade cristã com a necessidade de conciliação entre Marta e Maria: O auge da perfeição espiritual é alcançado mediante a conciliação da ação exigida pela caridade (simbolizada por Marta) com a contemplação do Senhor (simbolizada por Maria), como se extrai de Lucas 10, 38-42 (7M 1, 10, e 4, 12-13). Veja-se também o verbete *Caridade*.

CONTEMPLAÇÃO: Para Teresa a contemplação não é obra do ser humano, mas dom de Deus. Assim cabe a nós não opor resistência à ação de Deus nos êxtases, arrebatamentos ou na oração de quietude. *O Castelo Interior*, escrito na maturidade humana e espiritual de Teresa, mostra o caminho para se chegar à íntima união com Deus (7M 2, 4).

CONTENTAMENTOS: São todo tipo de experiências prazerosas adquiridas na oração, semelhantes às satisfações que o mundo oferece (4M 1, 5).

ÊXTASE: Fenômeno místico, muito frequente na vida de Teresa, ao qual não se pode resistir, mas também não se deve dar muita importância. Nas Moradas encontramos fenômenos místicos, tais como arrebatamentos, voos do espírito, etc. É necessário ler e reler *O Castelo* para compreender o seu significado.

GOSTOS: São frutos do Espírito Santo (Gálatas 5, 22), que Deus concede ao homem novo em Cristo. São uma graça de

Deus, uma alegria espiritual que nem todos podem ter (5M, 6M e 7M).

JESUS CRISTO, SENHOR E ESPOSO: Teresa nos apresenta um Jesus divino e humano ao mesmo tempo. Forte é a leitura cristocêntrica nos escritos de Teresa e especialmente nas Moradas.

LOCUÇÕES: Toda a experiência teresiana de Deus pode ser examinada pela janela subjetiva e objetiva. Entre as suas diferentes experiências místicas, temos as locuções ou falas interiores, que são fenômenos místicos extraordinários em Teresa.

MATRIMÔNIO: A simbologia matrimonial não é uma invenção nem de Teresa, nem dos místicos, pois a encontramos na Bíblia. Deus escolhe o seu povo como esposa: a Igreja, esposa de Cristo; a alma, esposa de Cristo. Devemos recuperar esta simbologia mística para compreender em profundidade a nossa comunhão com Deus. Sem dúvida, os místicos do Carmelo (João da Cruz, com seu *Cântico Espiritual* e sua *Chama Viva de Amor*, e Teresa, com seu *Castelo Interior*) fazem desta simbologia um caminho para chegarmos ao matrimônio espiritual.

ORAÇÃO: O tema da oração perpassa todos os escritos de Santa Teresa que fala dos vários graus de oração:

Primeiro grau de oração: Oração bastante simples e inicial, que Teresa compara ao relacionamento entre Deus e um surdo-mudo, que se passa nas Primeiras Moradas.

Segundo: É a oração meditativa de um surdo-mudo que já começa a ouvir e falar, nas Segundas Moradas.

Terceiro: Caracterizada pela estabilidade da vida espiritual, nas Terceiras Moradas.

Quarto: Oração de quietude, nas Quartas Moradas.

Quinto: Oração de união, muitos momentos prolongados de união com Cristo, contemplação dos mistérios de Cristo, nas Quinta Moradas.

Sexto: Oração estática e graças místicas, nas Sextas Moradas.

Sétimo: Oração de união plena, conformidade com a vontade de Deus, nas Sétimas Moradas.

SENSUALIDADE: Parte sensitiva e desordenada da natureza humana (4M 1, 5).

SIMBOLOGIA BÍBLICA: Teresa conhece suficientemente a Bíblia e sabe recorrer à simbologia bíblica para explicar os vários fenômenos místicos que experimenta, por exemplo: a alma como jardim (1M 1, 2); o amor que é um fogo (6M 11, 2); a abelha (5M 2, 2); a água (4M, 2); a pérola (6M); a pomba (7M), a seda (7M). A própria palavra Moradas é um símbolo bíblico (Evangelho de João 14, 2). Olhando com atenção, encontraremos várias simbologias.

Sumário

Apresentação	5
Prólogo.....	13
Primeiras Moradas	17
Capítulo 1	
<i>Trata da beleza e dignidade das nossas almas. Faz uma comparação para mostrar isso. Diz o quanto importa compreender as graças que recebemos de Deus. Explica que a porta desse castelo é a oração.....</i>	17
Capítulo 2	
<i>Mostra como é feita a alma em pecado mortal e como Deus quis revelar algo disso a certa pessoa. Trata da necessidade de a alma se conhecer a si mesma. Explica como estas moradas devem ser entendidas.....</i>	25
Segundas Moradas	
Capítulo Único	
<i>Trata de como é imprescindível ter perseverança para alcançar as últimas moradas; da grande guerra que o demônio faz; e de como convém não perder o rumo no início. Ensina um modo de achar o caminho que a experiência revelou ser muito eficaz.....</i>	44
Terceiras Moradas	
Capítulo 1	
<i>Trata da pouca segurança que há enquanto vivemos neste desterro, mesmo para as almas que alcançaram um estado elevado. E de como convém andar com temor. Apresenta alguns pontos muito bons.....</i>	59

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto e trata das securas na oração. Mostra o que pode ocorrer. Diz como é necessário provarmo-nos e como o Senhor prova os que estão nestas moradas. 69

Quartas Moradas

Capítulo 1

Explica a diferença entre contentamentos e gostos na oração e conta a alegria que sentiu ao compreender a diferença entre a imaginação e o intelecto. É de grande proveito para quem se dedica à oração. 82

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. Faz uma comparação para explicar o que são gostos e diz como alcançá-los sem procurar. 96

Capítulo 3

Trata da oração de recolhimento que o Senhor costuma dar antes da oração dos gostos de Deus. Descreve os efeitos de uma e de outra. 105

Quintas Moradas

Capítulo 1

Começa a tratar de como a alma se une a Deus na oração. Ensina a reconhecer a verdadeira união. 121

Capítulo 2

Prossegue no mesmo tema. Explica a oração de união por meio de uma refinada comparação. Descreve os efeitos que produz na alma. É muito interessante. 133

Capítulo 3

Continua o mesmo assunto. Trata de outro tipo de união que a alma pode alcançar com o favor de Deus e de como isso é útil para aumentar o amor ao próximo. É muito proveitoso. 145

Capítulo 4

Prossegue no mesmo assunto, explicando mais detidamente essa oração. Mostra o quanto importa ficar de sobreaviso, pois o demônio se desdobra para fazer a alma voltar atrás no caminho iniciado..... 156

Sextas Moradas

Capítulo 1

Mostra que, começando o Senhor a fazer maiores graças, há maiores provações. Descreve algumas por que passam os que estão nestas moradas. É bom para quem enfrenta tribulações interiores..... 166

Capítulo 2

Trata de algumas maneiras muito sublimes pelas quais Nosso Senhor desperta a alma, onde aparentemente não há nada que temer. 180

Capítulo 3

Prossegue no mesmo assunto e diz como Deus fala à alma quando quer. Alerta sobre como conduzir-se nesse assunto sem nunca seguir a própria opinião. Ensina como descobrir se é engano. É muito proveitoso..... 187

Capítulo 4

Trata de quando Deus suspende a alma em oração com arrebatamento ou êxtase ou rapto (é tudo a mesma coisa, a meu ver) e como isso é necessário para lhe dar grande ânimo e prepará-la para receber muitas graças de Sua Majestade..... 201

Capítulo 5

Continua no mesmo assunto e mostra como Deus levanta a alma num voo do espírito diferente do já descrito. Mostra algumas das razões por que é imprescindível ter coragem. Conta algo acerca dessa graça prazerosa que o Senhor faz. É muito proveitoso..... 215

Capítulo 6

Descreve um efeito da oração de voo do espírito pelo qual se saberá se é autêntica. Trata de outra graça que o Senhor faz à alma para movê-la a louvá-lo..... 224

Capítulo 7

Descreve o remorso que sentem por seus pecados as almas que recebem de Deus as graças descritas no capítulo anterior. Explica que é grande erro não meditar, por mais espiritual que se seja, na humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, sua sacratíssima vida e paixão, sua gloriosa Mãe e santos. É muito proveitoso. 236

Capítulo 8

Mostra como Deus se comunica com a alma por visão intelectual. Faz alguns alertas e descreve os efeitos que produz quando é autêntica. Recomenda que se mantenha essa graça em segredo..... 251

Capítulo 9

Trata de como o Senhor se comunica com a alma por visão imaginária e adverte para que não ambicionem seguir por esse caminho. Explica o motivo. É muito proveitoso..... 261

Capítulo 10

Mostra outras graças que Deus faz à alma por caminhos diferentes dos já descritos e o grande benefício que trazem. 275

Capítulo 11

Trata dos desejos que Deus dá à alma de gozá-lo, tão grandes e impetuosos, que a põem em risco de vida. E do proveito que essa graça do Senhor traz..... 281

Sétimas Moradas

Capítulo 1

Mostra as imensas graças que Deus faz às almas que entram nas sétimas moradas. Trata da diferença entre alma e espírito, embora ambos sejam uma só coisa. Há verdades dignas de se ter em conta. 292

Capítulo 2

Prossegue no mesmo assunto. Trata da diferença entre noivado espiritual e matrimônio espiritual. Explica-a com refinadas comparações. 302

Capítulo 3

Descreve os grandes efeitos que essa oração produz. É preciso examiná-los com atenção e cautela, pois são muito diferentes dos que acompanham as graças anteriores. ... 312

Capítulo 4

Finaliza explicando o que lhe parece que pretende Nosso Senhor ao conceder tão grandes graças à alma e como é necessário que Marta e Maria andem juntas. É muito proveitoso..... 324

Epílogo..... 338

Pequeno Dicionário do *Castelo Interior*..... 342



Santa Teresa deixou-nos, entre outros, o Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Fundações, O Castelo Interior, Poesias, Exclamações, cerca de quatrocentas cartas e numerosas poesias. Considerado por ela mesma sua obra-prima, O Castelo foi escrito em 1577 a mando do seu diretor espiritual, padre Jerónimo Gracián, que dava como perdido o autobiográfico Livro da Vida, confiscado pela Inquisição. Apesar das graves enfermidades que a afligiam e dos muitos afazeres, a Santa obedeceu e se lançou freneticamente à tarefa de escrever.

O Castelo completa a mensagem das obras anteriores, Vida e Caminho. De maneira mais discreta, sob o véu do anonimato, Teresa cria belíssimas metáforas para descrever as próprias experiências místicas, que interpreta à luz da Escritura. Logo nas primeiras páginas, ela nos apresenta a imagem que dá título ao livro: a alma é como um castelo de diamante com sete moradas (os sete estágios da vida contemplativa). E diz que a porta de entrada desse castelo é a oração, pela qual Nosso Senhor introduz a alma nas primeiras moradas e guia-a através das seguintes até chegar às sétimas moradas, onde ela alcança a perfeita união com Deus.

ISBN 978-85-92850-00-5



9 788592 850005